

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO
NA COMUNIDADE BILÍNGUE DE SÃO MARCOS – RS**

LETÍCIA CAO PONSO

PORTO ALEGRE
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ITALIANO
NA COMUNIDADE BILÍNGÜE DE SÃO MARCOS – RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, área de Aquisição da Linguagem.

LETÍCIA CAO PONSO

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Orientador

PORTO ALEGRE
2003

Dedico este trabalho
a minhas *nonnas* Clotilde e Alda
e a Leandro Benatto.

Meus agradecimentos para...

O CNPq, pela bolsa de estudos concedida.

O Prof. Cléo Altenhofen, pela paciência e bondade, sem as
quais este trabalho não teria sido realizado.

O Projeto ALERS, por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa.

A Prof^a. Ana Zilles, cuja dedicação ao conhecimento foi especialmente marcante
na minha trajetória como aluna.

As famílias Benatto e Longhi, pela hospitalidade com que me
receberam durante o trabalho de campo.

Os amigos Rafa Wild e Mário Guima, pelo prazer de tantas
descobertas e aventuras compartilhadas.

A minha família, pelo exemplo que vale mais do que todo o conhecimento
que uma escola poderia me dar.

RESUMO

Esta dissertação pretende investigar aspectos do contato entre o português e o italiano em uma comunidade bilíngüe na Região de Colonização Italiana situada no nordeste do Rio Grande do Sul (Brasil). Esse contato acarreta uma série de interferências entre os dois sistemas lingüísticos em questão, desencadeando uma situação de variação que avança (e por vezes também regride) em várias dimensões, motivada por parâmetros extralingüísticos, como sexo e idade dos falantes, ambiente rural/urbano, situações de comunicação, etc. Restringiu-se a análise lingüística ao âmbito das interferências fonéticas da língua italiana na portuguesa, as quais serão examinadas sob a perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional. A partir do estudo de tal fenômeno, pretende-se detectar quais são as variáveis mais sujeitas a valorações sociais no revezamento entre as variedades dialetais envolvidas no contato. O presente trabalho tem implicações para o estudo de línguas minoritárias, línguas em contato, bilingüismo, ensino de línguas a crianças bilíngües.

ABSTRACT

This dissertation attempts to investigate some aspects of the contact between the Portuguese and the Italian languages in a bilingual community in the Italian Immigration Region, situated in the northeast of Rio Grande do Sul state, in Brazil. This contact brings on a number of interferences between the two linguistic systems, unleashing a situation of variation which moves forward (and sometimes also backward) in several dimensions, motivated by extralinguistic parameters, such as the speakers' sex and age, country/city environment, communication circumstances, etc. The linguistic analysis is circumscribed to phonetic interferences of Italian in Portuguese, which are examined from the perspective of the *Pluridimensional Dialectology*. From the study of such phenomenon, it was our intention to ascertain what variables are more subject to social valuations in the alternation between the dialectal varieties involved in the contact. There might be some implications for the study of minority languages, languages in contact, bilingualism, language teaching for bilingual children.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

Introdução	12
1 O elemento italiano no Rio Grande do Sul	17
1.1 O contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul	17
1.2 Aspectos sociais das comunidades bilíngües em italiano e português	22
1.3 Aspectos do bilingüismo italiano-português no Rio Grande do Sul	29
2 Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa	37
2.1 Referenciais teóricos	37
2.1.1 Línguas em Contato e Bilingüismo	37
2.1.2 A interinfluência de L1 e L2	40
2.1.3 A língua como identidade	42
2.1.4 A variação em situações de contato lingüístico	45
2.2 Metodologia da Pesquisa	50
2.2.1 Definição dos informantes conforme as dimensões de análise da variação	51
2.2.2 O ponto de inquérito: São Marcos – RS	55
2.2.3 Definição das variáveis lingüísticas	62
2.2.4 Intrumentos de coleta dos dados	71
3 Análise dos dados da variação do português de contato em São Marcos	77
3.1 Configuração de dominância das línguas em contato	78
3.1.1 Condições de aquisição do português	79
3.1.2 Habilidades no uso do italiano e do português	80
3.1.3 Frequência, duração e pressão no uso das línguas	82
3.1.4 Funções internas e externas	82

3.1.5	A identidade e a visão da própria língua _____	83
3.1.6	Sintetizando: o perfil dos falantes bilíngües da pesquisa _____	86
3.2	Comportamento das variáveis lingüísticas no uso do português _____	86
3.2.1	Dimensão diafásica: variação nos estilos de fala do português _____	87
3.2.2	Dimensão diageracional: como falam os <i>nonnos</i> , os pais e os filhos ____	93
3.2.3	Dimensão diassexual: o português dos homens e das mulheres _____	96
3.2.4	Dimensão diatópica: o espaço geográfico ocupado por variantes do português _____	98
3.2.5	Dimensão dialingual: o comportamento dos falantes monolíngües ____	99
3.2.6	Dimensão diarreferencial: como os falantes julgam sua maneira de falar _	100
	Considerações Finais _____	102
	BIBLIOGRAFIA _____	107

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Definição dos informantes conforme as dimensões de análise _____	53
Quadro 2: Dimensões de análise da variação lingüística _____	54
Quadro 3: Palavras selecionadas para o inquérito _____	70
Quadro 4: habilidades no uso do italiano e do português conforme o nível gramatical e a geração dos informantes _____	82
Quadro 5: Estilo de fala espontânea (número de cada variante lingüística em 30 min de discurso livre) _____	88
Quadro 6: Estilo de fala em situação de entrevista com questionário: número de ocorrências (pergunta e resposta – em dez ocorrências por variável lingüística) _____	89
Quadro 7: Estilo de leitura: número de ocorrências de cada variante lingüística na leitura da Parábola do Semeador _____	90
Tabela 1: Índices de bilingüismo em São Marcos segundo dados do BIRS (1985-1987) _____	60

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1: Índice de ocorrências de variantes [+ita] para cada uma das sete variáveis estudadas nos três estilos de fala _____ 91
- Gráfico 2: Índice de ocorrências de variantes [+ita] conforme sexo e idade dos informantes em cada estilo de fala _____ 92
- Gráfico 3: Distribuição das variantes [+ita] e [+ptg] conforme os estilos de fala _____ 93
- Gráfico 4: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por idade no estilo de entrevista com questionário _____ 94
- Gráfico 5: Distribuição das variantes [+ita] e [+ptg] conforme sexo e idade _____ 95
- Gráfico 6: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por idade no estilo de leitura _____ 96
- Gráfico 7: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por sexo dos informantes _____ 98

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Regiões de partida, na Itália, da maioria dos imigrantes Italianos vindos à RCI, segundo Frosi (1983: 83) _____	19
Mapa 2: Áreas bilíngües de colonização de imigrantes não-lusos no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (2000: 91) _____	20
Mapa 3: Mapa da vegetação do Rio Grande do Sul segundo Magnoli (2001) _____	21
Mapa 4: Localização da cidade de São Marcos nas áreas bilíngües delimitadas pelo ALERS _____	57
Mapa 5: Localização de São Marcos na RCI _____	58
Mapa 6: Análise do mapa 21 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos _____	63
Mapa 7: Análise do mapa 28/29 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos _____	64
Mapa 8: Análise do mapa 31/32/33 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos _____	65
Mapa 9: Análise do mapa 44 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos _____	66
Mapa 10: Análise do mapa 46 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos _____	67

INTRODUÇÃO

Contrariamente à visão equivocada de que existe um português homogêneo para todo o território nacional, existe hoje no Brasil, felizmente, uma crescente preocupação em reconhecer e divulgar o alto grau de diversidade e variabilidade do português brasileiro. Principalmente pelas implicações dessa heterogeneidade lingüística no âmbito da educação e da cultura, é indispensável desvendar o **Brasil plurilíngüe** que abrange principalmente a região sul - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O português falado nesses estados apresenta particularidades lingüísticas que se ligam especialmente à variação decorrente do contato lingüístico entre a língua portuguesa e as línguas de adstrato trazidas por imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses, etc. Desse contato surgem comportamentos lingüísticos diversos, incluindo fenômenos de interferência lingüística, empréstimos, *code-switching*, e ainda a manutenção ou morte de uma das variedades em contato, os quais se apresentam como uma produtiva fonte de estudos não apenas para a descrição da relação entre as línguas minoritárias e a língua oficial dominante do meio, como também para a compreensão das implicações mais gerais dessa relação. Por ser o principal veículo da cultura de uma comunidade, quando uma língua transforma-se ou morre, provoca conseqüências que se estendem a outros domínios em que a identidade de seus falantes se manifesta.

Todavia, apesar das potencialidades do Brasil como um laboratório por excelência para estudos sobre línguas em contato, há ainda uma carência significativa de estudos nessa área, pelo menos numericamente desproporcional à dimensão e relevância que a questão merece ter. Por isso, constitui um compromisso social dos lingüistas brasileiros estudar e descrever as características tanto do português falado pela população bilíngüe dessas áreas de imigração, como também das variedades de adstrato, identificadas como línguas minoritárias de menor prestígio social. Além de se documentar uma riqueza relativamente oculta, e ocultada pela política vigente desde a República e o Estado Novo getulista,¹ pretende-se dar uma contribuição para uma melhor compreensão dos complexos vieses do pluralismo cultural e lingüístico dessa realidade, inclusive do ponto de vista teórico e metodológico da pesquisa dialetológica e sociolingüística do bilingüismo como um tema extremamente atual da conjuntura internacional.

¹ Ver Altenhofen (2002b).

O presente trabalho toma como **área de estudo** as relações entre o português – neste caso, a língua nacional, majoritária e oficial, de *status* mais elevado, maior prestígio e poder – e o italiano – representado por variedades dialetais trazidas pelos imigrantes a partir do final do século XIX para a região nordeste do Rio Grande do Sul. Os imigrantes italianos que aqui chegaram em 1875 e as gerações de ítalo-gaúchos que os sucederam sofreram um processo de aculturação e assimilação² com conseqüências significativas para o desenvolvimento da linguagem. Ao contrário dos imigrantes alemães, que haviam chegado ao Estado algumas décadas antes, os italianos não tiveram tantas dificuldades de adaptação à cultura brasileira, em parte provavelmente pela semelhança lingüística entre o italiano e o português, em parte pelas condições de ocupação do território, que já estavam mais consolidadas. Um estudo comparativo com o bilingüismo alemão-português seria extremamente revelador, considerando que possuem perfis bastante distintos.

Mais especificamente, nossa pesquisa tem como foco de análise o contínuo variacional do português resultante do contato com o italiano na comunidade bilíngüe de São Marcos, situada a 160 km de Porto Alegre, na região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. A partir de um conjunto de variáveis lingüísticas previamente selecionadas, pretendemos analisar o processo de difusão do português através das diferentes dimensões sociais da comunidade, demarcando dessa forma etapas e níveis diferenciados de aquisição do vernáculo, bem como descrevendo traços das variedades internas que se distinguem em meio à variação lingüística da mesma comunidade bilíngüe.

Em outras palavras, constitui o **objetivo central** deste trabalho investigar o processo que leva os falantes da comunidade de um estágio monolíngüe na língua do imigrante, passando pelo bilingüismo até o monolingüismo em português. É possível tomar o bilingüismo societal como um tipo de filtro entre um estágio e outro, onde ficariam os traços de interferência *lato sensu* presentes entre aprendizes iniciais de português, monolíngües em L1 = italiano, até bilíngües com proficiência diferente em ambas as línguas e monolíngües em português como L2 da comunidade? Pergunta-se, além disso, como o contato interlingual de duas línguas históricas diferentes interfere no contato intralingual em português (por exemplo, o português dos jovens bilíngües em contato com o português dos velhos bilíngües). Em que medida essa relação modifica a linguagem? Ao

²Ver Willems (1980).

pretender caracterizar o português da comunidade como um *continuum* de diferentes níveis de aquisição do mesmo, temos como **objetivo específico** a análise das interferências fonéticas, ou melhor, o modo como se mantêm ou modificam os traços de interferência do italiano na fonética do português, considerando as várias dimensões de análise da variação do português, a serem explicitadas pela metodologia da pesquisa (ver 2.2). Assim, o estudo do contato interdialeto, como o concebemos no presente estudo, objetiva fundamentalmente uma melhor compreensão dos modos de difusão de fenômenos lingüísticos e de aquisição da linguagem em uma comunidade bilíngüe (no caso em italiano e português), além de fornecer informações sobre a história do contato ítalo-português no Rio Grande do Sul e as relações interculturais entre as duas etnias envolvidas.

Para o propósito estabelecido, priorizamos o uso de variáveis fonéticas por serem mais recorrentes e de mais fácil observação nos falantes descendentes de imigrantes italianos nas "colônias velhas" do nordeste do Rio Grande do Sul. Assim, o problema da interferência fonética observada na fala dos ítalo-gaúchos serve para detectar relações muito mais amplas no comportamento lingüístico condicionado pelo contato com o português, evidenciando por isso diferenças na frequência e na distribuição das variantes observadas conforme parâmetros como sexo, idade, situação de fala, meio escrito ou oral, etc. Também desempenham um papel relevante para a pesquisa aspectos ligados à alternância de código, aos empréstimos lexicais, à variação morfológica, entre outros, que podem eventualmente complementar nossa análise do nível fonético-fonológico, foco central deste estudo, principalmente no que se refere àquelas variantes com significados sociais específicos.

Em termos teóricos, o presente estudo insere-se no **âmbito de estudos** de Dialetoлогия e Sociolingüística, como um estudo pontual ligado à linha de pesquisa de "variação e mudança lingüística" e de "contatos lingüísticos e interação social" do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Utiliza-se, para tanto, a terminologia da moderna Dialetoлогия Pluridimensional, porém sem a abrangência que esta confere à diatopia, e mais como ciência geral da variação lingüística, da qual se aproveita o princípio essencial da pluridimensionalidade da variação. Com isso, pretende-se contribuir com o desenvolvimento desse modelo teórico, mesmo considerando apenas lateralmente uma de suas noções centrais, a dimensão diatópica (do espaço). Daí preferir-se a noção de dimensão à de variável ou fator extralingüístico.

Com base em resultados de pesquisas já feitas, e partindo portanto do pressuposto de que a variação é inerente ao uso da(s) língua(s) e se desdobra em um plano pluridimensional, considerando além disso as interferências do italiano no português falado na região em estudo, surgem as seguintes **hipóteses e questões**, essenciais para a nossa análise:

(1) Existe uma diferença significativa do uso do português conforme as gerações de falantes (variação diageracional), ou seja, observam-se menos interferências do italiano entre pessoas mais jovens do que entre os velhos? E a geração dos adultos fala uma variedade diferente de português quando se dirige aos mais jovens e aos mais velhos? Estes estimulam os jovens a aprender o italiano? Por quê?

(2) Até que ponto a diferença de uso do português entre homens e mulheres (variação diasssexual) reflete uma correlação com a manutenção ou substituição do italiano pelo português na comunidade em estudo? Essa questão está vinculada à diferença de papéis sociais assumidos por homens e mulheres na colônia ítalo-brasileira?

(3) Verificam-se traços de interferência do italiano na fala dos monolíngües (variação dialingual), os quais constituem uma minoria local, permanentemente exposta a um português de contato que contém traços de interferência? Em que medida a penetração do elemento luso-português reforça ou inibe os traços do italiano? Afirma-se que o contato com o luso acelera o processo em direção ao domínio do português. Mas não seria possível que fatores de ordem identitária e etnocêntrica reforçassem o uso do italiano?

(4) Qual é a variante do português falado atualmente na comunidade bilíngüe em estudo e quais traços de interferência fonética do italiano mais o distinguem? Quem se aproxima mais do dialeto: os homens ou as mulheres? Os velhos ou os jovens? O meio urbano ou o rural? Falantes monolíngües falam o mesmo português que os bilíngües?

Conforme já acenamos anteriormente, sustentamos a **hipótese fundamental** de que não existe apenas uma variedade de português local, mas um espectro ou *continuum* de variedades e níveis de aquisição demarcados pelos diversos parâmetros sociais dos membros da comunidade. Nosso intuito, neste estudo, portanto, é não apenas descrever traços “identificadores” do português falado na comunidade bilíngüe escolhida, mas também, respondendo às questões acima, estabelecer relações entre os fatores que determinam os diferentes usos da língua por parte dos falantes dessa comunidade.

Para tanto, dividimos o trabalho da seguinte maneira: no **capítulo 1**, faremos uma contextualização histórica do processo de colonização envolvendo os imigrantes que aqui se estabeleceram e abordaremos alguns aspectos sociais da comunidade que se formou, bem como uma configuração lingüística das cidades que constituem a região de colonização italiana no Rio Grande do Sul.

O **capítulo 2** divide-se em duas partes: na primeira, abordaremos os pressupostos teóricos do trabalho, no âmbito dos estudos de “bilingüismo e línguas em contato” e de “variação e mudança lingüística”. A segunda parte descreve a metodologia empregada na pesquisa de campo, caracterizando entre outras coisas a comunidade bilíngüe em estudo e os procedimentos empregados para a coleta e análise dos dados.

Finalmente, no **capítulo 3**, apresentam-se e discutem-se os resultados, conforme cada dimensão de análise dos dados, separadamente e através de cruzamentos diversos. Faz-se, para tanto, uma quantificação das variantes coletadas que é complementada com dados da pesquisa qualitativa, portanto valendo-se de uma combinação desses dois métodos.

Capítulo 1

O ELEMENTO ITALIANO NO RIO GRANDE DO SUL

1.1 O contexto da imigração italiana no Rio Grande do Sul

Os grandes movimentos migratórios de povos que são forçados a abandonar seu país de origem pelas mais diversas razões encontram-se na base da maioria dos contatos entre grupos étnicos,³ os quais, convergindo para um mesmo espaço geográfico, não apenas têm de adaptar-se ao novo meio, mas também efetuar trocas culturais com os demais grupos étnicos em contato. Neste particular, a linguagem talvez seja o elemento de troca que mais sofra modificações, considerando a relação estreita que existe entre a estrutura social e o uso da língua pelos falantes.

Por ter recebido grande contingente de imigrantes de origens diversas, é inegável a importância do Brasil como uma fonte profícua de experiências para os estudos na área de bilingüismo e línguas em contato. Isso é especialmente relevante no Rio Grande do Sul, onde, mais que em qualquer outro estado da Federação, o papel da imigração européia no século XIX foi determinante na configuração étnica, cultural e econômica da sociedade. A contribuição dos imigrantes alemães (vindos a partir de 1824), italianos (a partir de 1875) e poloneses (a partir de 1890) deixou marcas profundas nos mais diversos domínios da vida cultural e social, influenciando também o elemento luso-brasileiro dominante na região.

No que se refere à imigração italiana no Brasil, são especialmente marcantes os traços legados por esse grupo sócio-cultural; todavia os estudos sobre o contato lingüístico italiano-português oriundo dessa imigração são ainda muito escassos. A literatura existente versa especialmente sobre aspectos históricos da imigração italiana no novo meio. Nesse sentido, apontam-se normalmente como causas da vinda desse contingente populacional a substituição da mão-de-obra negra e escrava nas fazendas de café e a ocupação das terras devolutas da Região Sul. Na Itália, por sua vez, o baixo nível de vida da população rural e o escoamento da mão-de-obra excedente originária da desproporção entre oferta e procura

³Ver Appel & Muysken (1992).

de trabalho em uma nação recém-unificada parecem ter sido os fatores mais determinantes da emigração (Thales de Azevedo, 1975: 52). O sonho de ter a propriedade de um pedaço de terra e gerar uma produção agrícola independente era impossível na Itália de então e foi o que motivou, da segunda metade do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, a emigração em massa de camponeses sobretudo do norte oriental desse país.

Segundo Frosi (1987a: 215), os primeiros imigrantes italianos, precisamente milaneses originários da Lombardia, chegaram à Colônia Fundos Nova Palmira, localidade chamada hoje de Nova Milano, em 20 de maio de 1875. Nos anos subsequentes, de 1875 a 1914, o Rio Grande do Sul recebeu cerca de 80 mil italianos, provenientes sobretudo de quatro zonas: Vêneto (54%), Trentino Alto-Adige (7%), Friuli-Venezia Giulia (4,5%), Lombardia (33%) e outros (1,5%) (ver mapa 1). As áreas destinadas pelo governo brasileiro para a fundação de uma colônia italiana no sul do país constituíram-se, pelo menos inicialmente, de terras devolutas situadas nos últimos contrafortes da Serra Geral, no nordeste do Rio Grande do Sul, uma vez que as terras mais baixas da encosta inferior da Serra já haviam sido destinadas à colonização alemã (ver mapa 2).⁴ Trata-se de uma extensão geográfica localizada na semi-desabitada encosta superior do nordeste gaúcho onde as terras foram parceladas em lotes de 20 hectares denominados “colônias”, que constituíram a unidade básica da colonização e eram numerados ao longo de uma linha, ou travessão, sendo essa justamente a estrada ao longo da qual se dispunham à esquerda e à direita. Esse modelo de ocupação mudou a estrutura fundiária de parte do sul do Brasil, baseada anteriormente sobretudo na grande propriedade.⁵

⁴ Podemos, inclusive, verificar uma coincidência entre essa ocupação étnica e o mapa da vegetação do Rio Grande do Sul, fato que já é observado por Roche (1966: 31) e confirmado por Altenhofen (2000: 78). Ver mapa 3.

⁵ Sobre a estrutura fundiária da Região de Colonização Italiana, ver Sabatini (1975).

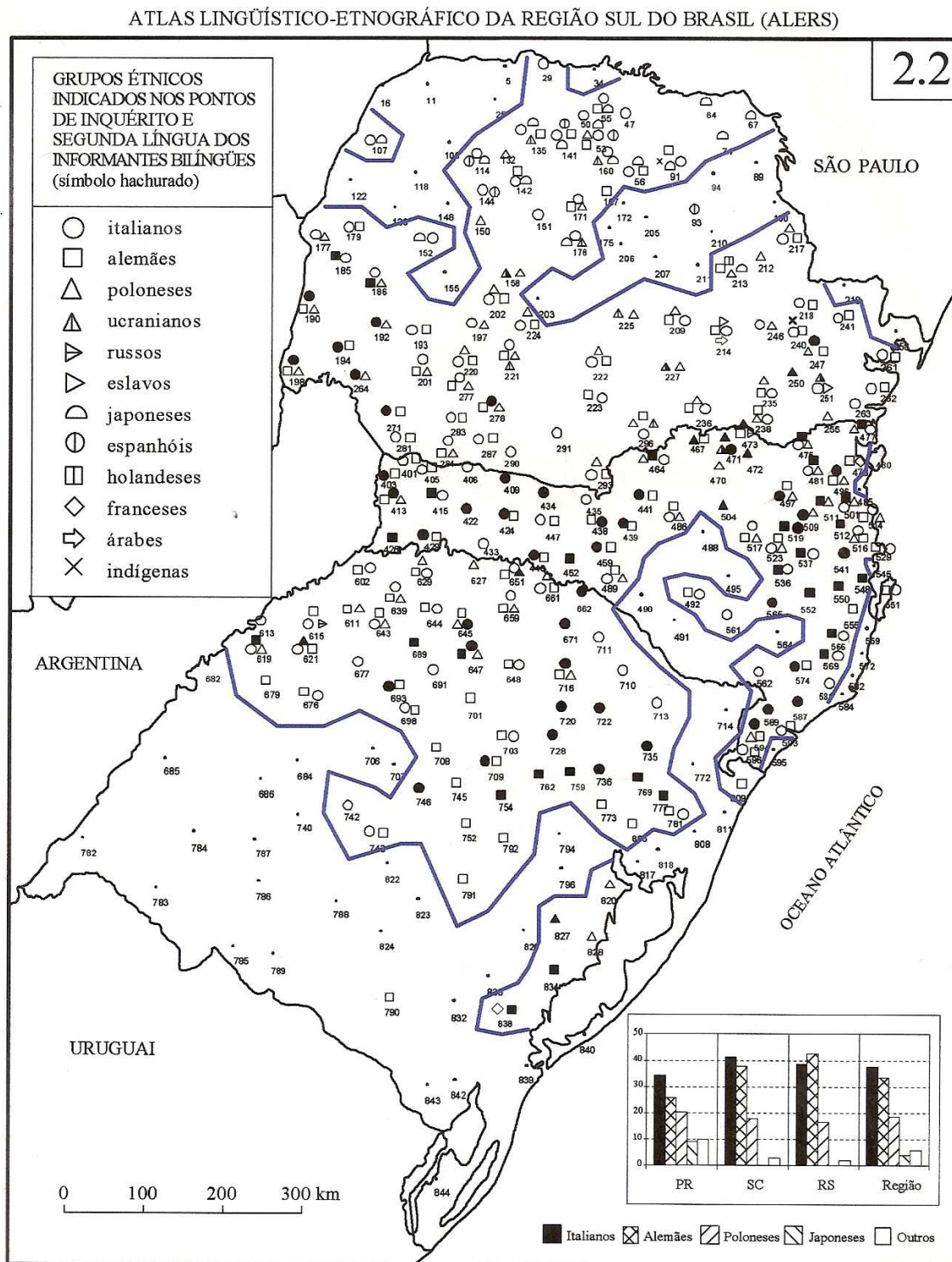
Mapa 1 – Regiões de partida, na Itália, da maioria dos imigrantes italianos vindos à RCI, segundo Frosi (1983: 83).



Fonte: Atlante Garzanti. Enciclopedia Geografica. 1973. 13. ed. Mapa 2. Milano, Garzanti.

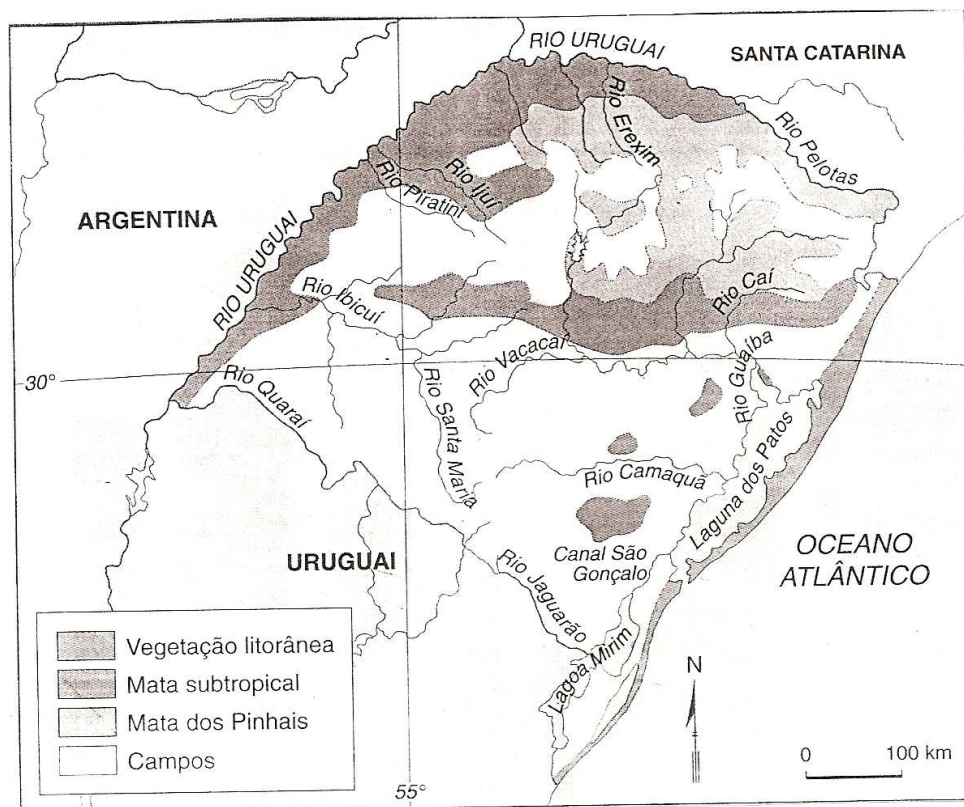
Elaboração Gráfica do Arquiteto José Afonso Galvão.

Mapa 2 – Áreas bilíngües de colonização de imigrantes não-lusos no Rio Grande do Sul, segundo Altenhofen (2002a: 140).



MAPA 2.2 - Áreas bilíngües de acordo com os informantes do ALERS

Mapa 3 – Mapa da vegetação do Rio Grande do Sul segundo Magnoli (2001: 44)



As outras duas primeiras colônias a se estabelecerem, além da Colônia Fundos Nova Palmira, foram Conde D'Eu (atual Garibaldi) e Dona Isabel (atual Bento Gonçalves). Posteriormente, o crescimento demográfico das colônias ocasionou a busca de novas frentes de colonização, com terras de melhor qualidade a preços mais baratos, ampliando assim cada vez mais os limites da área ocupada pelos italianos. Essa área estendeu-se na direção dos espaços ainda despovoados, até as fronteiras com a área de colonização alemã, a sul e a oeste, e com os Campos de Cima da Serra, a norte e a leste. A literatura especializada refere-se a essa área como Região de Colonização Italiana (doravante RCI).⁶

Segundo Frosi (1987b: 215), na década de 80, a RCI era formada por 27 municípios, com um total de 82 distritos, ocupando ao todo uma superfície de 11.404 m². Segundo o censo demográfico de 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população residente na RCI, que em 1980 era de 596.004 habitantes, passou a 650.749.⁷

1.2 Aspectos sociais das comunidades bilíngües em italiano e português

O modo de colonização dessas áreas do nordeste do Rio Grande do Sul, inicialmente caracterizadas por um isolamento acentuado e uma constituição étnica relativamente homogênea da população em torno do elemento itálico, determinou condições especiais para a escolha e o uso da variedade dialetal do italiano, bem como o progressivo avanço do português como língua oficial do país. A coexistência de variedades lingüísticas, sejam elas os vários dialetos oriundos de diferentes localidades da Itália, sejam os falares de outras etnias aqui estabelecidas antes da imigração italiana, estabeleceu uma situação de mescla, que exigiu dos grupos de falantes envolvidos uma série de estratégias de comunicação. Portanto, entenda-se o resultado do contato italiano-português, qualquer que seja, como extremamente variável, desde o seu início, conforme uma série de

⁶ “A definição de Região de Colonização Italiana é uma definição de origem histórica, adotada na linguagem comum e oficial, que com propriedade diria respeito somente às áreas das ex-colônias de natureza pública fundadas entre 1875 e 1892 no território da Encosta Superior do Nordeste, e, por extensão, refere-se a todo o território dos municípios derivados das colônias, ainda que nem todo loteado pela colonização pública.” (Sabbatini & Franzina, 1977: 94)

⁷ Segundo dados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2002: 38).

dimensões de variação, ou fatores extralingüísticos, especialmente de ordem social, subjacentes ao comportamento lingüístico dos membros dessas comunidades bilíngües.

Antes de se depararem com o problema da comunicação, nos primeiros anos da colonização, os imigrantes encontraram sérias dificuldades de sobrevivência, pois a região destinada a eles era praticamente desabitada e ainda coberta pela floresta subtropical. Assim, logo de imediato frustraram-se as expectativas criadas por eles antes da partida da Itália. Escutamos muitas histórias contadas pelos mais antigos, os quais narram, com certo esforço de memória, os primeiros apuros sofridos por seus pais e avós. Estes tiveram de se defrontar com os índios que aqui viviam, enfrentando a falta de alimento, o frio rigoroso dos invernos, a difícil tarefa de construir uma moradia, a dificuldade de transporte, para o qual se abriam picadas em meio à mata, a pé ou no lombo de animais e, mais tarde, por meio de carretas.⁸

Por isso, as habilidades manuais e os conhecimentos artesanais que os italianos trouxeram do seu berço natal, bem como a cultura agrícola que lá desenvolviam (de trigo, milho e uva, principalmente) desempenharam um papel relevante para o crescimento das pequenas propriedades que configuraram a RCI. Aos poucos, os colonos construíram, a partir da natureza que os circundava, a casa, os móveis, as ferramentas para trabalhar na lavoura, a pipa para armazenar o vinho, o moinho para moer o milho, etc. Por isso, a valorização do trabalho braçal como bem supremo e a “cultura do sacrifício” permeiam de modo muito determinante as relações entre os membros dessas comunidades bilíngües, principalmente nas mais isoladas. Até hoje, faz parte da índole do italiano “saber fazer de tudo um pouco, querer ser útil e ter muita força de vontade para o trabalho. Em suma, quanto maior a família, mais braços para trabalhar na roça.” Thales de Azevedo (1994: 30) observa que, nas primeiras fábricas, era difícil distinguir os operários dos patrões, pois estes trabalhavam como aqueles. O autor salienta, também (idem 63) que as senhoras, mesmo as ricas, trabalhavam muito, dispensando o serviço de empregadas domésticas. Mais adiante (idem 145), o mesmo Thales de Azevedo conclui que há apenas duas coisas de que o italiano não abre mão quando se integra entre os brasileiros: seu espírito de economia e seu espírito de trabalho.

⁸ Conferir o ensaio de Floriano Molon (1996: 503-529).

Nesse contexto, surge bem marcada a questão da identidade do ítalo-gaúcho.⁹ Sobre ela, citam-se vários aspectos que, apesar da ação do tempo, continuam vigentes, em maior ou menor escala, no imaginário dessa etnia. Todo italiano deve ser trabalhador e econômico – é a lógica e a ética do esforço –, além de investir, negociar, ganhar dinheiro, enfim, ser *furbo*, esperto. É muito comum ouvirmos em conversas de família, ou entre parentes e amigos, comentários a respeito de negócios, finanças e a situação financeira de determinada pessoa. Esses valores, talvez pautados pelo sofrimento na época do desbravamento da região, ainda são muito cultuados, o que acaba influenciando os valores sociais da comunidade, gerando uma sociedade fechada, cheia de preconceitos.

Além disso, é inegável o ufanismo que os italianos mantêm ainda em relação à pátria dos seus antepassados. Em relação aos negros, índios (bugres), ou descendentes de lusos, por exemplo, todos caracterizados pelo rótulo de *brasilian*, observa-se um forte preconceito, seja pela cor da pele, seja pela maneira como vivem e encaram o trabalho. Esse tipo de relação social gera um grupo bastante fechado que, mesmo quando se mistura, não abandona o preconceito: “Fulana casou com um tipo que, ‘apesar de *brasilian*, é trabalhador”. Restrições desse tipo são comuns. Sobre esse assunto, Azevedo (op. cit.) dedica uma seção especial, os “morenos”, com várias observações que demonstram o lugar que ocupam nessa sociedade e a discriminação sofrida por eles. Ele afirma, por exemplo, que a maioria dos clubes em Caxias do Sul, à época de seu diário, não aceita morenos e negros; que nas escolas e ginásios é raro encontrar pessoas de cor; que eles não têm dificuldade para encontrar trabalho, porém sempre em atividades subalternas; que dificilmente se casam com mulheres brancas. Citam-se abaixo alguns comentários sobre esse etnocentrismo:

Em Caxias sempre houve pouca distinção de classe. Gente de cor – muito pouco: um ou outro soldado, tropeiro. Mas, observa, essa gente não gosta muito de trabalhar; vivem de biscates. (Azevedo, 1994: 29)

Durante o período da escravidão, era proibida nas colônias a utilização de escravos, para se manter o sistema da pequena propriedade; talvez fosse mesmo proibida a entrada de negros nas colônias. Isso explica o medo, a estranheza, a repulsa do colono pelo preto ainda hoje. (Azevedo, 1994: 147)

Semelhante tipo de preconceito apresenta, naturalmente, algumas implicações lingüísticas. Até pouco tempo atrás, dominar ou não um dialeto italiano era um critério de

⁹ Vejam-se os diversos depoimentos em *Nós, os ítalo-gaúchos* (1996).

distinção social, pois não ser descendente de imigrante significava ser *brasilian* e, conseqüentemente, ser discriminado. Hoje, embora cada vez menos os ítalo-gaúchos da RCI saibam falar os dialetos que seus antepassados trouxeram da Itália, alguns traços característicos dessa língua predominam na variedade do português falado na região. Portanto, os italianos continuam a distinguir-se, se não pelo bilingüismo, pelo menos através do “sotaque”, ou seja, de um português de contato marcado por traços de interferência da variedade do italiano. E um indício de que tais traços têm prestígio entre os falantes da comunidade é que também a fala dos luso-brasileiros está, muitas vezes, “contaminada” desses mesmos traços, ainda que em suas famílias não haja falantes do italiano.

Outro aspecto que reforça os preconceitos e uma certa rigidez de costumes nas comunidades ítalo-gaúchas é a força que a igreja católica sempre exerceu em meio aos italianos. Antigamente, cada linha ou travessão constituía-se de lotes coloniais independentes, no centro dos quais surgia uma capela (ou *capitel*, no dialeto dos imigrantes). Em torno dessa pequena igreja, girava a vida cultural da colônia italiana, pois era lá que as famílias encontravam-se para as festas e os cultos religiosos, quando então tinham lugar as brincadeiras, o jogo de cartas, de mora, de bocha, as canções, os bailes, os encontros amorosos. Em razão disso, desde o início da colonização, as capelas tiveram grande importância, por representarem o lugar onde nos domingos e dias festivos se reuniam os colonos para conversar, cantar, e sobretudo trocar experiências.

Há outros exemplos que ilustram a presença marcante da igreja desde o início da colonização. A reza do terço em família tinha grande valor, pois nem sempre o padre podia vir à capela aos domingos para rezar uma missa. É comum também as *nonnas* contarem que suas mães reservavam as economias adquiridas com os ovos coletados nos sábados para a compra de uma imagem de Nossa Senhora. Rovílio Costa (1996: 531-543) destaca a grande importância da imagem de Maria no imaginário dos italianos, talvez por simbolizar a mãe protetora, figura tão sagrada entre os imigrantes.

Toda gruta ou caverna (acidentes comuns na paisagem da região) foi convertida em santuário para alguma *madonna*, sempre recebendo romeiros com promessas e procissões. Até hoje, nos montes e morros mais altos de cada localidade, ergue-se um cruzeiro ou uma estátua de santo, maneira como a beleza natural do entorno conjugou-se à fervorosa devoção religiosa dos italianos.

Atualmente, nos centros urbanos mais desenvolvidos, a igreja vem perdendo gradativamente essa função social tão abrangente; nas capelas do interior, todavia, a prática continua sendo a mesma de mais de cem anos atrás. Ainda hoje, uma vez a cada ano, por ocasião da festa do santo padroeiro de cada *capitel*, as comunidades reúnem-se em festas para seiscentas, setecentas pessoas. É um momento importantíssimo da vida social das comunidades rurais, pois age como força polarizadora para o reencontro dos vizinhos, parentes e amigos que permanecem isolados em meio ao trabalho forçado do dia-a-dia.

Pudemos verificar isso nas pesquisas de campo, quando presenciamos dois eventos que foram muito ilustrativos da vida cultural da comunidade. O primeiro deles representa o que os colonos chamam de “festa de capela” e reconstitui uma tradição centenária. Na semana que antecede a festividade, convocam-se os moradores da redondeza para ajudar na preparação da festa. As tarefas são distribuídas entre pessoas de sexo e faixas etárias diferentes, as quais trabalham com muito afinho e alegria, contando histórias dos antigos colonos, cantando, conversando ora em português, ora em italiano. Em cada grupo (os homens mais velhos temperam o galeto, os meninos arrumam as cadeiras, as mulheres fazem a massa, as meninas enfeitam a igreja com flores...) os assuntos e os códigos de comunicação são diferentes, refletindo nesse pequeno universo as relações lingüísticas e sociais da sociedade a que esses falantes pertencem. Essas pessoas doam seu tempo e sua disposição para o trabalho motivadas apenas pela devoção religiosa e pelo ritual de rememorar as tradições antigas de seus antepassados.

Em outra ocasião, presenciamos outro tipo de festa do interior, o chamado “filó”. Na verdade não se trata de um “filó” tradicional, à moda antiga, que era uma reunião noturna em que aconteciam bate-papos animados, cantos, danças e brincadeiras regadas a muito vinho, mas de uma festa do agricultor, promovida pela prefeitura, na tentativa de resgatar as tradições que aos poucos estão sendo esquecidas, como as brincadeiras do *spuncia culo* e o jogo dos serrotes, as comidas típicas, as canções e o próprio dialeto vêneto, ativado principalmente nas conversas entre os mais velhos.

Em ambas as festas acima descritas, pudemos conhecer uma realidade que se aproxima dos antigos hábitos, ou pelo menos tenta mantê-los. Nas colônias do interior, os elementos repetem-se a cada casa que conhecemos: a *nonna* na cozinha fazendo pão, o fogão a lenha sempre aceso, o pinhão na chapa, a polenta *brustolada*, o *nonno* capinando a horta ou juntando lenha, a Bíblia e imagens de santos na sala, o jardim sempre florido e

bem cuidado, o porão recendendo ao odor que exala das pipas cheias de vinho, os salames pendurados. Estendendo-se além da pequena horta, está o parreiral, fonte de subsistência para muitas das famílias que ainda hoje vivem da produção da uva para a indústria vinícola.

A relação com a natureza apresenta aspectos contraditórios. Muitas vezes, notamos uma preocupação com a sua preservação, como em uma colônia que visitamos, onde o *nonno* afirmou ter replantado mais de vinte mil pés de araucária para reflorestar uma encosta desmatada. O mesmo informante, porém, conta-nos sobre as “passarinhas”, costume muito típico em toda a RCI, segundo o qual os colonos caçavam passarinhos com espingardas ou redes de malha estreita, que eram estendidas próximas a um local onde se havia atirado alimento para os bandos de pássaros. Assim, capturavam-se duzentos ou mais passarinhos, os quais eram assados no espeto e comidos com polenta. Já mencionamos anteriormente que, na época da chegada dos italianos, o nordeste do RS era quase todo coberto por florestas. Infelizmente, a abundante mata de araucárias de então foi praticamente toda devastada, em primeiro lugar para a construção das casas dos colonos; depois, para fornecimento de madeira para a indústria moveleira.

Nesse microcosmo, destacamos a presença fundamental da mulher italiana. Quanto ao papel da mulher na sociedade, os italianos sempre foram educados sob uma moral repressiva. Não obstante, a mulher teve papel preponderante na organização da economia familiar. A esse respeito, Costa & De Boni (1996: 21) afirmam:

E o que dizer então de nossas mulheres? Aqui também a aparência não corresponde de todo à realidade. Não há dúvida: a carga de trabalho que recai sobre a mulher foi maior que a dos homens; raras eram as diversões delas; quase não manuseavam dinheiro. Ainda hoje esta situação se mantém inalterada, em parte, na região colonial. Não deixa, porém, de ser verdade que as mulheres mandavam e mandam na família. A presença contínua no lar, a autoridade moral de quem não blasfemava e não se embebedava, a dedicação sem limites ao marido e aos filhos colocaram-na em uma situação privilegiada dentro de casa. Não houve disputa pelo poder, não houve adesão a movimentos feministas, houve apenas a sutil e pacífica ocupação de espaço. Por trás de inúmeros traços machistas, nosso grupo italiano vive sob um verdadeiro matriarcado.

Ao longo de décadas de trabalho desses primeiros imigrantes e seus descendentes, a economia baseada na agricultura deu lugar à atividade empresarial proveniente do comércio e do artesanato, criando-se grandes pólos industriais nos setores vinícola, alimentício, têxtil, moveleiro e de produção metal-mecânica. Foi decisivo nesse processo o

advento do Estado Novo, em 1937, e a modernização e industrialização que marcaram a introdução no Brasil do capitalismo industrial. Tais transformações carregaram consigo uma série de outras medidas, principalmente no que se refere à aculturação dos imigrantes em seus usos e costumes. Enfim, partindo de uma situação de miséria quase absoluta, os ítalo-gaúchos construíram muito e graças ao trabalho fizeram *la cucagna*, a fortuna. A indústria do metal ganhou maior importância do que a fabricação do vinho e, com isso, houve uma separação entre os centros polarizadores do desenvolvimento sócio-econômico (as cidades do pólo industrial de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi) e as pequenas comunidades adjacentes que mantiveram a cultura agrícola tradicional, principalmente o cultivo da parreira. Entretanto, se por um lado as cidades da RCI transformaram-se em importantes fontes para a economia do Estado, a exemplo do que ocorreu com os núcleos urbanos citados acima, por outro trouxeram para junto de si as piores conseqüências da industrialização, como o crescente êxodo rural e o fluxo migratório de operários e colonos de todo o Estado, que vão produzir o inchaço das cidades industriais da Serra. Um dos motivos para o êxodo do campo para a cidade era a dificuldade que o colono tinha de dividir as terras e deixá-las como herança para os filhos, que eram muito numerosos. A maioria deles vai para a cidade trabalhar em outros ramos; os mais jovens, porém, permanecem em casa, junto à família.

O progresso sócio-econômico refletiu-se, portanto, na organização social das comunidades bilíngües da RCI. Pode-se citar como exemplo a inserção do elemento luso-brasileiro como mão-de-obra para a indústria e o conseqüente processo de aculturação dos colonos italianos. Segundo Azevedo (1994), “Antigamente os brasileiros eram recusados nas fábricas; isto mudou depois da última guerra; agora, como que fazem questão de tê-los.” Esse contato teve papel preponderante nas mudanças culturais e lingüísticas ocorridas na região nas últimas décadas, para as quais concorreram também, entre outros fatores, uma maior abertura nas vias de transporte, a presença dos meios de comunicação como o rádio e a televisão, a escolarização, o intercâmbio com outros núcleos urbanos do Rio Grande do Sul. Ao sistema alimentar do italiano, por exemplo, constituído de massas, galeto, *agnolini*, polenta, incorporou-se facilmente o churrasco e o chimarrão. Não raro vêem-se italianos de bombacha ou com lenço no pescoço. Surgem os Centros de Tradição Gaúcha, os CTGs, e com eles os piquetes e os rodeios mesclam-se às diversões tradicionais, como as quermesses.

Todos esses fatores confluíram para uma certa inibição dos hábitos típicos dos italianos e romperam com uma longa tradição cultural que se havia mantido durante décadas. Da mesma maneira, foram eles que determinaram as redes de comunicação preponderantes na comunidade ítalo-brasileira, as quais por sua vez agiram decisivamente nas condições de aprendizagem do português e no bilingüismo decorrente do contato lingüístico estabelecido, como veremos a seguir.

1.3 Aspectos do bilingüismo italiano-português no Rio Grande do Sul

O princípio básico que rege nossa análise consiste em reconhecer que há uma relação estreita entre o uso da língua nessas comunidades ítalo-brasileiras e a sua história e relações sociais no contato tanto intra- como interlingual. Em outras palavras, se as relações de força entre os membros da comunidade dão-se através da língua, queremos descobrir através da língua a força dessas relações.

A abertura da comunidade ítalo-brasileira a elementos de outros grupos étnicos, a que aludimos anteriormente, também acarretou implicações lingüísticas, decorrentes da integração de tais elementos à sociedade. Enquanto os costumes típicos da vida colonial italiana se mantiveram, como a devoção religiosa, a hierarquia familiar, os hábitos alimentares, os cuidados com a saúde, a arquitetura das casas, o cultivo de pequenas lavouras e jardins, conservou-se com eles o dialeto italiano, pois era através dele que os ensinamentos eram passados de geração em geração. Entretanto, a incorporação cada vez maior de empréstimos da língua portuguesa e a falta de estímulo para ensinar o italiano a seus descendentes fizeram com que cada vez mais os italianos abandonassem seus dialetos de origem adotando o português como língua de comunicação no cotidiano.

Frente ao mencionado acima, a pergunta que se coloca é: qual o grau de manutenção e de substituição dessa língua minoritária, hoje, considerando os efeitos da influência do português e da urbanização crescente?

Existe um estereótipo vigente sobretudo entre os luso-brasileiros e na mídia, caracterizando a fala dos ítalo-gaúchos com traços de um sotaque muitas vezes artificialmente recriado para fins diversos, por exemplo o humor (como no caso do

personagem Radicci¹⁰, do cartunista Iotti, e das histórias em vêneto do ilustre e desengonçado Nanetto Pipetta), a teledramaturgia (lembramos da novela *Terra Nostra* exibida pela Rede Globo em 2000, como também da adaptação para o cinema do romance *O Quatrilho*, de José Clemente Posenato), a publicidade e os eventos festivos em geral. De fato, superficialmente, há uma tendência no senso comum para a generalização: quer dizer, a variedade do português resultante do contato com o adstrato italiano é caracterizada através de um sotaque bem marcado atribuído homoganeamente à região como um todo (principalmente no que se refere aos traços fonéticos).

No entanto, como conceber um fenômeno comum para realidades lingüísticas tão distintas como a de núcleos rurais isolados e centros urbanos maiores, como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha? Não se pode negar que existe na região uma variação diatópica, ou seja, o papel da arealidade na configuração do bilingüismo é determinante. Mas em que consiste essa especificidade?

Além disso, qual é a ação do tempo na perda dos dialetos e na aquisição do português? Como, em termos diacrônicos, dá-se a passagem do predomínio dos dialetos italianos até o uso quase exclusivo do português? Como o contato entre essas variedades manifesta-se hoje nas diferentes gerações?

Sobre as origens da ocupação territorial da RCI, Frosi & Mioranza (1983: 112) afirmam que ocorreu uma colonização mista, do ponto de vista tanto geográfico quanto étnico-lingüístico. Em outras palavras, não houve um critério de distribuição único dos lotes coloniais aos recém-chegados. Não havia uma separação por dialetos ou região de procedência da Itália, e os próprios colonos afirmam que “no começo era tudo misturado”, havendo, inclusive, muito preconceito entre indivíduos provenientes de regiões italianas diferentes. Assim, de 1875 ao início do século XX, quando várias famílias do norte da Itália chegaram ao Rio Grande do Sul a fim de ocuparem as terras destinadas à colonização, a escassez de linhas que ligassem os núcleos de famílias determinou a formação de várias comunidades de fala italiana. Essas diferenças lingüísticas eram agravadas pelo fato de os imigrantes não conhecerem a língua oficial do novo país, dominando apenas as variedades dialetais do italiano. Além disso, ideológica e socialmente, as origens e os interesses dos italianos também eram muito diferentes, devido às várias correntes migratórias, em momentos históricos diferentes.

¹⁰ Ver Santos (2001).

A coexistência de diferentes dialetos italianos dentro de uma mesma área geográfica gerou um quadro lingüístico bastante complexo, com comunidades de fala do tipo misto. Pode-se dizer, via de regra, que as diversas variedades dialetais em contato sofreram um nivelamento lingüístico (*Sprachausgleich*), em que se sobrepuseram aquelas variedades dominantes tanto em número de falantes, quanto em termos de maior prestígio, fazendo desaparecer variedades com menos representatividade na localidade. Como resultado, tem-se uma variedade supradialetal que funciona como língua geral de comunicação, ou *koiné*, representada no Rio Grande do Sul pelo vêneto, equivalente à variedade do grupo de imigrantes numericamente mais representativo, ao qual se somaram as influências dos dialetos lombardos e do português.¹¹

Diversos foram os fatores extralingüísticos que favoreceram uma maior difusão do dialeto vêneto em relação aos outros dialetos. Segundo Frosi (1987b: 219), os fatores culturais que tiveram influência sobre a evolução lingüística da RCI podem ser agrupados segundo sua importância em relação às diferentes fases dessa evolução:

- a) o sistema de divisão da área de colonização em lotes coloniais (travessões), a abertura das primeiras estradas e a formação de núcleos populacionais;
- b) a construção de estradas vicinais que ligavam os travessões;
- c) a prevalência de italianos e seus descendentes nos travessões (outras etnias eram raras);
- d) o casamento entre falantes do mesmo dialeto ou de dialetos diferentes conforme a origem regional;
- e) o isolamento do imigrante em relação a outras regiões do Estado e do País devido à precariedade das vias de comunicação, agricultura de subsistência, comércio e indústria incipientes;
- f) o maior contingente étnico vêneto em relação aos outros grupos italianos;
- g) a maior presença dos vênetos na indústria e no comércio (pequenas fábricas de cadeiras, chapéus de palha, instrumentos domésticos, moinhos, etc.);
- h) a função religiosa, socioeconômica e cultural das Capelas.

¹¹ Sobre a origem do vêneto, veja-se Lorenzatto (1998). Compare-se, ainda, o Hunsrückisch como *koiné* equivalente usada pelos imigrantes teuto-gaúchos (Altenhofen 1996).

Por outro lado, constata-se a influência de uma série de outros fatores na substituição da variedade do vêneto pelo português. Esse processo foi especialmente acelerado nas comunidades mais industrializadas, como Caxias do Sul, e menos acelerado nas comunidades tipicamente rurais. Para esta questão da *language shift*, Frosi (1987b: 219) atribui as seguintes como causas principais:

- a) a força repressiva do governo brasileiro que proibiu a comunicação na língua dialetal italiana entre os imigrantes italianos e seus descendentes na época da Segunda Guerra Mundial;
- b) a abertura de novas e melhores vias de comunicação que ligavam a região ao Estado e ao resto da nação;
- c) o crescimento econômico, com expansão do comércio e da indústria, que rompeu a barreira de isolamento e integrou a região ao Estado e à Nação;
- d) o êxodo rural do elemento português-africano da zona dos pampas, para procurar no centro urbano mais desenvolvido da RCI outras formas de trabalho, especialmente nas fábricas. Cite-se ainda a migração de outros pontos da região, sobretudo da capital do Estado, Porto Alegre, e de outros Estados do Brasil, de numerosos elementos que falavam somente português;
- e) a eletrificação rural e a sucessiva introdução de aparelhos de rádio e TV;
- f) o maior prestígio da língua portuguesa como língua oficial, ensinada na escola, usada nos meios de comunicação social e falada pela maioria da população brasileira;
- g) o desprezo da fala dialetal italiana como linguagem depreciativa, sendo estabelecida a infeliz identificação entre falar em dialeto italiano e ser um colono;
- h) a instrução escolar primária possível aos descendentes de italianos (à terceira geração nascida no Brasil);
- i) a mecanização da agricultura e o acesso aos meios de locomoção que deram ao colono mobilidade geográfica e social e que favoreceram ao ítalo-brasileiro uma integração com a comunidade urbana maior; o abandono do dialeto italiano vem na proporção em que o colono torna-se cidadão.

Neste histórico da permanência ou não dos dialetos italianos, merecem ser destacados alguns fatos que podem ser determinantes para o fenômeno. Em primeiro lugar, o sistema de ensino na zona rural da RCI. Segundo Ribeiro (1996: 555-576), por volta de 1900, a falta de escolas públicas brasileiras propiciou o surgimento de escolas particulares italianas na casa de um ou outro colono mais instruído, que ensinava em seu próprio idioma. Essas escolas não tinham um propósito político de manter o culto à memória pátria (embora a intenção do governo italiano fosse estimular o patriotismo entre os imigrantes que estivessem fora da Itália), mas funcionavam como focos de organização onde os colonos podiam prestar ajuda mútua para a sobrevivência no ambiente novo e hostil. No princípio, o estudo era feito em italiano, mas somente por não haver possibilidade de fazê-lo em português. Ribeiro cita, ainda, ofícios dos colonos solicitando às autoridades brasileiras instrução pública com professores que ensinassem português, uma vez que o domínio da língua portuguesa representava para os italianos uma mais rápida aculturação e a chance de melhores negócios com outros grupos étnicos:

As escolas italianas, independente de serem particulares, apoiadas pelo governo da Itália ou paróquias, foram vistas pelo governo italiano, possivelmente em virtude da língua em que era feito o ensino, como veículos de manutenção de vínculos do imigrante com a pátria-mãe, tendo, como tal, numa certa medida, contribuído para retardar o processo de aculturação na nova pátria, o Brasil.

Destas escolas, a particular italiana, criada por iniciativa dos colonos, parece ter sido a que menos contribuiu para obstaculizar a integração com a cultura lusa e, por outro lado, não representou fator de desagregação do grupo de imigrantes ou de aceleração da perda dos valores culturais. As manifestações de preferência pela escola brasileira mostram o esforço e o interesse dos colonos para o domínio da língua portuguesa, como resultado da necessidade de reelaboração cultural para integração à cultura envolvente. (Ribeiro, 1996: 574)

Assim, em um determinado momento, falar português representou para o colono italiano uma série de vantagens, sociais e comerciais. Sobre isso, Azevedo (1994: 42) afirma: “os da alta sociedade, industrialistas e comerciantes, são os que menos falam o italiano e já têm um italiano e um português mais apurado.”

Um outro fator parece ter sido crucial para a regressão do dialeto: a proibição do uso das línguas de imigrantes (alemão e italiano, principalmente) durante o Governo de Getúlio Vargas, sob ameaça de punição por parte da polícia. Quase todos os representantes da geração mais velha lembram desse período, e as histórias traumáticas são narradas não apenas por eles, como também por vários historiadores. Esse período de nacionalização

intensiva foi o que mais contribuiu para acelerar a aculturação dos italianos, sobretudo no meio urbano. Sobre isso, Dall’Alba (1996: 27) sustenta:

Foi Getúlio Vargas, na ânsia de nos colonizar culturalmente, quem espalhou CTGês em todo o Estado. (...) Sob a ditadura do caudilho, nossas cidades tiveram o nome original trocado. Nas escolas houve uma pressão forte para que o nosso dialeto, o vêneto ou lombardo, desaparecesse, dando lugar à língua portuguesa, nossa outra língua latina, irmã, mais nova, mais seca e menos sonora que os dialetos. Na sequência da deculturação instituída por Getúlio, seguiram-se outras violências contra as colônias. Nossas cidades levaram o nome de alguns generais, quase todos sanguinários, pouco patriotas.

Em suma, ao longo da história da colonização, houve muitos processos de inibição dos falares dialetais, sejam eles de origem histórica, sejam de origem sociolingüística (atitudes dos próprios falantes). Nos dias atuais, o fator mais inibidor provavelmente seria a marginalização sofrida pela fala dialetal, por pertencer a um grupo minoritário, identificado como “colono”. Esse grupo, consciente de que usar uma língua sem prestígio não ajuda na conquista de um melhor nível social, não se interessa em perpetuá-la e não a ensina, *a priori*, às gerações mais novas. A literatura cita várias vezes uma preocupação entre os italianos que reflete o preconceito existente em relação à própria língua. O Prof. Ivo Martinazzo (*apud* Battistel & Costa, 1983: 1207), por exemplo, aponta como uma afirmação constante entre os ítalo-gaúchos: “Nós não ensinamos os pequenos a falar o italiano, porque, senão, quando vão à escola, não aprendem direito o português”. Talvez a principal consequência desse episódio tenha sido a restrição da língua italiana ao âmbito familiar, enquanto o português oficializou-se como língua da escola e de uso geral na sociedade.

As mudanças registram-se sobretudo na geração mais jovem, que em princípio é a que menos apresenta traços que a identificam como descendente de imigrantes. Mas, por outro lado, perguntamo-nos: será que os jovens abandonam totalmente o sistema, sem criar alternativas que os destaquem por sua origem quando entraram em contato com o elemento luso?

Quanto ao panorama atual do bilingüismo italiano-português na RCI, as diferenças diatópicas estão relacionadas ao porte das cidades e ao seu desenvolvimento sócio-econômico. Encontramos, em um extremo, os núcleos urbanos maiores, como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi, em que o português é a língua predominante. Embora haja ainda a coexistência com a *koiné* representada pelo vêneto, o

uso desta é restrito e passivo, estendendo-se primordialmente às gerações dos adultos e idosos de origem italiana. Conclui-se, portanto, novamente haver uma tendência progressiva de abandono das variedades dialetais do italiano.

Em um outro tipo de comunidade, envolvendo as zonas urbanas menores, como Flores da Cunha, Antônio Prado e Veranópolis, verifica-se uma forte presença dos dialetos italianos. O grau de bilingüismo é maior. Nesses pequenos núcleos urbanos, a competência e o uso dos dois sistemas lingüísticos são ativos nos falantes adultos, mesmo com predomínio do português. A classe mais jovem fala português e compreende o vêneto, apesar de quase não o falar. Configura-se nessas comunidades uma situação intermediária de bilingüismo, na qual podemos observar como funciona a dinâmica dos dialetos em contato, em que medida o português vem tomando espaço e quais as motivações para isso. Esta é, aliás, uma das razões principais por que escolhemos uma comunidade desse tipo para realizar a pesquisa.

Em terceiro e último lugar, encontramos as comunidades rurais, onde o fenômeno do bilingüismo configura uma situação mais complexa, uma vez que, além do português e do vêneto, coexistem outros dialetos, como o milanês, o bergamasco e o friulano. Além disso, todas as gerações de falantes em geral são bilíngües (ver Frosi, 1987b: 221).

No plano diacrônico, a evolução do bilingüismo, assim como a variação do português nas diferenças entre o falar dos jovens e dos velhos, engloba basicamente cinco gerações de imigrantes com diferenças no grau de bilingüismo e na proficiência relativa¹² em italiano e português: a) a primeira geração, a que primeiro aportou no Brasil, era monolíngüe em italiano; b) os filhos desses começaram a ter algum contato com a língua portuguesa, porém mantendo a língua de origem; c) a terceira geração pode ser chamada de “trilíngüe” dado falar, além da língua dos pais, a *koiné* intermediária e o português; d) a quarta geração apresenta um predomínio do português, sendo o italiano restrito à compreensão passiva, e, por fim, e) a quinta geração fala quase que exclusivamente o português. Deste modo, muito simplificadamente, poder-se-ia falar em períodos de predomínio do monolingüismo em italiano nos anos 1900, bilingüismo italiano-português a partir de 1950 e monolingüismo em português em um futuro próximo. Naturalmente, fica a

¹² Ver o conceito de *relative proficiency* em Weinreich (1974: 75).

pergunta sobre a possibilidade de revitalização¹³ do vêneto, ou *talian*, nos anos mais recentes.

Hoje em dia, quando se costuma afirmar, no senso comum, que o uso das variedades dialetais restringe-se à geração dos mais velhos e às áreas rurais mais afastadas dos centros urbanos, surgem em resposta a isso movimentos de manutenção da identidade cultural, como agremiações que buscam resgatar a língua italiana, as canções, as danças, a culinária, etc.¹⁴ Destas manifestações, há um conjunto de elementos da cultura material, como traje típico, detalhes da arquitetura, a cultura do vinho, dentre outros, que funcionam como símbolos alternativos para a expressão da identidade do grupo, quando a variedade dialetal ou o bilingüismo não se mantêm com o vigor esperado. Contrariamente a essa tendência verificada principalmente nos centros urbanos, subsistem manifestações culturais mais genuínas em comunidades mais afastadas do interior. Esses movimentos de resgate comprovam uma preocupação em manter algo que se está perdendo.

Enfim, ao falar com os filhos em português, língua de mais prestígio na escola e na sociedade em geral, os descendentes dos imigrantes usam uma fala impregnada de traços dos dialetos italianos (isso se pode verificar principalmente no nível fonético-fonológico). Portanto, embora o dialeto vêneto esteja sendo aos poucos abandonado, os falantes, ao usarem o português, continuam a apresentar fenômenos característicos do italiano, resultando a sua linguagem em uma variante estereotipada que faz com que os falantes da região sejam facilmente identificados. Dentre esses traços, citados na literatura e observados em pesquisas prévias¹⁵, selecionamos aqueles que mais evidentemente permaneceram na fala dos habitantes da RCI como um todo, e que fazem com que essa comunidade se distinga de outras comunidades de fala do Estado e do Brasil. Sobre esse tópico concentramos a atenção central deste estudo.

¹³ Sobre *revitalization*, ver Kaufmann (no prelo).

¹⁴ Vejam-se, por exemplo, as publicações de Posenato (1983; 1999) e Luzzatto (1993; 1997). Além disso, também a crescente procura por cursos de italiano no Rio Grande do Sul atestada por professores e associações de cultura italiana, como a ACIRS (*Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul*).

¹⁵ Conferir, por exemplo, Frosi & Mioranza (1983), Frosi (1987b).

Capítulo 2

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 Referenciais teóricos

2.1.1 Línguas em contato e bilingüismo

Nosso estudo levanta uma série de questões ligadas ao bilingüismo envoltas de grande complexidade e relevância para o pesquisador. Considerando o domínio de duas línguas, o que determina a alternância entre uma e outra? Onde e quando cada uma delas é usada? Qual das duas línguas tem mais força e por quê? Todos os falantes da comunidade apresentam o mesmo grau de bilingüismo ou há diferenças entre eles? Quanto os falantes da comunidade conhecem de cada um dos sistemas lingüísticos (pronúncia, léxico, morfossintaxe)? Eles podem desenvolver todas as competências lingüísticas (ler, escrever, falar e entender) em ambas as línguas? Os falantes separam bem as línguas ou há interferências entre elas? Em que medida a interação entre as línguas reflete a relação entre as pessoas da comunidade? Que conseqüências o contato lingüístico traz para a comunidade em estudo?

A situação de contato entre duas ou mais línguas leva inevitavelmente à interinfluência dos dois sistemas lingüísticos e até ao bilingüismo, entendido amplamente como “o uso de duas línguas pelo mesmo indivíduo”. De acordo com Appel & Muysken (1992: 1), o bilingüismo pode ser *individual*, quando diz respeito a um só falante, ou *societal*, quando envolve toda uma comunidade bilíngüe.¹⁶ O primeiro é melhor analisado em uma perspectiva psicológica, em termos de como as duas línguas são armazenadas no

¹⁶ Para outros autores, como Mackey (1972: 554) e Titone (1993: 20) o bilingüismo refere-se apenas ao indivíduo, não ao grupo. Mackey afirma: “An individual use of two languages suppose the existence of two different language communities; it does not suppose the existence of a bilingual community. The bilingual community can only be regarded as a dependent collection of individuals who have reasons for being bilingual.” (“O uso pelo indivíduo de duas línguas supõe a existência de duas comunidades lingüísticas diferentes; não supõe a existência de uma comunidade bilíngüe. A comunidade bilíngüe pode apenas ser considerada como uma reunião de indivíduos que têm razões para serem bilíngües.”) Para este autor, o bilingüismo resulta, portanto, do contato entre duas comunidades monolíngües.

cérebro do falante, a maneira como a segunda língua é adquirida e quais as conseqüências psicológicas de ser bilíngüe. O segundo tipo, societal, interessa sobretudo aos sociólogos, antropólogos e sociolinguistas, em vista de que o bilingüismo passa a fazer parte de toda a comunidade, interferindo significativamente nas relações sociais entre seus membros.

As perguntas acima demonstram, contudo, que o conceito generalizante de bilingüismo como “o domínio de duas línguas” não é suficiente para explicar os diversos contextos em que o fenômeno se faz presente. Se aprofundarmos essa definição mais geral, encontraremos muitas dificuldades para determinar se um falante ou um grupo de falantes é bilíngüe. Até mesmo do ponto de vista teórico, há divergência entre as tentativas de estabelecer um conceito que abarque de uma forma geral a realidade do bilingüismo. Titone (1993: 14) aponta cinco causas principais para esse problema, as quais resumimos a seguir:

- a) Existem diversos tipos de indivíduos bilíngües quanto ao domínio da pronúncia, da sintaxe e do vocabulário das duas línguas. Por exemplo: um falante pode dominar perfeitamente a sintaxe e o vocabulário das duas línguas, mas a pronúncia de apenas uma, enquanto um segundo falante domina perfeitamente a pronúncia de ambas as línguas, mas tem um vocabulário incompleto em uma delas.
- b) Os falantes bilíngües não permanecem sempre igualmente bilíngües: pode haver uma oscilação no uso das línguas em momentos diferentes de suas vidas.
- c) O terceiro ponto é uma pergunta: se há uma distinção entre língua e dialeto, pode-se considerar bilíngüe uma pessoa que usa a língua oficial e um dialeto regional?
- d) O prestígio social das línguas envolvidas no contato condiciona o seu uso.
- e) O bilingüismo pode ser um fator subjacente à mudança lingüística quando uma língua entra em contato com outra, como no caso dos empréstimos lexicais.

Portanto, devido aos variados fenômenos resultantes da coexistência de duas ou mais línguas, surgem várias e distintas propostas para definir bilingüismo. Conforme Appel & Muysken (1992: 2), a sua definição, na literatura, oscila entre dois extremos: a

proposta mais exigente, defendida por exemplo por Bloomfield (1933: 56 *apud* Appel & Muysken, 1992: 2), prevê que o falante bilíngüe deve ter o domínio das duas línguas como um falante nativo (*native like speaker*). No outro extremo, Macnamara (1969, *apud* Appel & Muysken, 1992: 2) considera bilíngüe o indivíduo que, na segunda língua, possui competência em pelo menos uma das seguintes modalidades: fala, compreensão, leitura e escrita. Como se posicionar diante dessa questão?

Mackey (1972: 555) sugere a seguinte solução para esse problema:

This broadening of the concept of bilingualism is due to a realization that the point at which a speaker of a second language becomes bilingual is either arbitrary or impossible to determine. It seems obvious, therefore, that if we are to study the phenomenon of bilingualism we are forced to consider it as something entirely relative.¹⁷

Para uma definição mais funcional do conceito de bilingüismo, portanto, em lugar de determinar se uma pessoa ou um grupo de pessoas é bilíngüe ou não, perguntaremos “em que medida determinado indivíduo é bilíngüe”, qual o seu grau de bilingüismo. Essa visão, compartilhada também por Titone (1993: 18), parece-nos a mais adequada, na medida em que não considera o bilingüismo como um conceito absoluto, e sim como um conceito relativo. Por considerá-lo um fenômeno complexo, Mackey (1972: 556) propõe ainda um sistema de classificação que possibilite uma análise tipológica das características do comportamento bilíngüe. Esse sistema envolve quatro aspectos, de acordo com os quais o autor considera que o bilingüismo deve ser descrito: “Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in *degree, function, alternation* and *interference* [grifo nosso].”¹⁸

Medir em que *grau* um falante é bilíngüe significa verificar se desempenha com perfeição as habilidades lingüísticas de compreensão (escutar, ler) e expressão (falar, escrever) em ambas as línguas nos níveis fonológico (ou gráfico), gramatical, lexical, semântico e estilístico.

¹⁷ “Esse alargamento do conceito de bilingüismo deve-se à percepção de que o ponto no qual o falante de uma segunda língua torna-se bilíngüe é ou arbitrário ou impossível de determinar. Parece óbvio, portanto, que, se nós temos que estudar o fenômeno do bilingüismo, nós somos forçados a considerá-lo como algo totalmente relativo.”

¹⁸ “Bilingüismo é um padrão de comportamento de práticas lingüísticas que se modificam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência.”

A *função* liga-se às circunstâncias em que o falante bilíngüe faz uso de cada uma das línguas. As *funções externas* dizem respeito às áreas de contato onde as línguas foram adquiridas e são usadas (casa, igreja, vizinhança, escola, televisão, livros) bem como à variação da duração (há quanto tempo cada língua é falada), da frequência (a média de horas em que cada língua é falada por semana ou por mês) e da pressão social que influencia o falante a usá-las (econômica, administrativa, cultural, política, militar, histórica, religiosa ou demográfica). Entende-se por *funções internas* os usos não-comunicativos da língua, como contar, calcular, rezar, blasfemar, sonhar, anotar, e as aptidões intrínsecas de cada falante, como idade, sexo, inteligência, memória, atitude, motivação.

Por outro lado, a *alternância* mede em que condições se dá a escolha por uma ou outra língua, o que depende da fluência de seu uso e das funções internas e externas. Os três principais fatores envolvidos são o tópico, a pessoa e a tensão.

Finalmente, a *interferência* envolve o uso de características pertencentes a uma das línguas enquanto se fala ou escreve a outra. Sobre este tópico, estreitamente ligado ao objeto deste estudo, entraremos em detalhes na seção a seguir.

Considerando todos esses fatores, é de se esperar uma série complexa de tipos e níveis de bilingüismo, que podem ocorrer nas mais variadas situações. No caso da comunidade bilíngüe de São Marcos, a situação de contato lingüístico resulta do processo de colonização, iniciado no final do século XIX, o qual pôs em contato a fala de imigrantes italianos com o português. Trata-se, portanto, de uma situação de *bilingüismo societal*, pois envolve toda uma comunidade de fala, embora nem todos os falantes da mesma apresentem um comportamento homogêneo quanto ao grau de bilingüismo.

2.1.2 A interinfluência entre L1 e L2

Antes de abordar a questão da interferência, é oportuno ressaltar que tal fenômeno ocorre na fala de indivíduos que não separam na totalidade os dois sistemas lingüísticos em questão, ou seja, apresentam apenas um domínio parcial da segunda língua. Isso pode ser melhor explicado nas formas de bilingüismo propostas por Osgood & Ervin (*apud* Titone, 1993: 31), que dizem respeito ao grau de separação de L1 e L2: o bilingüismo pode ser

coordenado quando, por exemplo, “(...) ciascun nucleo semantico, distinto per le due lingue, si associa rispettivamente a ciascun complesso di segnali propri delle due lingue”¹⁹, ao contrário do bilingüismo *subordinado*, em que “...ha associazione fra due distinti sistemi di segni e un solo nucleo di significati”²⁰. É uma situação de bilingüismo subordinado, portanto, que ocasiona o surgimento das interferências.

Weinreich (1974: 1) define assim o fenômeno da interferência:

Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i.e. as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena.²¹

Na obra citada, o autor faz uma distinção entre duas fases da interferência (1974: 11): na *fala* (“parole”), ela depende do conhecimento pessoal que cada falante tem da outra língua; na *língua* (“langue”), os fenômenos de interferência, de tão freqüentes na fala dos bilíngües, tornam-se cristalizados, habituais. Titone (1993: 27) esclarece esse postulado nos seguintes termos: *interferência* seria a contaminação no ato concreto da linguagem, e *empréstimo* seria uma alteração já fixada do sistema lingüístico. Para Mackey (1972: 569), “a primeira é individual e contingente; o segundo é coletivo e sistemático”. Segundo Weinreich (1974), os métodos para o estudo do empréstimo são mais simples, enquanto que a observação da interferência é mais complicada, devido à dificuldade de se obterem dados espontâneos, uma vez que o pesquisador deveria interromper a fala dos bilíngües para obter esclarecimentos sobre a mesma.

Para Weinreich, a interferência pode afetar os níveis fonético, gramatical (ou morfossintático) ou lexical. Quanto ao primeiro tipo, mais imediatamente perceptível no sotaque dos falantes, Weinreich (1974: 14) observa:

The problem of phonic interference concerns the manner in which a speaker perceives and reproduces the sounds of one language, which might be designated secondary, in terms of another, to be called primary. Interference arises when a bilingual identifies a phoneme of the secondary system with one in the primary system and, in reproducing it, subjects it to the phonetic rules of the primary language.²²

¹⁹ “...cada núcleo semântico, distinto para as duas línguas, se associa respectivamente a cada complexo de sinais próprios das duas línguas.”

²⁰ “...há associação entre dois distintos sistemas de signos e um só núcleo de significados.”

²¹ “Esses casos de desvio de uma ou outra língua que ocorrem na fala dos bilíngües como resultado da sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como resultado do contato lingüístico, pode ser conhecido como fenômeno de INTERFERÊNCIA.”

²² “O problema da interferência fonética diz respeito à maneira com que um falante percebe e reproduz os sons de uma língua, que pode ser designada de secundária, em termos de outra, chamada primária. A

O estudo do fenômeno da interferência requer uma série de procedimentos, assim enumerados por Mackey (1972: 573):

- “ (1) the discovery of exactly what foreign element is introduced by the speaker into his speech;
- (2) the analysis of what he does with it – his substitutions and modifications, and
- (3) a measurement of the extent to which foreign elements replace native elements.”²³

Finalmente, Weinreich salienta a necessidade de boas descrições das línguas em questão. É importante, neste momento, definir a direção da interferência: no caso deste estudo, o que iremos estudar são as interferências do italiano na fala do português de indivíduos de faixas etárias diferentes e que, portanto, apresentam variados graus de bilingüismo. Em que medida os graus de domínio das línguas em contato diferenciam os falantes e quais as conseqüências disso para as línguas envolvidas e para a comunidade bilíngüe são algumas das perguntas para as quais estamos procurando respostas.

2.1.3 A língua como identidade

Vários estudos têm apontado para a relevância do papel da identidade na escolha de L1 e L2 ²⁴. Fala-se comumente em identidade cultural e lingüística, ou mesmo em identidade étnica e política, para remeter a uma particularidade que atinge especialmente as populações de imigrantes, ou seja, a *nacionalidade* em oposição à *etnicidade*²⁵. Por exemplo: muitos descendentes de imigrantes, embora pertençam já à terceira ou à quarta geração nascida no Brasil, ainda consideram-se estrangeiros, como seus avós ou bisavós.²⁶

interferência surge quando um bilíngüe identifica um fenômeno do sistema secundário com um do sistema primário e, ao reproduzi-lo, submete-o às regras fonéticas da linguagem primária.”

²³ “(1) a descoberta de exatamente qual elemento estranho é introduzido pelo falante em sua linguagem; (2) a análise do que ele faz com ele – suas substituições e modificações e (3) a quantificação da extensão em que os elementos estranhos substituem os elementos nativos.

²⁴ Para a questão da identidade entre os imigrantes italianos, vejam-se Constantino (1991), Dal’Corno & Santini (1998), Franzina (1999), Santos (2001).

²⁵ Conferir Appel & Muysken (1992)

²⁶ Ver conceito de *assimilação* no trabalho de Willems (1980: 3-27).

É certo, entretanto, que a identidade deve ser entendida acima de tudo como sendo dinâmica, podendo mudar conforme a situação de contato com o outro (identidade situacional), atendendo a finalidades pragmáticas²⁷. Nesse sentido, de acordo com a exclusão ou aceitação no grupo, em certos contextos seria mais vantajoso negar os costumes e a língua dos antepassados; em outras ocasiões, porém, poderia ser útil assumi-los a fim de reforçar a identidade. Além disso, uma mesma língua pode gozar de muito prestígio em um determinado período histórico e em outra época ser discriminada. A língua está sempre sujeita a valorações, e muitos fatores intervêm nesse fenômeno, entre eles a situação política e econômica da sociedade.²⁸

Outra questão especialmente relevante no nosso estudo é a vinculação do traço de identidade com o uso e a escolha da língua. Ou seja, o uso do italiano, por exemplo, constitui condição para a manutenção da identidade ítalo-brasileira? Ou esta se expressa por outros símbolos, como o comportamento expansivo, a cozinha, a arquitetura...? Nesse sentido, um campo de pesquisa intimamente ligado à identidade é o das atitudes lingüísticas. Em outras palavras, o julgamento do falante em relação ao seu próprio comportamento lingüístico e o dos outros. Essas atitudes dependem do prestígio, respeito e admiração que uma língua desperta e que promovem o seu emprego, ou, ao contrário, do estigma e preconceito que o inibem. Assim, as atitudes do bilíngüe em relação às línguas que domina são importantes para a descrição do bilingüismo e podem ser testadas direta ou indiretamente por meio de questionários (ver 2.2.4).

Para avaliar o problema das atitudes, Lambert (1960) usa a técnica de contraste entre aspectos (*matched guise*), que consiste em expor ouvintes a uma série de gravações de falantes bilíngües para que, comparando as duas variantes ouvidas, eles lhes atribuam uma série de traços de personalidade (honestidade, ambição, inteligência, bom-humor, etc.). Através do julgamento desses traços, o pesquisador pode fazer uma média da avaliação social inconsciente que os falantes fazem dos dois dialetos, em termos de prestígio ou estigmatização. O autor parte do pressuposto que qualquer atitude de um ouvinte com relação aos membros de um grupo dado será também generalizada para a língua por eles usada. Os três princípios mais importantes resultantes dessa pesquisa são:

²⁷ Ver Constantino (1991)

²⁸ Sobre isso, conferir o capítulo 1.3, mais especificamente Dall'Alba (1996: 27).

- a) A avaliação lingüística subjetiva é uniforme a toda a comunidade de fala.
- b) As avaliações não são percebidas no nível consciente, mas são expressas através do julgamento de traços de personalidade.
- c) Todos os ouvintes adquirem essas normas no início da adolescência mas jovens de classe média alta demonstram reações mais fortes e permanentes.

Além dessas mesmas conclusões, Labov (1972) acrescenta a seguinte: falantes que apresentam o grau mais alto de um traço estigmatizado tendem mais do que outros a estigmatizar os demais falantes que empregam esse traço. Em outras palavras: quanto mais estigmatizada é a fala, mais preconceituoso é o próprio falante em relação a ela. Paradoxalmente, porém, ele continua a usar as formas de desprestígio. Tal comportamento parece uma incoerência. Quais os motivos que levam a isso?

Para Ferguson e Gumperz (*apud* Labov, 1972):

- a) Qualquer grupo de falantes de uma língua X que se consideram uma unidade social tenderão a expressar solidariedade ao grupo pelo favorecimento do emprego de inovações lingüísticas que os diferenciarão de outros falantes que não são parte do grupo.
- b) Tendo-se dois falantes, A e B, de uma língua X, se A considerar que B tem mais prestígio social que ele, então a variedade de X falada por A tenderá a se assemelhar à falada por B.

Usando esses pressupostos teóricos, Dal’Corno & Santini (1998: 35) realizaram em Caxias do Sul uma pesquisa sobre atitudes e chegaram a três conclusões:

- a) Os entrevistados apresentaram preconceito contra falantes de língua portuguesa com sotaque italiano, através do julgamento subjetivo de que eles seriam menos astutos, menos cultos, menos inteligentes, porém mais honestos e dignos de confiança.
- b) Não foi possível observar se há mais preconceito entre os próprios descendentes de italianos.
- c) Em alguns aspectos, os habitantes da zona rural estigmatizam mais a fala com sotaque italiano do que os da zona urbana.

Devemos ressaltar que, de um modo geral nas cidades maiores da RCI, se há preconceito, ele se dá muito mais em relação ao português marcado com sotaque do que propriamente com o dialeto, que quase nem é mais falado. A língua portuguesa falada sem nenhum sotaque é que tem prestígio e determina o desprezo pela fala portuguesa com sotaque, o "falar de colono".

Uma última observação que cabe fazer nesse contexto diz respeito ao *status* das línguas em contato. No caso deste estudo, o italiano constitui uma *língua de imigrantes*. Tal rótulo implica, em si, em uma série de características que, direta ou indiretamente, afetam a metodologia da pesquisa. Segundo Altenhofen (1998: 19-21), o conceito de língua de imigrantes pressupõe que se considere as seguintes características: a) língua de grupo; b) língua com variedades de fala heterogêneas; c) língua em movimento; d) língua em contato; e) língua marginal e f) língua de minoria.²⁹

2.1.4 A variação em situações de contato lingüístico

Conforme mencionado em 2.1.1, o contato interlingual gera situações de variação lingüística bastante complexas. Tal complexidade se agrava ainda mais se considerarmos que, além da variação implícita no bilingüismo, cada um dos sistemas lingüísticos envolvidos no contato também é constituído de variedades heterogêneas. Assim, quando falamos do contato entre o italiano e o português, deveríamos perguntar: “Qual italiano? Qual português?”, pois não estamos nos referindo a duas línguas inertes ou estagnadas, mas a dois sistemas dinâmicos, em constante variação. Por isso, é fundamental ter em vista que toda a situação de contato, tanto interlingual como intralingual, deve ser examinada através da noção de um *continuum* dialetal.

A concepção de um contínuo dialetal, bem como de variação interna da língua, nos remete às posições do lingüista romeno Eugenio Coseriu (1982: 14). Para ele, uma língua histórica (como o italiano ou o português, por exemplo) é “un conjunto de sistemas lingüísticos interdependientes (...) que se realiza sólo a través de sus ‘variedades’: de los sistemas autosuficientes que abarque. Así nadie habla ‘el español’(...); lo que se habla es

²⁹ A respeito de línguas majoritárias e minoritárias, conferir Grosjean (1982: 157).

siempre alguna forma determinada de español”. Coseriu analisa o conceito de línguas históricas como “abstrações” e conclui que, na verdade, uma língua existe como um conjunto de tradições, sob muitas formas, e, ao mesmo tempo, como unidade ideal dessas formas, que são os sistemas lingüísticos imediatamente realizáveis na fala. Nosso interesse central tem muito a ver com as variedades dialetais, as quais, por sua multiplicidade, oferecem um quadro de relações sociais especialmente significativas para o que se pretende neste estudo.

Enfim, explicar o contato inter- e intralingual através do conceito de um contínuo dialetal é uma solução que, em nosso trabalho, será seguida em duas vias. A primeira diz respeito aos diferentes graus de bilingüismo presentes na comunidade em estudo. O contínuo, portanto, oscila entre o português, de um lado, e a *koiné* com base no dialeto vêneto, a variedade do italiano predominante entre os falantes bilíngües da região, de outro. A segunda via refere-se às várias dimensões de uso das línguas em suas variedades sociais, geográficas e situacionais.

Mas o que é exatamente uma dimensão de análise lingüística? Coseriu (1982: 19) distingue três tipos fundamentais de diferenciação interna dentro de uma língua: (a) diferenças no espaço geográfico, ou *diferenças diatópicas*; (b) diferenças entre os distintos estratos socioculturais da comunidade idiomática, ou *diferenças diastráticas*; e (c) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, segundo as circunstâncias do falar, ou *diferenças diafáticas*. Cada um desses tipos de diferenciação seria uma dimensão de análise lingüística. O autor afirma ainda que a esses três tipos de diferenças correspondem três tipos de sistemas de isoglossas, que separam as unidades *sintópicas*, as quais também podem ser chamadas *dialetos*; as unidades *sinstráticas* ou também *níveis de língua*, e finalmente as unidades *sinfáticas*, ou *estilos de língua*. Tais sistemas convergem para uma atividade que se realiza no falar e que equivale, abstratamente, ao que se considera uma língua.

Vários outros estudos sobre linguagem, desde as gramáticas da antigüidade clássica até os estudos mais atualizados em Teoria da Variação, referem-se a esses tipos de diferenciação interna das línguas, sem no entanto usar a mesma terminologia de Coseriu. Tradicionalmente, porém, cada uma das dimensões citadas acima é abordada através de uma teoria e de métodos diferentes. Em princípio, a variação diatópica constitui o objeto de estudo da Geolingüística, disciplina confundida muitas vezes com a Dialectologia, da qual é apenas um método. Esses estudos foram inovadores na época em que surgiram (no final do

século XIX e início do século XX, como uma reação ao método histórico-comparativo). O uso de uma metodologia de pesquisa de campo que apresentava a variação dos dialetos em um atlas lingüístico, como o ALF, ou *Atlas Linguistique de la France*, publicado entre 1902 e 1912, representou certamente um avanço que, hoje, vem se renovando com o desejo crescente por inovação nas técnicas de coleta e análise de dados³⁰.

Por outro lado, o estudo dos níveis lingüísticos e sua relação com a variante padrão de uma língua desenvolveu-se principalmente a partir da década de 60 por lingüistas norte-americanos. Nos Estados Unidos, o *Black English Vernacular*, ou inglês falado pelos negros, que inicialmente delimitava um dialeto geográfico, passou a ser uma variedade social, que isolava o respectivo grupo étnico. A relação entre essa variante social e a variante padrão do inglês foi estudada por William Labov, que apresentou um modelo de análise lingüística como reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Segundo Labov, não há como estudar a língua sem considerar suas relações com a sociedade. Uma vez que a variação não é aleatória, pois obedece a parâmetros e regras condicionados lingüística e socialmente, ela pode ser sistematizada. Labov desenvolveu um modelo teórico sociolingüístico baseado no conceito de “regra variável” para explicar a variação do vernáculo no contexto social. A “regra variável” é uma regra lingüística facultativa, que ora se aplica, ora não se aplica, não aleatoriamente, mas de acordo com fatores lingüísticos e extralingüísticos. Os fatores extralingüísticos geralmente se subdividem em: nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, sua faixa etária e seu sexo. Esses grupos de fatores (cada grupo é subdividido em fatores ou parâmetros, por exemplo o grupo “sexo” envolve os parâmetros “masculino” e “feminino”; o grupo “classe social” divide-se nos parâmetros “classe alta”, “classe média”, “classe baixa”, etc.) são uma subdivisão da dimensão diastrática, se quisermos antecipar uma comparação com a terminologia que usaremos neste estudo.

Assim, se considerarmos as dimensões de variação vistas até agora, podemos dizer que a Dialectologia tradicional da maioria dos atlas lingüísticos europeus concentrou-se na descrição diatópica da língua, enquanto que a Sociolingüística sempre priorizou a dimensão diastrática.

No Brasil, há uma tradicional separação entre os estudos sociolingüísticos e dialetológicos. Ambas as disciplinas pretendem ordenar a multiplicidade dos fatos da linguagem. Ambas as disciplinas estão no âmbito da *parole*, e não da *langue*. Se vamos

³⁰ Veja-se Radtke & Thun (1996).

tratar da fala, que é justamente o uso da língua, instável, variável, suscetível à inovação e à criatividade dos indivíduos, lugar das diferenças regionais e das variedades socialmente marcadas, devemos dar conta dessa multiplicidade. Se privilegiarmos apenas um aspecto da variação, como estudar apenas um estilo, como o informal, ou apenas uma localidade, como Porto Alegre, corremos o risco de termos uma descrição compartimentada, fragmentada da língua.

A principal crítica de que a Geolingüística é alvo atualmente (inclusive por parte dos próprios dialetólogos, como Thun [1996; 1998; 2001] e Bellmann [1986; 1996]) é o seu caráter monodimensional. Em outras palavras: a grande maioria dos atlas linguísticos elaborados até hoje levam em consideração apenas uma dimensão da variação linguística - o espaço geográfico -, não se ocupando de outras dimensões, como a variação entre os diferentes estratos sociais. Ora, se um questionário linguístico é aplicado a informantes pertencentes somente a uma classe social ou somente de um sexo ou geração, as relações mais profundas na variação, principalmente as que dizem respeito a prestígio *versus* estigma e conseqüente mudança linguística, não podem ser observadas.

Tal conciliação torna-se possível sob a perspectiva da Dialectologia Pluridimensional, como é aplicada por Harald Thun no *Atlas Lingüístico y Diatópico e Diastrático del Uruguay (ADDU)*. Na introdução dos anais do Simpósio *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*, Edgar Radtke e Harald Thun (1996: 26) fazem um balanço dos novos caminhos da geolingüística românica e advertem para uma “crise” por que passa a dialectologia contemporânea:

La verdadera (o la supuesta) crisis se manifiesta sobre todo en la crítica a los postulados teóricos de la dialectología en general y también a la geografía lingüística románica en tanto se distanciaría de la realidad. Así se pretende dar a entender que la dialectología y la geografía lingüística no se habrían ocupado del mundo moderno de la ciudad, de la movilidad poblacional o de los medios de comunicación masiva y que habrían sido superadas por ciencias como la sociolingüística, la pragmática, la psicolingüística, la lingüística de contacto y la investigación de la oralidad y la expresión escrita. En una palabra: la geografía lingüística, una disciplina obsoleta.

As causas que apontam para tal crise vão desde o prestígio adquirido nas últimas décadas por disciplinas paralelas como a Sociolingüística, até problemas metodológicos que fazem da Geolingüística uma disciplina muitas vezes ultrapassada. Tais problemas da Dialectologia tradicional podem ser verificados, segundo os autores citados, em vários lugares da România atual (nos países onde se falam línguas românicas), onde há

“cemitérios de dados e projetos geolinguísticos que foram enterrados com o devido silêncio” (Radtke & Thun 1996: 26).

Todavia, esses dois modelos teórico-metodológicos, embora distanciados temporalmente, interpenetram-se ao longo da história dos estudos de variação. E não foi apenas Coseriu que previu a necessidade de conciliarem-se as várias dimensões da análise para descrever-se um fenômeno linguístico. Radtke & Thun (1996) apresentam exemplos de atlas linguísticos que combinam a análise diatópica com a diastrática, ressaltando que a ampliação das dimensões de análise é uma condição para a modernização da Geolinguística. Ao combinar, por exemplo, a dimensão diageracional (variação de faixa etária) com a diatópica, pode-se ter uma visão diacrônica de fenômenos de mudança em curso no espaço geográfico.

Ampliam-se, assim, as dimensões de variação, subdividindo a dimensão diastrática e criando novas dimensões de análise a partir da necessidade de descrição de determinados fenômenos, como o contato linguístico e o bilingüismo. Incluem-se aqui a dimensão *contatual* ou *dialingual*, para situações de contato (por exemplo entre espanhol e português na fronteira entre Brasil e Uruguai); a dimensão *diatópica*, que pode ser estudada tanto estática quanto dinamicamente (grupos de falantes em movimento, migração); a dimensão *diastrática*, que passa a ser específica para distinguir classes sociais; a dimensão *diageracional*, que divide os falantes segundo sua faixa etária; a dimensão *diassexual*, que divide homens e mulheres; a dimensão *diafásica*, que opõe linguagem informal e formal ou outras variantes situacionais; e, por fim, a dimensão *diarreferencial*, que opõe a fala objetiva à fala metalingüística, ou ainda, aos julgamentos que os falantes fazem da língua.

Labov, em *Sociolinguistics Patterns* (1972), diz que a variação social desempenha papel sistemático na mudança linguística, e isso se relaciona intimamente com a avaliação que os falantes fazem a respeito das formas de prestígio e preconceito sobre sua própria linguagem.

Vários estudos atestam que há uma correlação entre a variação e o nível socioeconômico dos informantes. Geralmente, os grupos socioeconômicos intermediários é que lideram as mudanças, por serem mais suscetíveis à variação estilística. Frequentemente a classe média baixa apresenta fenômenos de hipercorreção em relação à classe média. Além disso, quanto mais cuidado for o estilo do falante, mais ele evitará as variantes

estigmatizadas. Por isso, no estilo espontâneo de conversa livre, ele não prestará muita atenção em como fala; porém, no estilo de entrevista, ele tomará mais cuidado com as variantes sem prestígio.

Quanto ao fator “sexo” na variação lingüística, há estudos que demonstram inovações na fala das mulheres, mas há também estudos que destacam o caráter conservador da fala feminina. Portanto, se é verdade que as mulheres falam de forma diferente dos homens, isso vai depender do papel que a mulher desempenha em uma determinada comunidade, o que varia conforme o lugar e a época.

A variação em função da faixa etária dos informantes, por exemplo, pode ser um indício de mudança lingüística. Se o uso das variantes mais inovadoras for mais freqüente entre os jovens e menos freqüente entre os velhos, estamos diante de uma mudança em progresso.

É preciso deixar claro que a dificuldade de unir-se as duas disciplinas, Sociolingüística e Geolingüística, por meio do princípio da pluridimensionalidade de análise do objeto de estudo, está apenas nos empecilhos práticos que isso acarreta, e não em uma impossibilidade teórica. O que fica claro para o nosso estudo é a relevância de se considerar a **variação** no estudo do bilingüismo e do contato lingüístico, e isso sob uma perspectiva o mais ampla possível do espectro variacional do conjunto das variedades da comunidade. Na verdade, o que buscamos para a descrição do nosso objeto de estudo é o escopo de uma ciência da variação mais ampla.

2.2 Metodologia da Pesquisa

Os pressupostos teóricos apresentados acima serviram de base para a fixação da metodologia da pesquisa, desde o estabelecimento dos objetivos anunciados na introdução até a análise dos dados coletados. Após a escolha da localidade onde seria feita a pesquisa, partiu-se, em primeiro lugar, para o **levantamento de dados preliminares** de língua falada em situações espontâneas do cotidiano da comunidade bilíngüe em estudo, como por exemplo o encontro entre as pessoas na saída da missa, as compras no mercado, os jogos de cartas em bares, a conversa das mulheres no cabeleireiro, os almoços em família aos domingos, etc. A coleta desses dados constituiu uma das etapas mais importantes do

trabalho, pois através dela pôde-se reconhecer quais as **variáveis lingüísticas e extralingüísticas** mais relevantes para o estudo do dialeto falado na região. Depois de estabelecidas as variáveis lingüísticas a serem estudadas (veja-se 2.2.3), procurou-se observar quais eram os fatores gerais que poderiam intervir na variação interna do português em contato com o italiano. Assim, verificou-se que, entre as diversas dimensões de variação, o sexo e a idade do falante mostravam-se especialmente relevantes na determinação da variedade de português usada pelos falantes (bilíngües). A partir disso, definiram-se inicialmente as **dimensões de análise da variação** do português na localidade em estudo e, conforme os parâmetros selecionados, partiu-se para a **escolha dos informantes** e a **coleta dos dados** propriamente dita.

2.2.1 Definição dos informantes conforme as dimensões de análise da variação

Como se sabe, as pesquisas dialetológicas mais tradicionais utilizavam via de regra apenas um informante por ponto de inquérito, o qual devia atender geralmente aos seguintes critérios: ter nascido e ter vivido sempre naquela mesma localidade, no ambiente rural, ser analfabeto ou ter baixa escolaridade, ser do sexo masculino, em idade madura. Esse informante típico, especialmente nos atlas lingüísticos mais antigos, fornecia a base para o macrozoneamento da variação, sem entretanto analisá-la pontualmente com maior profundidade.

Para um estudo pontual como o que pretendemos nesta pesquisa, porém, valemos do princípio da pluralidade de informantes como fundamental para elevar a representatividade dos dados e analisarmos os informantes através de mais de uma dimensão (princípio da pluridimensionalidade da análise), verificando diferenças entre homens e mulheres, jovens e velhos, monolíngües e bilíngües, e assim por diante.

A representatividade obtida através da pluralidade de informantes é defendida por Radtke & Thun (1996: 40), que apresentam duas opções de procedimentos para os inquéritos: a *pluralidade simultânea*, ou *de uma só via*, em que se realiza a entrevista na presença de vários informantes que se complementam e se corrigem entre si, e a *pluralidade sucessiva*, ou *de várias vias*, em que se entrevista cada informante em separado, paralelamente. Decidimos pelo primeiro tipo de procedimento para a obtenção de dados no estilo espontâneo de conversa livre, por estimular a conversação entre os

informantes nas situações naturais de comunicação, e pelo segundo tipo de procedimento para os estilos de questionário e de leitura, aplicando as perguntas isoladamente a cada informante, com respostas gravadas em fita, o que garantiria um melhor controle para posterior sistematização (ver *dimensão diafásica* em 2.1.4).

É oportuno ressaltar aqui que nem todas as dimensões são igualmente importantes para o fenômeno estudado. Antes de defini-las, foi necessário examinar a natureza do problema e traçar um perfil sociológico da comunidade lingüística em questão (2.2.2). Por julgarmos tratar-se de uma situação de mudança em curso, que envolve a possível perda de um sistema lingüístico, as dimensões mais relevantes estariam relacionadas à idade, ao sexo do falante e aos estilos de fala. Assim, selecionamos essas três dimensões (diageracional, diassexual e diafásica) como base da análise quantitativa e acrescentamos mais três dimensões complementares para análise qualitativa (dialingual, diarreferencial e diatópica).

Os informantes para esta pesquisa correspondem à terceira, à quarta e à quinta gerações da colonização italiana, e apresentam graus diferentes de bilinguismo. Para constituirmos uma amostra de falantes que estivessem distribuídos conforme as dimensões sexo e idade e, além disso, envolvidos em situações cotidianas de comunicação, adotamos o conceito de *familioto*, utilizado por Altenhofen (1996: 108), como sendo uma unidade de análise resultante, de um lado, da coesão interna do construto familiar em relação ao meio (plano horizontal) e, de outro, da história social das sucessivas gerações da família desde o núcleo inicial de imigrantes (plano vertical)³¹. Desse modo, trabalhamos com cinco famílias, considerando seis informantes em cada uma: os avós, os pais e um casal de filhos. Nossa amostra (ver a matriz dos informantes da pesquisa no Quadro 1), portanto, é composta por um total de trinta informantes, sendo quinze homens e quinze mulheres e dez informantes por geração. Embora a amostra seja pequena, julgamo-la representativa do universo que pretendemos descrever, levando-se em consideração o número de habitantes e a relativa “uniformização social” da localidade.

³¹ Altenhofen, na verdade, amplia a visão da noção de *famileto* brevemente assinalada por Koch (1974: 49) como “falar característico de uma família, que se distingue do falar comum local em via de formação pela conservação de características fonológicas ou lexicais de um imigrante ou grupo de imigrantes.”

Quadro 1: Definição dos informantes conforme as dimensões de análise

Dimensão Diageracional	Dimensão Diassexual	Número de Informantes*	Dimensões Estudadas Seletivamente ou Qualitativamente
Geração I (mais de 65 anos)	Homens	5 (avôs)	<p>Dimensão Diatópica Das cinco famílias selecionadas, quatro vivem no ambiente urbano e uma vive no ambiente rural.</p> <p>Dimensão Dialingual Das cinco famílias selecionadas, quatro são bilíngües e uma é monolíngüe em português.</p> <p>Dimensão Diarreferencial Os dados metalingüísticos, embora difíceis de sistematizar, demonstram as atitudes do falante sobre a língua.</p>
	Mulheres	5 (avós)	
Geração II (45 a 55 anos)	Homens	5 (pais)	
	Mulheres	5 (mães)	
Geração III (15 a 25 anos)	Homens	5 (filhos)	
	Mulheres	5 (filhas)	

*Baseado no levantamento em cinco (05) famílias.

Resumindo, selecionamos em primeiro lugar a dimensão *diageracional*, que ressaltamos anteriormente como a mais importante, visto que reflete o aspecto diacrônico da variação e da aquisição do português. Para tanto foram consideradas três gerações, a saber 15-25 anos, 45-55 anos e mais de 65 anos. Tal divisão seguiu não apenas o critério da idade biológica, mas também um critério funcional, ou melhor: geração dos avós³², geração dos pais e geração dos filhos (ver Radtke & Thun, 1996: 40). Através disso, podemos ter uma idéia melhor da mudança da fala em tempo aparente.

A segunda dimensão escolhida foi a *diassexual*, que está estreitamente ligada à emancipação das mulheres e aos novos papéis que elas desempenham na sociedade, bem como ao fato de elas se comportarem de forma mais inovadora ou mais conservadora no uso do português. Nosso intuito foi verificar se havia diferenças no comportamento das variáveis lingüísticas por parte de homens e mulheres e, em caso afirmativo, quais seriam as motivações para isso.

A dimensão *diafásica* indicaria a presença de índices distintos de interferências fonéticas nos diversos níveis de uso do português, do mais espontâneo ao mais controlado

³² Pense-se no papel do “nonno” e da “nonna” no imaginário dos habitantes da RCI.

– estilo de conversa livre, estilo de questionário, estilo de leitura -, possibilitando um indício de mudança ou não.

Optamos por não incluir a dimensão *diatrática*, que considera a variação nos diversos estratos sociais, geralmente vistos em termos da escolaridade do informante. Tal decisão baseou-se na homogeneidade sócio-econômica, que de certa forma predomina na comunidade de São Marcos, bem como no fato de que o grau de instrução dos habitantes varia mais de acordo com a faixa etária (os jovens têm em geral mais escolaridade que os velhos) do que com o seu poder econômico.

A dimensão *diatópica* restringe-se, no nosso caso, à divisão em famílias de zona urbana e rural, se tomarmos esta distinção como de ordem espacial. Parece incontestável haver diferenças profundas entre os dois meios, sendo que no ambiente rural os traços do dialeto italiano se mantêm mais fortes.

Finalmente, propomo-nos a verificar as dimensões *dialingual* e *diarreferencial*, a primeira para constatação da influência do dialeto em falantes monolíngües em português, e a segunda para abordar as atitudes dos falantes e o papel da língua na construção da sua identidade. O quadro a seguir resume as dimensões de análise selecionadas e os parâmetros que cada dimensão envolve:

Quadro 2: Dimensões de análise da variação lingüística

DIMENSÃO	PARÂMETROS
1. Diageracional	jovens – adultos – velhos
2. Diassexual	homens – mulheres
3. Diafásica	conversa livre – questionário – leitura
4. Diatópica	rural – urbano
5. Dialingual	monolíngües (em português) – bilíngües
6. Diarreferencial	fala espontânea - metalinguagem

Enfim, desse quadro decorre a matriz de informantes da pesquisa. O número de informantes para cada parâmetro deve-se ao fato de terem sido estudadas cinco famílias com os respectivos homens e mulheres de três gerações (dos avós, dos pais e dos filhos).

2.2.2 O ponto de inquérito: São Marcos

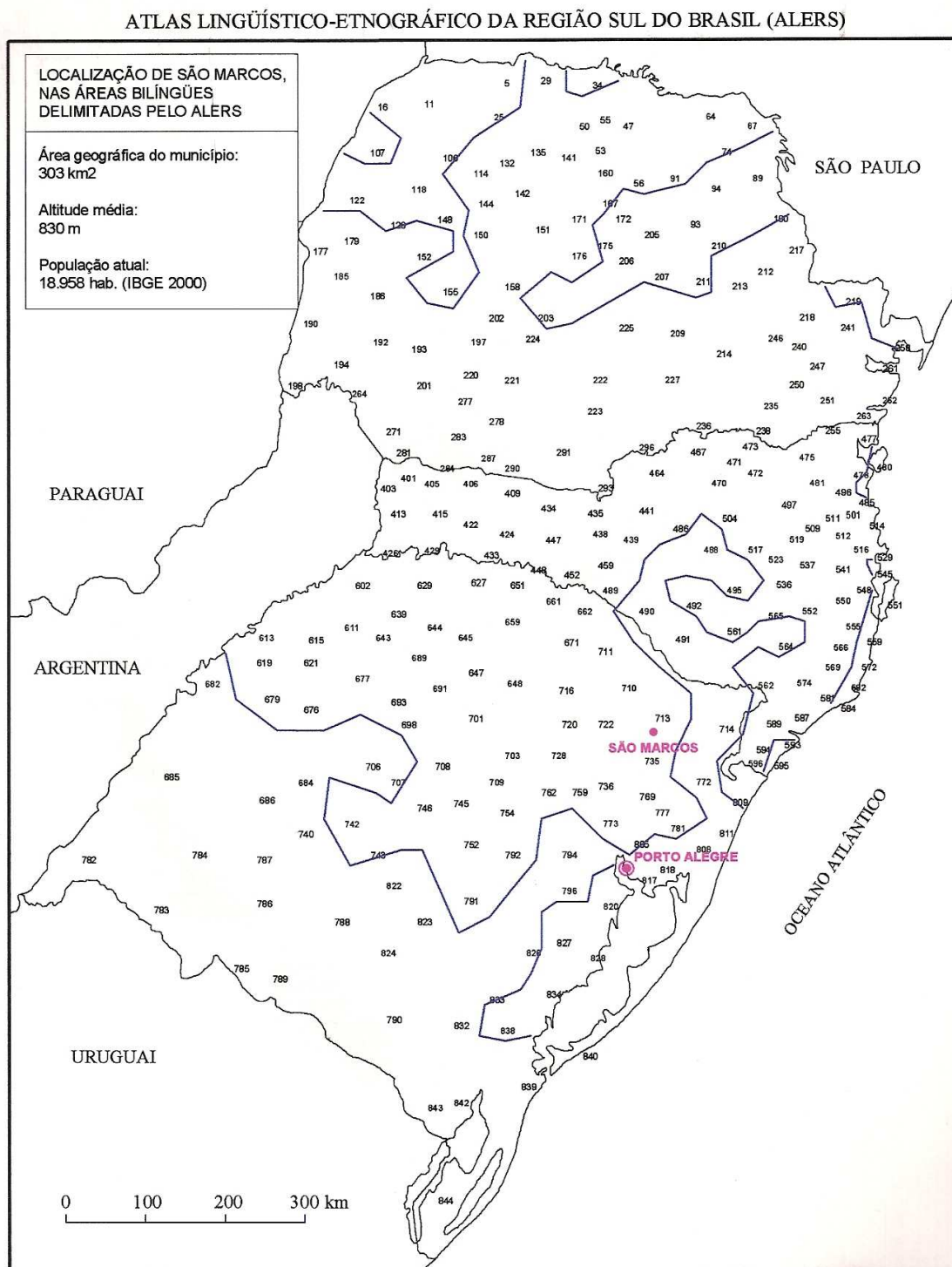
Em meio às várias paisagens no nordeste do Rio Grande do Sul que serviram de cenário para a mescla cultural e lingüística decorrente do contato entre diferentes elementos étnicos, encontramos comunidades dos mais variados tipos. As relações sociais, econômicas, culturais e lingüísticas entre os membros dessas comunidades não são de forma alguma homogêneas, levando-se em consideração a região como um todo. O grau de bilingüismo na RCI varia consideravelmente de localidade para localidade, assim como também as variedades de português e italiano resultantes do nivelamento lingüístico ocorrido entre os diversos grupos em contato. Ambos os aspectos dependem de uma série de fatores, entre os quais destacam-se: o contato com variedades dialetais de outras etnias que colonizaram o Estado; o grau de “urbanização” atingido por determinada localidade; a escolarização dos falantes; a preservação de costumes antigos, o papel social da mulher (ver 2.3).

Enfim, o comportamento lingüístico heterogêneo observado na RCI aumenta a importância da escolha da comunidade bilíngüe a ser investigada. Para os propósitos deste estudo, escolhemos uma comunidade que apresenta uma situação intermediária de bilingüismo: a cidade de São Marcos (ver localização no mapa 4). Verifica-se aí um predomínio claro de falantes descendentes de imigrantes italianos. Os falantes adultos mais idosos, pertencentes à terceira geração desde os primeiros imigrantes, fazem uso ativo tanto do português como do vêneto. Os filhos destes, ou seja, a quarta geração, também dominam os dois sistemas, embora o vêneto seja usado em menor quantidade, em situações muito específicas. A quinta geração, mais jovem, fala geralmente apenas português, mas compreende algumas expressões do dialeto vêneto falado pelos avós. Além disso, trata-se de uma cidade de pequeno porte, o que de modo geral facilita a observação do comportamento lingüístico dos falantes. Todas essas características tornam São Marcos uma espécie de laboratório para o estudo do contato lingüístico entre o italiano e o português.

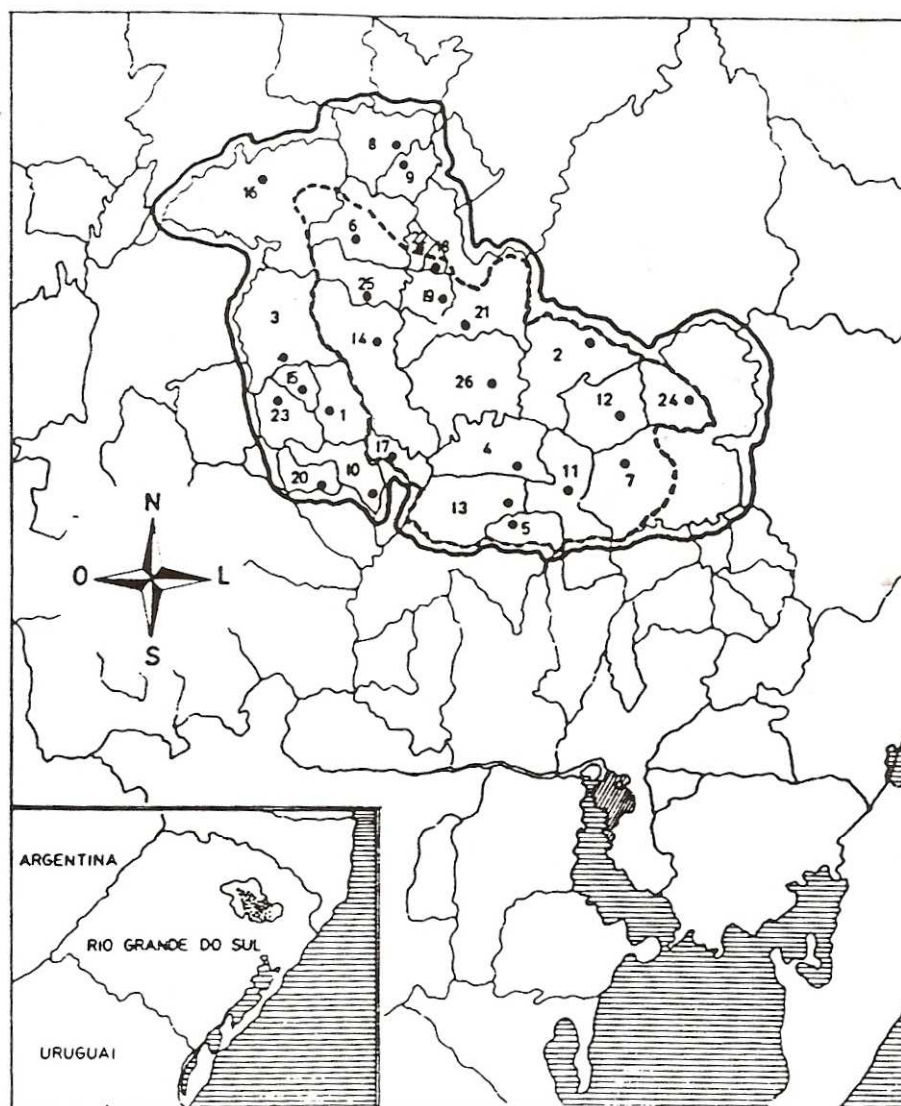
Localizado a uma altitude de mais ou menos 800 metros na encosta superior do Rio Grande do Sul, São Marcos é considerada a última cidade da Serra, no sentido Sul-Norte (ver mapa 5). A área total do município limita-se a Sul e a Leste com Caxias do Sul, centro de atração mais importante da região, para onde se dirigem os são-marquenses em busca de estudo, trabalho, compras, vida cultural, etc. O limite a Oeste é dado por Antônio Prado e Flores da Cunha, situados na área onde se localizam a maioria das “colônias” da zona rural, em uma região bastante recortada e acidentada, com vales profundos e floresta subtropical. A Leste e ao Norte, na direção do município de Vacaria, inicia-se a zona dos Campos de Cima da Serra. Contornam a área do município o Rio das Antas, Rio São Marcos e Arroio Timbori (Rizzon & Possamai, 1987: 27).

De povoamento anterior à colonização italiana, registram-se para São Marcos nomes como “Fazenda dos Ilhéus” (devido à origem de seus antigos proprietários, provenientes dos Açores), “São Marcos de Cima da Serra” (de quando o município pertencia a São Francisco de Paula), “São Marcos dos Polacos” (por ter recebido grande contingente de imigrantes poloneses), “São Marcos de Caxias” (de 1921 a 1963) e finalmente o topônimo atual, “São Marcos”, fixado a partir da emancipação em 9 de outubro de 1963. A partir de 1890, centenas de famílias polonesas vieram parar na cidade, a qual porém abandonaram poucos anos mais tarde, em 1917. Dessas famílias, restam hoje em São Marcos apenas quatro. Quanto aos italianos, a dívida colonial registra 201 famílias de imigrantes assentadas em lotes rurais, entre 1885 e 1897 (Rizzon & Possamai, 1987: 21-25).

Mapa 4: Localização da cidade de São Marcos nas áreas bilíngües delimitadas pelo ALERS



Mapa 5: Localização da cidade de São Marcos na RCI



MUNICÍPIOS QUE COMPÕEM A RCI:

- | | |
|---------------------|---------------------|
| 01. Anta Gorda | 14. Guaporé |
| 02. Antônio Prado | 15. Ilópolis |
| 03. Arvorezinha | 16. Marau |
| 04. Bento Gonçalves | 17. Muçum |
| 05. Carlos Barbosa | 18. Nova Araçá |
| 06. Casca | 19. Nova Bassano |
| 07. Caxias do Sul | 20. Nova Bréscia |
| 08. Ciriaco | 21. Nova Prata |
| 09. David Canabarro | 22. Parai |
| 10. Encantado | 23. Putinga |
| 11. Farroupilha | 24. São Marcos |
| 12. Flores da Cunha | 25. Serafina Corrêa |
| 13. Garibaldi | 26. Veranópolis |

CONVENÇÕES:

- CONTORNO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA
- ÁREA EM QUE FOI REALIZADA A PESQUISA DOS DIALETOS
- LIMITES MUNICIPAIS

Fontes:

- Esquema do Estado do Rio Grande do Sul. 1973. Porto Alegre, Globo.
- Vitalina Maria Frosie e Ciro Mioranza - Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. 1975b p. 53-7. Porto Alegre, Movimento; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.
- Elaboração Gráfica do Arquiteto José Afonso Galvão.

Nas décadas de 70 e 80, vários fatores foram determinantes para uma transformação na estrutura sócio-econômica da área em estudo, anteriormente baseada nas atividades agro-pecuárias. Dentre esses fatores, destacam-se sem dúvida a introdução do rádio, da televisão e de eletrodomésticos no meio rural, a mecanização das atividades agrícolas, o êxodo de jovens que vêm do campo para trabalhar na indústria e a migração, para a cidade, de trabalhadores oriundos dos Campos de Cima da Serra.

Atualmente, a economia do município inclui, além da atividade industrial, o transporte de cargas, atividade que tornou São Marcos conhecido como “a cidade dos caminhoneiros”. As atividades agrícolas e a pecuária crescem a cada ano – destaca-se aqui o cultivo da parreira desde os tempos dos primeiros imigrantes, além do tomate, abóbora, alho, batata, cebola, milho, produção leiteira e frangos de corte. Em contrapartida, também cresce “o uso indiscriminado de produtos químicos e de empréstimos bancários” (Rizzon & Possamai, 1987: 344). No setor das indústrias, destacam-se a fabricação de móveis e calçados, a indústria vinícola e a indústria metal-mecânica.

No que se refere à religiosidade, a cidade recebe uma influência marcante da organização paroquial. A paróquia detém a posse de vários bens estratégicos, desde o hospital até o ponto turístico mais conhecido de São Marcos: o Monte Calvário, com sua grande cruz pairando por sobre a cidade. Sem dúvida, esse fato reflete-se em parte também na rigidez de hábitos e nas atitudes bastante conservadoras em relação aos costumes e à moral. Além da matriz, contam-se dezesseis capelas atendendo as comunidades rurais no interior. Rizzon & Possamai (1987: 279) afirmam sobre isso:

A Igreja Católica marcou, profundamente, a população de São Marcos. Sua presença fez-se sentir não só na área espiritual, mas também na esfera educacional, da saúde da promoção humana, da moral e dos costumes, da economia, da política e da vida sindical. É difícil encontrarmos um aspecto da vida do povo em que a Igreja não tenha, de uma forma mais ou menos intensa, registrado sua participação.

Tais comunidades-capelas originaram-se no final do século XIX, quando os moradores da zona rural reuniam-se para construir uma capelinha de madeira e um pequeno cemitério. O santo padroeiro de cada uma dessas capelas acabou denominando também a localidade, e a estrutura popular baseada na religiosidade e nas relações sociais suplantou a estrutura oficial das linhas. Sempre por meio de mutirões, construía-se a escola, o salão de festas, as canchas de bocha e de futebol.

O grau de bilingüismo de São Marcos pode felizmente ser medido através dos dados coletados pelo projeto BIRS – “Bilingüismo no Rio Grande do Sul” -, desenvolvido por Walter Koch³³. Visando a mapear as áreas bilíngües do Estado, Koch coletou, em um inquérito por correspondência enviado às Juntas de Serviço Militar de cada município gaúcho entre 1985 e 1987, informações importantes sobre o bilingüismo dos alistados e de seus pais. É bem verdade que ficam excluídos dados de jovens do sexo feminino, bem como dados de falantes mais velhos. Porém, o recorte, apesar de restringir-se aos alistados (portanto, do sexo masculino, com idade de 18 anos), permite a comparabilidade e a quantificação dos dados.

No caso de São Marcos, os dados dão a seguinte configuração da população:

Tabela 1: Índices de bilingüismo em São Marcos segundo dados do BIRS (1985-1987)

Pais	Pais bilíngües		Pai bilíngüe		Mãe bilíngüe		Pais monolíngües	
	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE
Alistados	Ita+ptg	Ita+Ptg	Ita+Ptg	Ptg	Ptg	Ita+Ptg	Ptg	Ptg
Bilíngües: 44*	35		04		03		02	
28,75 %	54,68 %		26,66 %		42,85 %		2,68 %	
Monolíngües: 109**	29		11		04		65	
71,25 %	45,31 %		73,34 %		57,15 %		97,32 %	
TOTAL: 153	64		15		07		67	
100 %	41,17 %		9,8 %		4,57 %		43,79 %	

Obs.: *Dos 44 alistados bilíngües, um caso é de pai falante de alemão e mãe falante de italiano, e um pai italiano com mãe falante de polonês. Um terceiro alistado afirma que pai e mãe falam “outra” língua.

**Dos 109 alistados monolíngües, um possui pai e mãe falante de alemão, e dois só o pai fala alemão, e a mãe é monolíngüe em português.

³³ Ver Koch (1996: 315 [questionário]); Koch / Altenhofen (1986); Altenhofen (1996: 55-56).

Os números propostos pelo quadro acima permitem uma série de conclusões altamente reveladoras, algumas extremamente interessantes para a compreensão da evolução do bilingüismo em São Marcos, no eixo diacrônico e diageracional:

- 1) Predominam os casamentos endogâmicos, tanto entre pai e mãe bilíngües (41,17 %) quanto entre pai e mãe monolíngües (43,79 %), sendo a minoria de casamentos mistos, em que só a mãe (4,57 %) e ou só o pai (9,8 %) é bilíngüe em italiano e português. Estes últimos números sugerem, ainda, serem os homens mais propensos a uniões exogâmicas, já que somam o dobro de casos em relação às mulheres. Também não é desprezível haver um número mesmo reduzido de 2,68 % de bilíngües cujos pais são monolíngües em português. Isso poderia ser um indicativo da força do italiano na comunidade.
- 2) O percentual de jovens (alistados) bilíngües italiano-português perfaz 28,75 %, sendo a maioria de pai e mãe bilíngüe (54,68 %). Chama a atenção que, nos casamentos mistos, registra-se um percentual maior de alistados bilíngües quando só a mãe é bilíngüe (42,85 %) do que quando só o pai é bilíngüe (26,66 %), apesar de estes representarem mais que o dobro de casos de casamentos mistos (15 contra 7 casos). Tal fato pode ser explicado não só pelo tempo maior que as mães passam com os filhos, mas também pensando no tipo de atividade exercida pelos homens, por exemplo a de caminhoneiro, por muito tempo uma das principais da cidade.
- 3) Na comparação entre a geração dos alistados (em 1986-87 contando com 18 anos) e a de seus pais, nota-se que, enquanto o percentual de jovens bilíngües é de 28,75%, o percentual de pais bilíngües eleva-se para 49% em relação ao total de pais. Ou seja: nota-se por esses dados uma diminuição significativa dos bilíngües da comunidade (20%) em questão de apenas uma geração, justamente entre as gerações que neste estudo representam a GI (avós) e a GII (pais).

As informações do BIRS tornam-se valiosas e especialmente relevantes para nós porque a geração dos alistados e a de seus pais, pesquisadas por Koch, correspondem respectivamente à geração dos pais (alistados de 18 anos em 1986-87) e à dos avós (pais dos alistados nos dados do BIRS) no presente estudo. Nossa hipótese é de que a linha que separa o falar dessas duas gerações consiste justamente na cisão mais profunda entre a variedade que consideramos [+ita] e aquela que consideramos [+ptg] (ver 2.2.3).

2.2.3 Definição das variáveis lingüísticas

Para a definição das variáveis a serem analisadas, levamos em consideração, além da observação do vernáculo em situações cotidianas de comunicação em São Marcos, outros estudos sobre a variação fonológica entre falantes bilíngües italiano-português (Frosi, 1987b, por exemplo). Nesta etapa da pesquisa foi de grande valor a análise de mapas do ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil -, que abrange uma rede de 275 pontos de inquérito, onde são entrevistados informantes monolíngües e bilíngües, conforme o grupo de falantes predominante na localidade. Através da macro-análise desses mapas, foi possível observar características gerais das áreas bilíngües de influência do italiano, o que permitiu uma maior clareza sobre que variáveis lingüísticas escolher para o estudo pontual em São Marcos (conferir mapas 6, 7, 8, 9 e 10)³⁴.

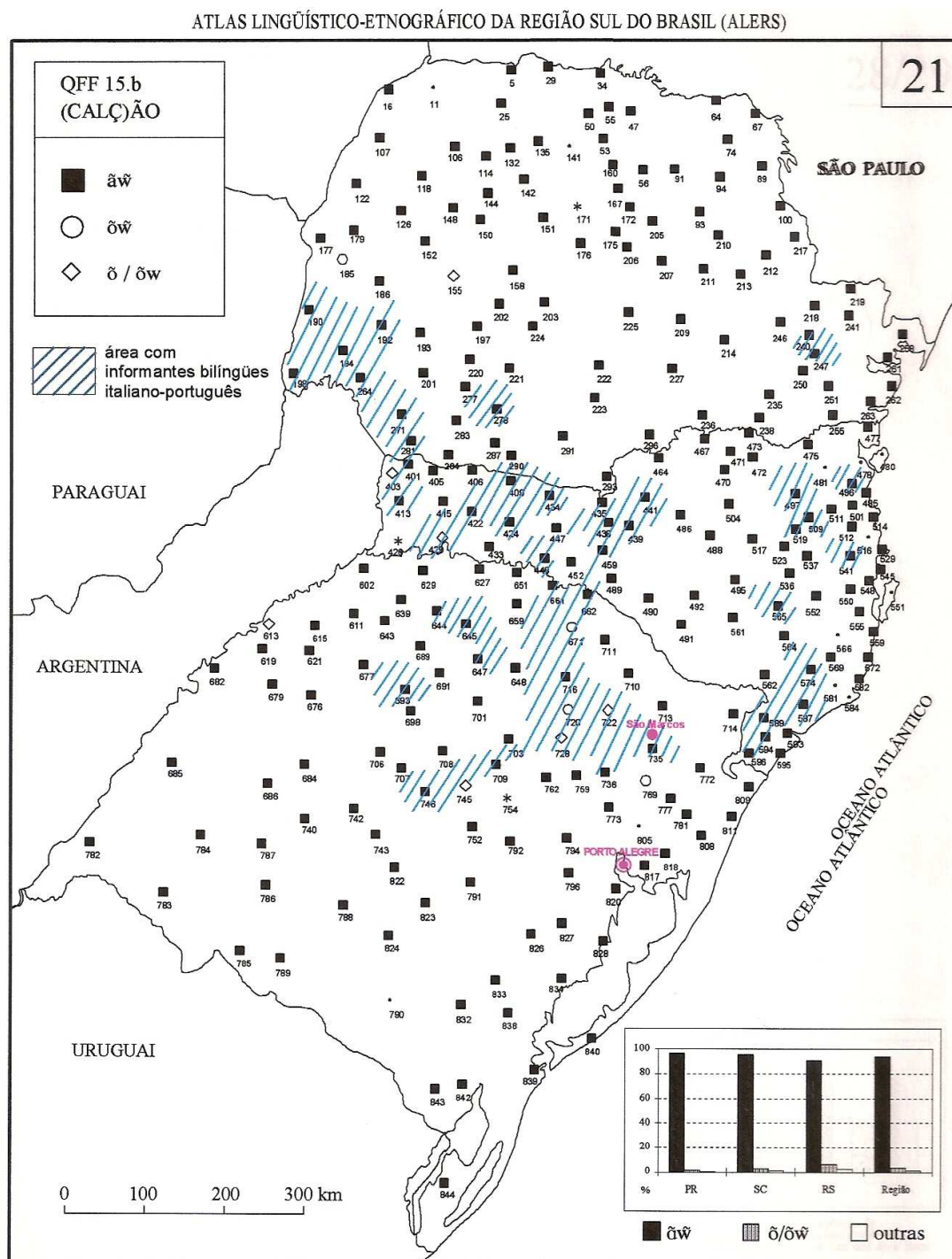
Para a interpretação de mapas lingüísticos, são procedimentos comuns na geolingüística:

- a) o traçado de *isoglossas* ou linhas auxiliares para uma maior visualização de áreas de concentração de determinada variante;
- b) a reunião ou sobreposição de mais de uma variável cartografada em um único mapa, quer dizer, a conversão de vários mapas analíticos em um único mapa sintético;
- c) a correlação da distribuição das variantes lingüísticas com arealizações determinadas por fatores extralingüísticos, como áreas de campo e de mata, rotas migratórias, fronteiras, e, principalmente, áreas colonizadas por imigrantes, que no nosso caso constituem o interesse central da pesquisa (ver mapa 3).

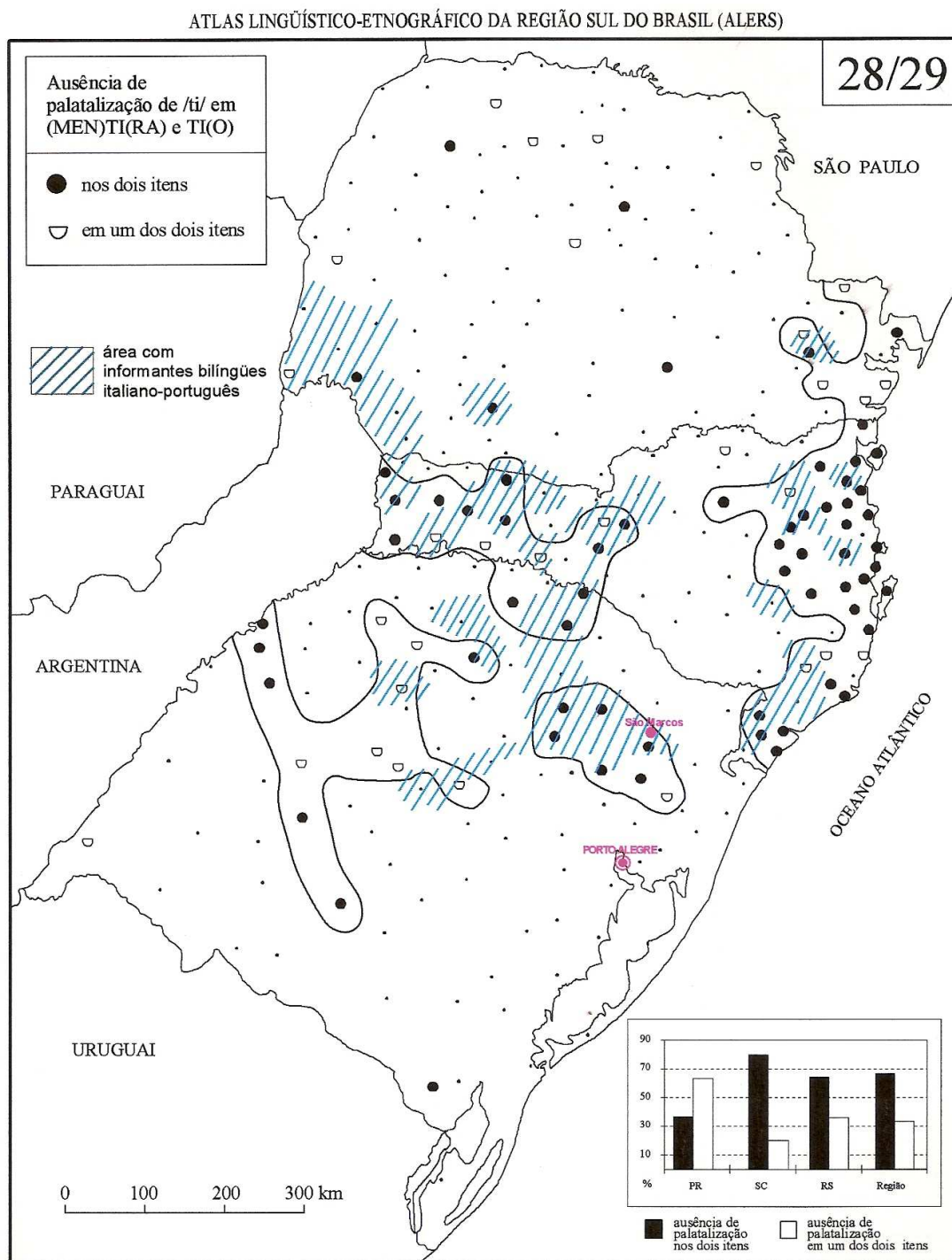
Vale lembrar que, para os fins deste estudo, utilizou-se como critério para a análise dos dados a oposição binária, em que opomos uma variante com o traço [+ita] a uma variante com o traço [+ptg]. Dessa forma, mesmo que surgissem várias ocorrências diferentes para uma mesma variável, elas receberam um desses dois traços. Por exemplo, para a variável “realização da vibrante”, apesar de terem ocorrido as variantes [r], [r], [h], [R], não consideramos cada uma isoladamente, mas identificamos [r] e [r] com o traço [+ita], e [h] e [R] com o traço [+ptg].

³⁴ Equivalentes aos mapas 21, 28/29, 31/32/33(a) e (b), 44 e 46 do volume II do ALERS.

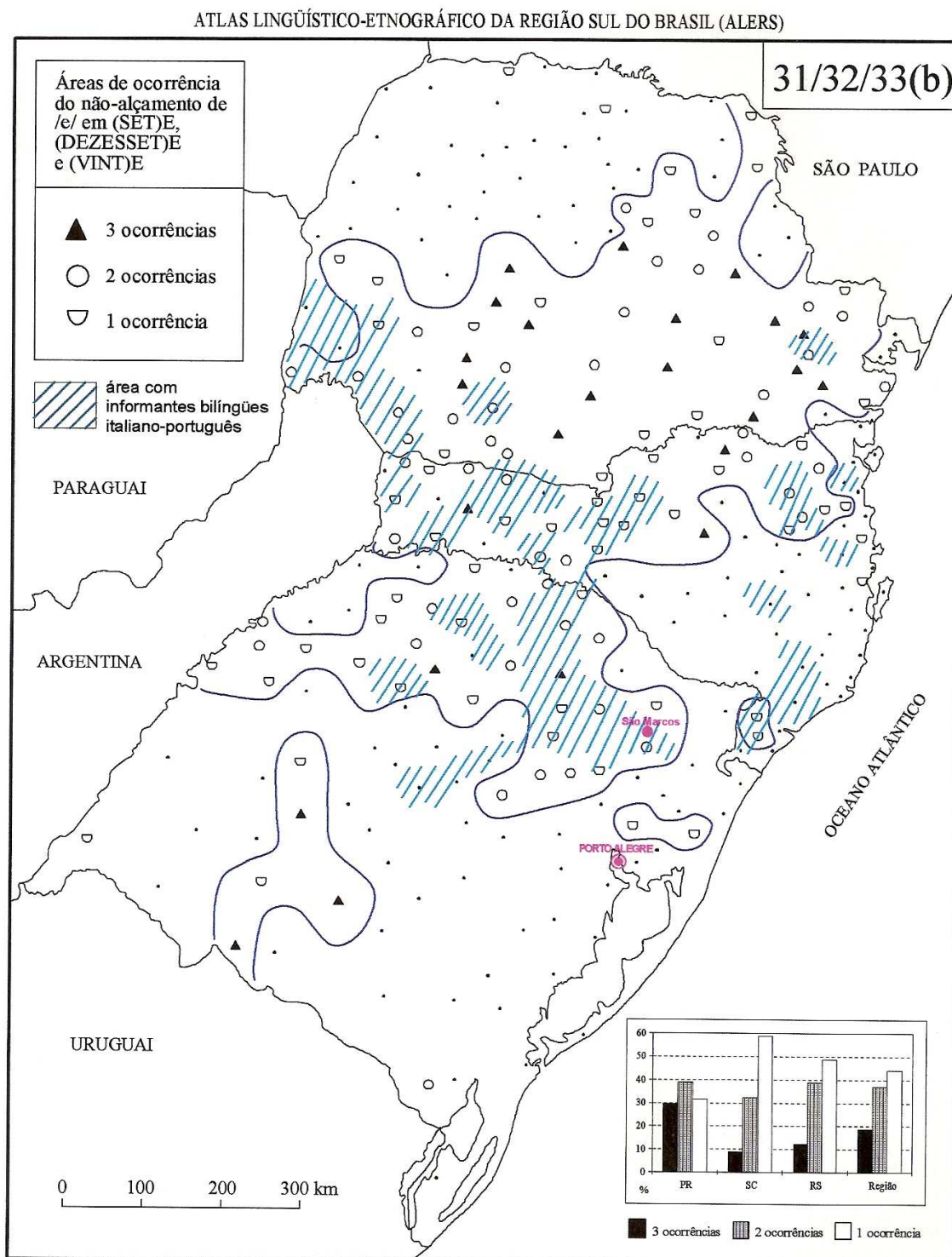
Mapa 6: Análise do mapa 21 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos



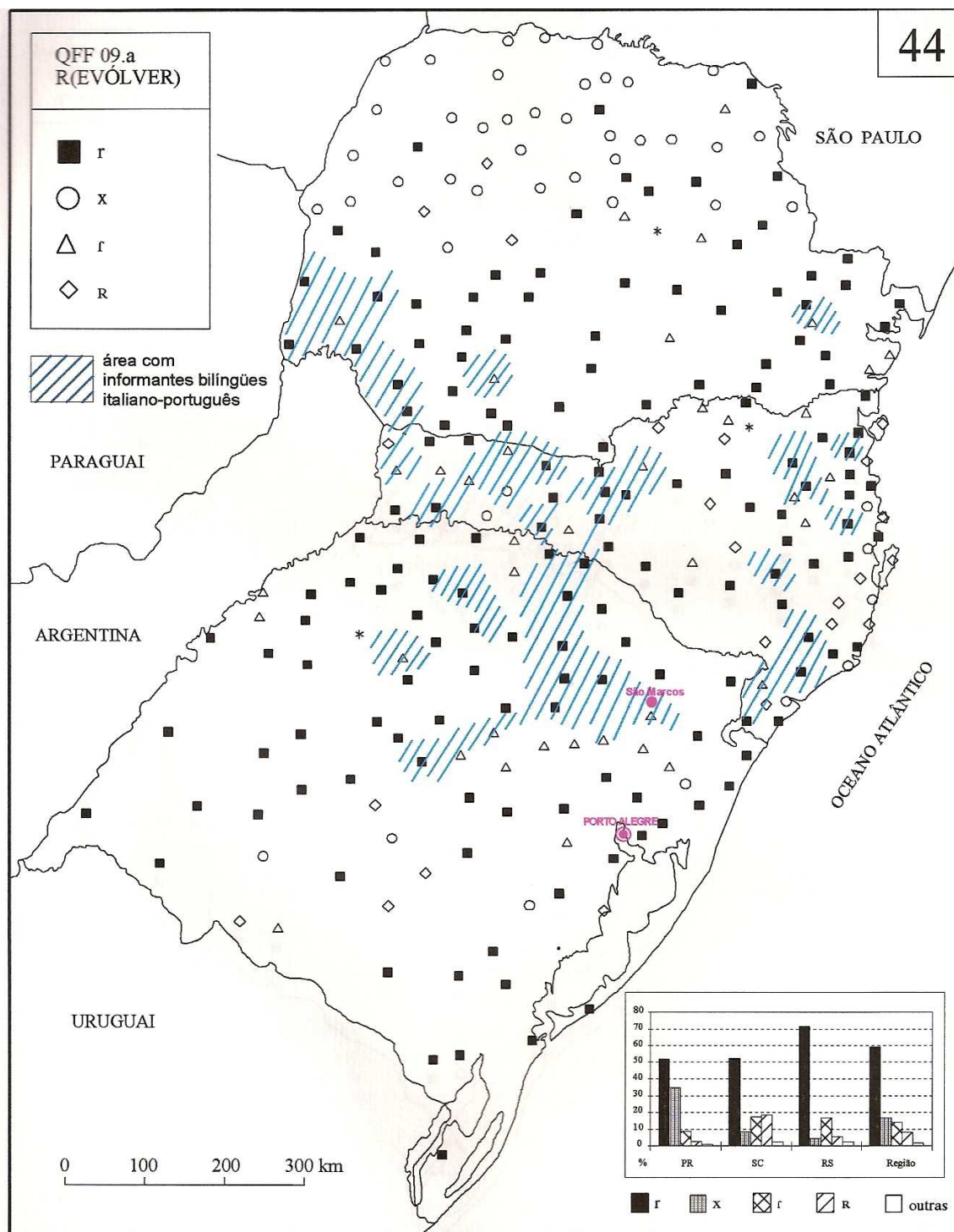
Mapa 7: Análise do mapa 28/29 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos



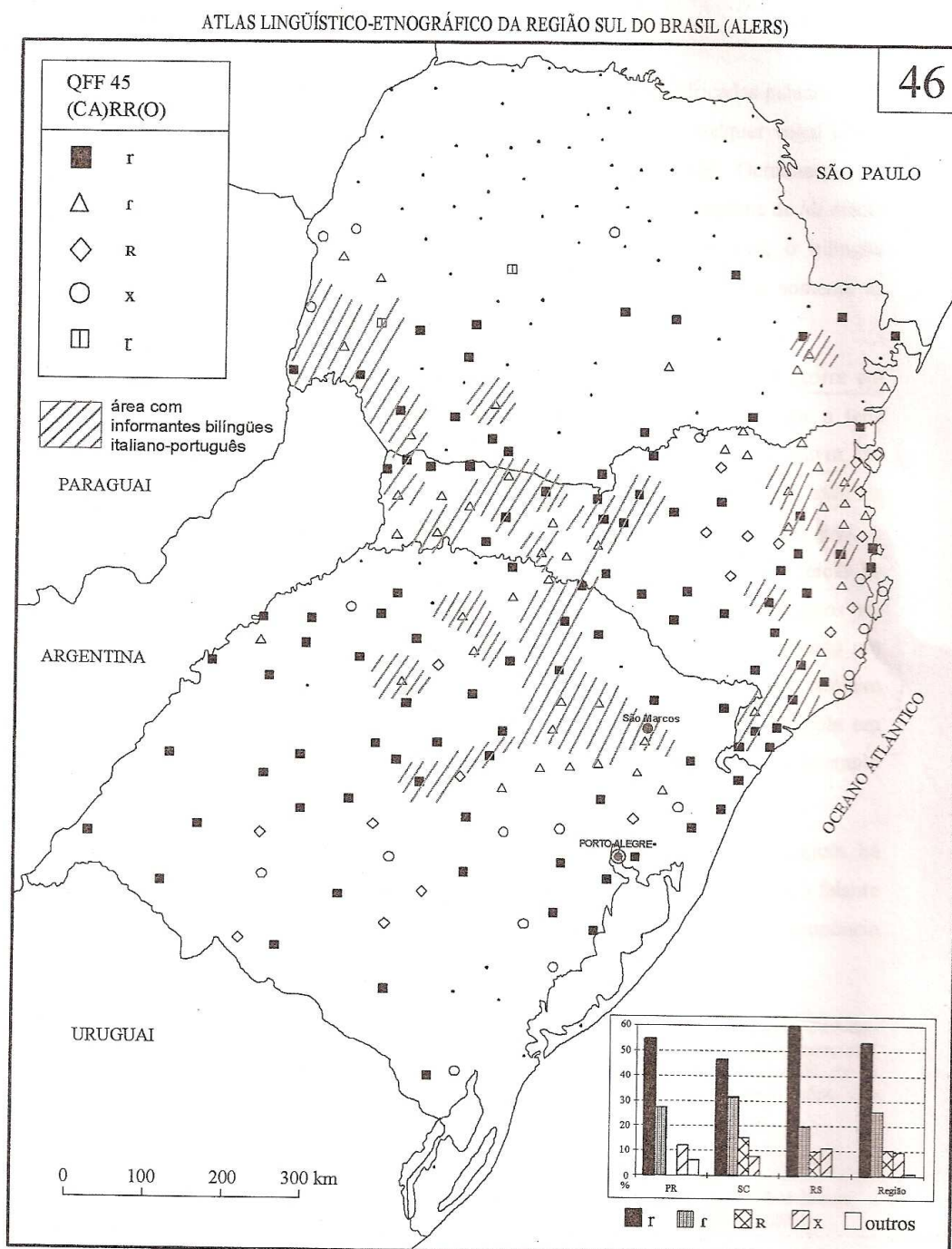
Mapa 8: Análise do mapa 31/32/33 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos



Mapa 9: Análise do mapa 44 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos



Mapa 10: Análise do mapa 46 do ALERS em relação às áreas com informante bilíngüe italiano-português e à localização de São Marcos



As variáveis selecionadas, enfim, a partir da macro-análise dos mapas do ALERS e de estudos sobre a variação fonológica da RCI, são as seguintes:

- a) **ausência de palatalização de /d/ e /t/:** As consoantes africadas palatais /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas em vêneta e realizam-se diante de qualquer vogal anterior (*ciao, certo, cinque, giorno*), mas não o são em português. Geralmente, no português, /ts/ se realiza como alofone de /t/, e /dʒ/ como alofone de /d/ diante de /i/, como em [ˈdʒia] e [menˈtsira]. Ao falar o português, o bilíngüe normalmente não aplica a regra da africada diante de /i/; usa somente as oclusivas /d/ e /t/, pronunciando, portanto, [ˈdia] e [menˈtira].
- b) **realização da vibrante:** No português, a vibrante múltipla, que ocorre em início de sílaba, apresenta-se em distribuição complementar com a tepe simples, que pode vir em todas as posições menos em início de palavra. Na *koiné* vêneta, encontramos apenas a vibrante alveolar simples; não existe a plurivibrante. Por isso, devido à interferência do italiano no português, o falante bilíngüe usa a vibrante simples em lugar da múltipla em início de sílaba, como faz com o sistema do italiano. Em relação a isso, notamos um fato curioso entre os falantes bilíngües, que interpretamos como sendo um caso de hipercorreção (confirmado por Frosi [1987: 225] e presente também nas histórias do Radicci)³⁵: é comum empregar-se a vibrante múltipla em contextos onde no português se exigiria a vibrante simples, como por exemplo em *burraco, arreia, parrerral*.
- c) **alternância entre /s/ e /ʃ/ e /z/ e /ʒ/:** No sistema fonológico do português, há os fonemas /s/ e /z/, que porém inexistem na *koiné* vêneta. Por isso, o falante bilíngüe italiano-português muitas vezes os substitui por /ʃ/ e /ʒ/ na pronúncia do português³⁶. Sobre esse fenômeno, Frosi (1987: 225) afirma:

Oggi si osserva che /s/ e /z/, nella parlata portoghese di molti bilingui, evolvono verso una consonante fricativa prepalatale, sorda e sonora rispettivamente; altri ancora rivelano regolarmente l'interferenza realizzando /ʃ/ o /ʒ/ secondo che la schiacciata corrispondente in lingua portoghese sia sorda o sonora e, infine, altri

³⁵ Veja-se Santos (2001)

³⁶ Esta substituição também é explorada por Iotti na fala do Radicci e dos personagens mais velhos de suas histórias, principalmente, como sendo uma marca distintiva do ítalo-brasileiro. Veja-se Santos (2001)

hanno appreso a realizzare le schiacciate secondo le tracce peculiari alla parlata dei monolingui.³⁷

- d) **realização do ditongo nasal /ãw/:** O ditongo nasal /ãw/ do português não existe no sistema fonológico do vêneto, sendo portanto substituído por /õ/, vogal média nasalizada em lugar do ditongo. Ouvimos assim, no português de contato, exemplos como *television*, *porton*, *coraçon*³⁸. Verificamos que não há na literatura, curiosamente, registro da substituição inversa, de /õ/ por /ãw/, apesar de ocorrer essa hipercorreção (exatamente como se observa também nas vibrantes – ver letra b) acima). Ou seja, nos contextos em que se deveria em português utilizar /õ/, este é, de fato, muitas vezes substituído por /ãw/, como em *batão* no lugar de *batom* e *marrão* ao invés de *marrom*, por exemplo.
- e) **realização das laterais:** No português, verifica-se a tendência crescente da vocalização da lateral alveolar /l/ em posição final de sílaba, que passa a ser pronunciada como /w/, por exemplo /saw'tar/ ao invés de /saltar/. Na *koiné* vêneta, contudo, mantém-se a lateral, nesses contextos, devido à falta da regra.
- f) **realização de /a/ diante de nasal:** A nasalização da vogal /a/, em português, faz com que esta adquira um timbre mais fechado e central, como por exemplo em *cama*, *italiano*, *amanhã*. Por interferência do vêneto no português de contato, é comum observar que /a/ permanece pronunciada como vogal baixa, desprovida de nasalização, mesmo diante de uma consoante nasal.
- g) **vogais em posição átona final:** Em português, as vogais /e/ e /o/ em posição átona final são normalmente neutralizadas, sofrendo alçamento para [i] e [u]. No português de contato, a influência do italiano leva à manutenção de /e/ e /o/ em final de palavra, tornando-se uma marca distintiva bastante perceptível da fala do bilíngüe italiano-português. Assim, em palavras como *leite*, *prato*, *peito*, *noite*, *time*, *padre*, as vogais átonas finais são pronunciadas como /e/ e /o/ em virtude da interferência fonética da *koiné* vêneta na língua portuguesa.

³⁷ “Hoje se observa que /s/ e /z/ , na fala portuguesa de muitos bilíngües, evoluem para uma consoante fricativa pré-palatal, surda e sonora respectivamente; outros ainda manifestam regularmente a interferência, realizando /ʃ/ ou /z/ conforme a “aproximada” em português seja surda ou sonora e, enfim, outros aprenderam a realizar as “aproximadas” segundo os traços peculiares à fala dos monolíngües.”

³⁸ Ou *sotacon*, como Iotti denomina a fala do Radicci.

Resumindo, temos o seguinte quadro de variáveis lingüísticas selecionadas para a análise de campo. As palavras selecionadas para a verificação da ocorrência de tais variáveis através do estilo de questionário foram as listadas a seguir:

Quadro 3: Palavras selecionadas para o inquérito

Variável	Palavras do questionário
/l/	Mel, Azul, Brasil, Salgada, Pulmão, Galpão, Salsa, Filme, Álcool, Último
/r/	Terra, Morre, Errado, Terreno, Rua, Rio, Relâmpago, Serrote, Genro, Marrom Hipercorreção: Marido, Parede, Baralho, Costureira, Galinheiro, Caro, Barato, Nora
/t/,/d/	Dia, Tarde, Noite, Tia, Mentira, Perdida, Dinheiro, Tijolo, Semente, Metade
/s/, /z/	Peixe, Hoje, Janta, Jogo, Chuva, Chave, Bocha, Jornal, Chapéu, Chaleira Hipercorreção: Cozinha, Sozinho, Sopa, Lessa, Missa, Saia, Lesma
/ã/	Televisão, Procissão, Pão, Verão, Fogão, Portão, Pulmão, Galpão, Coração, Colchão Hipercorreção: Edredon, Moletom, Filé mignon, Marrom, Batom
/a/	Manhã, Italiano, Banho, Ano, Ganhar, Amanhã, Canga, Cangalha, Montanha, Sanga
/e/, /o/	Filme, Serrote, Errado, Terreno, Dinheiro, Tijolo, Semente, Metade, Peixe, Jogo

2.2.4 Instrumentos de Coleta dos Dados

Com vistas a identificar se há variação diafásica dos dados, em outras palavras, se o estilo de fala dos informantes condiciona um registro mais ou menos cuidadoso da linguagem, usamos três instrumentos diferentes de coleta de dados:

- a) **Transcrição fonética *in loco*** para a obtenção dos dados no estilo espontâneo de conversa livre. Nesse tipo de coleta buscamos situações em que o vernáculo surgisse naturalmente na interação entre vários falantes – *pluralidade simultânea* ou *de uma só via* (Ver 2.2.1). As palavras com os fenômenos lingüísticos pesquisados (interferências fonéticas) foram anotadas a lápis na forma de transcrição fonética em um diário de campo. O mais importante era procurar interferir o menos possível na situação, minimizando os efeitos do constrangimento que a presença do pesquisador-observador pudesse causar.
- b) **Questionário** dividido em duas partes: a) Aspectos histórico-sociais: para a obtenção de dados sobre os antepassados dos informantes, região de procedência na Itália, dialetos falados pela família, condições de aquisição da duas línguas, atitudes lingüísticas, etc. Essas informações foram usadas principalmente no capítulo 3.1. b) Aspectos lingüísticos: para recolher palavras em que houvesse a ocorrência de interferências fonéticas. A coleta deu-se por meio de perguntas do tipo onomástico, seguindo a tradição dos estudos dialetológicos brasileiros para elaboração de atlas lingüísticos. Um mesmo questionário, de 68 perguntas - algumas elaboradas pelo ALERS -, foi aplicado isoladamente a cada informante e gravado em fita cassete. Essa situação de fala seria mais controlada do que a anterior não apenas pelo acanhamento decorrente do contato frente a frente com o pesquisador e da presença do gravador, mas também por representar uma situação mais artificial de comunicação.
- c) **Leitura** do texto “A parábola do semeador”, adaptado do Novo Testamento, Mateus 13, 1-9. De todos os estilos, a leitura é o que envolve maior grau de formalidade; o falante controla mais sua produção da fala, pois está com toda a atenção voltada para o ato lingüístico. Tal procedimento foi utilizado pelo ADDU e mostrou-se bastante eficaz para comparações e cruzamento de dados.

QUESTIONÁRIO

Parte I – Aspectos histórico-sociais

1. Como foi a vinda dos seus antepassados para a América? Por que eles vieram? Como seus pais se conheceram? Como era a vida na colônia no início?
2. Que línguas costumam falar na família? (quando? quanto? qual língua?) Que tipo de italiano é? Podia falar "um pouquinho"? Conhece outros dialetos? Quem aqui fala bergamasco, friulano, milanês?
3. E quando vem visita, que língua usa? (Como é se a visita fala/falasse só português, só italiano ?) Tem diferença o italiano que os outros falam?
Em que língua gosta de conversar mais?
4. Como aprendeu o português? (escola, quartel, contato, trabalho...)
5. Como é/foi na escola e na igreja o uso do italiano?
6. Como se sente mais, italiano ou brasileiro? E se joga a seleção brasileira de futebol contra a italiana, para quem torce?
7. Como acha que as pessoas de fora vêem os originários daqui (quanto à língua, aspectos físicos e sociais)?

Parte II – Aspectos Lingüísticos

Observações:

- a) Cada pergunta prevê uma determinada resposta que contém o segmento fônico selecionado para análise. Em um primeiro momento, procurou-se coletar estes exemplos por meio de conversa livre. Não ocorrendo nesse contexto, nem através do questionário, valeu-se do recurso de indução temática, induzindo o aparecimento da palavra através da sugestão de um tema de conversa semanticamente próxima.
- b) As perguntas não estão agrupadas por variáveis para que os informantes não percebessem qual fenômeno fonético está sendo pesquisado.
- c) Nem todas as perguntas foram respondidas, e algumas foram respondidas com palavras que não estávamos buscando.

1. Quando o sol se põe, vem a ... *Noite*
2. Quando o sol levanta, vem a ... *Manhã, tarde, dia*
3. Depois de ontem vem... *Hoje*
4. Quando a gente planta... *Terra, arado, buraco, semente*
5. Que instrumento se usa pra cortar? *Serrote, metade*
6. Que cor é essa? *Marrão*
7. O que a gente coloca no pescoço das ovelhas e porcos pra não passar na cerca? *Cangalha*
8. O que a gente coloca no pescoço do boi? *Canga*
9. Uma grande elevação de terra? *Montanha*
10. Onde se pesca? *Rio*
11. O que a gente pesca no rio? *Peixe*
12. Que as abelhas fazem? *Mel*
13. Quando chove forte, o que cai do céu? *Raio, relâmpago*
14. que cai do céu e molha a lavoura? *Chuva*
15. Qual a cor do céu? *Azul*
16. Onde passam os carros? *Rua*
17. Na frente das casas, pra entrar no jardim, a gente entra pelo... *Portão*
18. O que se empilha pra construir uma casa? *Tijolo*
19. Quando a gente quer construir uma casa, primeiro se compra um...*Terreno*
20. Onde se pendura os quadros na casa? *Parede*
21. Onde ficam os porcos? *Chiqueiro*
22. A parte da casa onde se faz o almoço... *Cozinha*
23. Onde ficam as galinhas? *Galinheiro*
24. De meio dia a gente almoça e de noite... *Janta*
25. Qual a parte da vaca que dá a melhor carne? *Filé mignão*
26. Onde a gente ferve água? *Chaleira*
27. Onde a gente cozinha o agnolini? *Sopa*
28. E a carne que é cozida nesta sopa? *Lessa*
29. Com que se joga canastra? *Baralho*
30. Onde a gente vê a novela? *Televisão*
31. Quando sai todo mundo de casa, a gente fica... *Sozinho*
32. Que figura é essa? (Mostrar desenho)... *Coração*
33. Quem nasce na Itália é... *Italiano*

34. Quem é brasileiro vive no... *Brasil*
35. Com que a gente tranca as portas? *Chave*
36. Como se chama aquele jogo em que se acerta bolas maiores na bolinha? *Bocha*
37. Onde a gente dorme, na cama? *Colchão*
38. Onde a gente lê as notícias? *Jornal*
39. O que os homens usam na cabeça? *Chapéu*
40. Quando um monte de gente anda pela rua atrás do padre... *Procissão*
41. O que o padre reza aos domingos? *Missa*
42. A mulher que faz roupas? *Costureira*
43. Quando a gente aposta na loto, na sena, no bicho... *Joga*
44. Se a gente põe muito sal na comida, ela fica... *Salgada*
45. Onde se passa chimia? *Pão*
46. O que eu preciso para comprar... *Dinheiro*
47. Se algo custa muito dinheiro é... *Caro/barato*
48. A gente nasce, cresce, envelhece e depois ... *Morre*
49. Como se chama o tempero verde que a gente põe na comida? *Salsa*
50. O contrário de certo é ... *Errado*
51. O contrário de esposa é... *Marido*
52. A esposa do seu filho é sua... *Nora*
53. O esposo da sua filha é seu... *Genro*
54. O que é seu a irmã de seu pai? *Tia*
55. Trinta dias é um mês, e doze meses é um... *Ano*
56. A estação mais quente do ano é o ... *Verão*
57. O que a gente faz embaixo do chuveiro? *Banho*
58. Qual o contrário de perder? *Ganhar*
59. Qual o nome de uma cobertura acolchoada? *Edredon*
60. O que não é verdade é ... *Mentira*
61. A comida é feita no... *Fogão*
62. Quando a gente não encontra uma coisa é porque está... *Perdida*
63. Quem fuma tem câncer no ... *Pulmão*
64. Onde se guardam as ferramentas? *Galpão, paiol*
65. A gente vai no cinema para ver um... *Filme*
66. De que tecido são feitos os abrigos? *Moleton*

67. O que é feito de cana e se compra na farmácia? *Álcool*

68. O contrário de “primeiro” é ... *Último*

LEITURA

Parábola do Semeador (Adaptado de *Mateus 13, 1-9*)

“Uma numerosa multidão de gente correu das cidades até a montanha para ouvir o que Cristo disse. “Saiu um semeador para semear a sua semente. Enquanto semeava, um grão foi derrubado na estrada. Foi pisado e os pássaros o comeram. Outro grão caiu sobre o terreno e secou porque não tinha umidade suficiente. Outros caíram entre espinheiros e os espinheiros crescendo com ele, o sufocaram. Finalmente um grãozinho caiu em solo fértil e bom e frutificou mil vezes tanto.” Interrogavam-lhe porém os seus discípulos que história era essa. Respondeu ele: “Esse é o sentido da parábola. A semente é a a palavra de Deus. Os grãos que caíram no chão são aqueles que ouvem mas depois vem o demônio e tira-lhes do coração a palavra, mas esses não tem raiz, pois crêem por certos dias e na ocasião da provação voltam atrás. O grão caído entre espinheiros são aqueles que ouviram, mas depois, indo adiante são sufocados pela preocupação, riqueza e prazeres da vida e não chegam a produzir frutos. O grão, porém, caído em terreno bom são aqueles que, tendo ouvido a palavra de coração bom e reto conservam-na e alimentam frutos na perseverança.”

Capítulo 3

ANÁLISE DOS DADOS DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS DE CONTATO EM SÃO MARCOS

Conforme já foi assinalado na Introdução, a análise do bilingüismo neste estudo está pautada na variação do português em termos da pluridimensionalidade das relações sociais e espaciais no contato entre italiano e português em São Marcos, na RCI, nordeste do Rio Grande do Sul.

A partir dessa perspectiva, não é demais relembrar os objetivos que se estabeleceram para a pesquisa: (a) descrever qual o estágio em que se encontra essa situação de variação lingüística em termos da configuração de dominância das duas línguas envolvidas e das interferências fonéticas do italiano no português; (b) investigar quais as motivações extralingüísticas que determinam a opção pelo uso de uma determinada variante [+ptg] ou [+ita]; (c) descrever traços do contínuo dialetal entre um estágio de predomínio dos dialetos de origem dos imigrantes, passando por um estágio intermediário de uniformização através de uma *koiné* que é até hoje representada pelo dialeto vêneto como sistema usual de comunicação, até a predominância quase absoluta do português entre os mais jovens; (d) contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre como se dá esse processo, considerando a manutenção/resistência ou a substituição de traços do adstrato italiano no português falado na comunidade bilíngüe em estudo.

Neste capítulo, analisaremos de que forma as variáveis lingüísticas escolhidas comportam-se dentro da estrutura social da comunidade, quais as diferenças mais significativas observadas entre as várias dimensões de uso/análise do português falado na comunidade, em que medida refletem as relações entre os falantes e, com base na avaliação que eles próprios fazem de sua língua, quais as projeções que podemos fazer sobre as mudanças lingüísticas.

3.1 Configuração de dominância das línguas em contato

Para a problemática do nosso estudo, é fundamental, antes de tudo, ter uma visão mais clara e precisa de qual é a “força” e representatividade do italiano e do português em São Marcos, ou seja, qual a configuração de dominância³⁹ das duas línguas entre os falantes pesquisados. Segundo Weinreich (1974: 79), a multiplicidade de fatores⁴⁰ pelos quais se costuma definir uma ou outra das línguas faladas pelo bilíngüe como dominante⁴¹ apresenta-se como incomensurável: “The dominance of a language for a bilingual individual can be interpreted as a specific configuration or syndrome of characteristics on which the language is rated”.⁴²

Em 2.1.1, havíamos obtido, por meio dos questionários do BIRS, um índice de 30,5% de bilíngües jovens nesse município, o que dá uma idéia da amplitude e difusão do bilingüismo na comunidade no período em questão (1987-89). Esse índice, porém, é apenas genérico, pois não distingue o quanto cada falante sabe de ambas as línguas em contato, ou seja, o grau de bilingüismo da população.

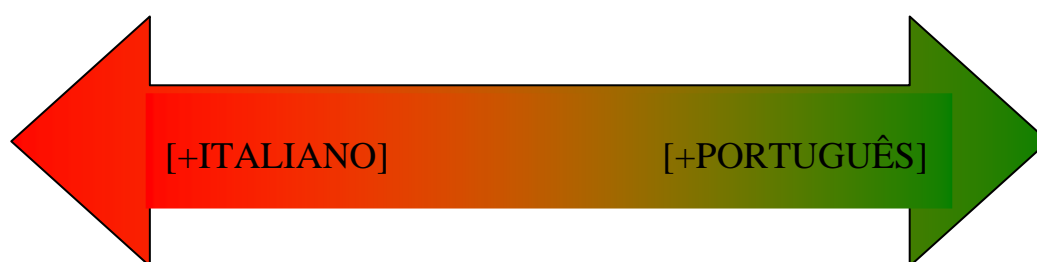
Considerando que nenhum bilíngüe é igualmente bilíngüe como outro, sendo arbitrário e quase impossível precisar em que ponto um indivíduo torna-se bilíngüe, temos que optar, em consonância com Mackey (1972) e Titone (1993), por um conceito relativo de bilingüismo como o “uso alternado de duas línguas” (ver 2.1.1). A solução que esses autores apresentam implica em determinar não tanto se um indivíduo é bilíngüe ou não, mas **em que medida** é bilíngüe. Esse grau de bilingüismo é por nós, então, concebido como um contínuo que vai desde uma proficiência maior em italiano [+ita] (subentenda-se aqui a variedade dialetal decorrente do uso da *koiné* com base no vêneto), passando pelo bilingüismo equilibrado em ambas as línguas, até um predomínio maior do português [+ptg]. Tal contínuo pode ser representado pelo seguinte esquema:

³⁹ Conferir Weinreich (1974: 98).

⁴⁰ Weinreich (1974: 74-79) cita, entre esses fatores, a proficiência relativa nas duas línguas, o modo de uso (oral ou escrito), ordem de aprendizagem e idade, utilidade para a comunicação, envolvimento emocional, função na ascensão social, valor literário ou cultural.

⁴¹ O complexo conceito de “língua dominante” tem sido indiscriminadamente associado à noção de “mother-tongue”, “língua materna”, o que é também criticado por Altenhofen (2002b: 153).

⁴² Tradução: “A dominância de uma língua para um indivíduo bilíngüe pode ser interpretada como uma configuração específica ou síndrome das características pelas quais é estipulado o valor da língua.”



A partir dessa visualização, tentamos definir a posição de cada informante nesse contínuo, segundo sua configuração de dominância das línguas em contato, o que remete ao grau de bilingüismo dos falantes (proficiência em ambas as línguas) e ao contexto em que ocorre o fenômeno (domínios⁴³ de uso de L1 e L2). Para avaliar tal configuração, tentamos responder a um conjunto de perguntas, relacionadas às condições de aquisição do português pelos falantes, às suas habilidades lingüísticas, bem como à frequência e à duração no uso das línguas, cujas respostas descrevemos a seguir.

3.1.1 Condições de aquisição do português

A partir das respostas coletadas por meio da Parte I do questionário básico, a qual se refere a aspectos sociais e históricos da vida dos informantes, podemos descrever as condições em que o português foi adquirido pelos falantes bilíngües de nossa amostra. Esse fator mostra-se relevante para o entendimento das diferenças no uso do português de contato falado na região, especialmente no que diz respeito à variação diageracional, isto é, a variação entre as três gerações inquiridas.

Já havíamos mencionado anteriormente que há uma diferença de escolarização entre velhos e jovens, não importando a classe social a que pertencem. Geralmente, a geração dos mais velhos (com mais de 65 anos) falava apenas italiano na infância e aprendeu o português essencialmente via escola e em condições muitas vezes adversas. Para isso contribuiu um maior grau de isolamento nos primeiros anos de colonização, quando o dialeto italiano não convivia com o português. Além disso, até a Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu uma forte proibição das línguas minoritárias nas colônias do Rio Grande do Sul pelo Governo Vargas, as possibilidades de uso do português limitavam-se a

⁴³ No sentido que lhe atribui Fishman (1972: 110).

transações comerciais ou bancárias, ao serviço militar no quartel, à ida ao seminário eclesiástico, etc., contextos que favoreciam especialmente os homens, que por isso certamente aprenderam a nova língua antes das mulheres. Eram os homens que faziam a ligação com a cidade; as mulheres permaneciam muito restritas ao lar.

Sobre o comportamento lingüístico das mulheres, contudo, é preciso cautela nas afirmações, pois, como mostram os estudos,

As mulheres, embora sejam mais conservadoras que os homens quando se trata de estruturas normativas estáveis, isto é, sua fala se aproxima mais da forma padrão, são menos conservadoras quando se trata de mudanças em progresso. Assim, para a maior parte das mudanças, elas estão uma geração na frente dos homens. (Faraco, 1998: 122)

Os falantes da segunda geração (45 a 55 anos) já tiveram, na sua maioria, contato com o ensino formal e muitos cursaram “até o ginásio”; poucos têm o segundo grau completo e raramente encontra-se alguém com formação superior. Apesar disso – ou até mesmo devido a isso – esses falantes dão muita importância para os estudos dos filhos e fazem questão de mantê-los na escola e incentivá-los a cursar uma faculdade.

Assim, a aquisição do português tem características próprias nas diferentes gerações, sendo mais avançada na geração dos jovens, que têm na língua portuguesa a língua materna e a língua de estudo na escola, e menos desenvolvida na geração dos velhos, que a aprenderam como segunda língua. Afinal, não se pode perder de vista que o imigrante recém-chegado, do século XIX, é acima de tudo monolíngüe na sua língua de origem e encontra, no Brasil da época, condições muito precárias para a aprendizagem do português. Basta lembrar, conforme Roche (1966) e Altenhofen (2000), que as famílias de imigrantes foram assentadas em zonas de mata densa, portanto sem contato maior com o falante luso, que se encontrava nas cidades e nas extensas zonas de campo.

3.1.2 Habilidades no uso do italiano e do português

Conforme explicamos na seção acima, as condições de aprendizagem do português produzem níveis de proficiência em L2 diferentes entre os mais velhos e os mais jovens. Isso é especialmente perceptível no que se refere às quatro habilidades de uso do português dos falantes da comunidade.

O quadro abaixo (seguindo Mackey, 1972: 557) sintetiza os dados obtidos para este item. Nota-se nos resultados que essa diferença de proficiência entre as três faixas etárias da pesquisa mostrou, além disso, diferenças nos diversos níveis de análise da língua: fonológico, morfológico, sintático, lexical e estilístico.

Quadro 4: Habilidades no uso do italiano e do português conforme o nível gramatical e a geração dos informantes

Nível	Fonológico			Morfológico			Sintático			Lexical			Estilístico		
Habilidade	GI	GII	GIII	GI	GII	GIII	GI	GII	GIII	GI	GII	GIII	GI	GII	GIII
Ouvir	ita	ita	ita	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	ita	ita	ita	#
	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg
Ler	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	#
	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg
Falar	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	#	ita	ita	ita	ita	ita	#
	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	ptg	#	ptg	ptg
Escrever	ita	#	#	ita	#	#	ita	#	#	ita	#	#	ita	#	#
	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg	#	ptg	ptg

O quadro acima revela uma certa constância nas habilidades de uso entre o italiano e o português entre os bilíngües da GII em todos os níveis gramaticais, com exceção da habilidade de escrever em italiano, a qual permanece restrita à geração dos mais velhos (GI). De resto, verifica-se uma polarização entre GI e GIII: de um lado, a menor proficiência em português na GI, sobretudo nos níveis fonológico e morfológico, e, de outro lado, a menor proficiência em italiano por parte da GIII, restrita à habilidade de compreensão oral, no nível fonológico, que configura a situação de bilingüismo passivo (“X entende, mas não fala”), característica entre os jovens da comunidade.

Vale destacar o fato de o domínio do italiano estender-se por todas as gerações no uso do léxico nas habilidades orais (ouvir e falar) e nos aspectos fonológicos para a habilidade de compreensão. Neste particular, vale destacar que o italiano constitui uma variedade essencialmente falada, não escrito; não obstante chamem a atenção os índices na leitura e escrita entre os mais velhos.

De modo geral, pode-se depreender do quadro a existência de uma mudança em curso da GI para a GIII envolvendo a perda das habilidades relativas ao uso do italiano e a aquisição/substituição progressiva pelo português, ausente na GI em algumas habilidades, sobretudo na escrita. Além disso, o quadro acima ainda aponta para a pertinência de se escolher, na metodologia de pesquisa dessas situações de contato lingüístico, três gerações de informantes, pois, de acordo com os dados, visualiza-se melhor o *gradatum* entre 1) [+língua minoritária], 2) estágio intermediário [+ bilíngüe] e 3) [+português].

3.1.3 Freqüência, duração e pressão no uso das línguas

Parece igualmente relevante afirmar que há entre os falantes diferenças quanto à duração do contato bem como à freqüência de uso das línguas. Por exemplo, um falante de 65 anos que passou toda a sua vida em um ambiente bilíngüe, falando diariamente ambas as línguas, provavelmente domina melhor os dois sistemas lingüísticos envolvidos do que um jovem de 20 anos que usa a segunda língua apenas quando fala com os avós.

Outro fator importante observado nas respostas dos informantes é o papel exercido pelas pressões sociais no uso de L1 e L2. No caso da RCI, aparece freqüentemente nos depoimentos a pressão política – pode-se dizer até militar –, na época da Segunda Guerra Mundial, para que os imigrantes italianos adotassem a língua portuguesa, sob pena de irem presos se fossem surpreendidos falando sua língua materna. Do outro lado, recai sobre o grupo imigrante a pressão econômica, no sentido da necessidade de falar o português para obter uma vantagem nas relações comerciais das colônias com as cidades maiores. Além desse tipo de pressão, há ainda pressões de ordem cultural, histórica, religiosa, administrativa que já foram tratadas direta ou indiretamente ou aparecerão a seguir.

3.1.4 Funções internas e externas

Mackey (1972: 558) define as funções externas do bilingüismo como sendo determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação de cada uma em duração, freqüência e pressão. As áreas de contato incluem o ambiente familiar, a escola, a comunidade, os meios de comunicação de massa como rádio, TV e imprensa.

Considerando esses parâmetros em relação à comunidade de falantes bilíngües de São Marcos, pudemos notar que as áreas de contato que mais favorecem o uso do italiano são o ambiente familiar, as relações de vizinhança entre famílias de uma mesma origem étnica, as atividades desenvolvidas em torno da igreja e do lazer, como festas, galletos, quermesses, procissões, jogos, campeonatos de bocha, futebol, etc. Por outro lado, as áreas de contato onde se impõe mais fortemente o uso do português são a escola, como meio de instrução formal, e os meios de comunicação de massa, principalmente a partir da difusão do rádio e da TV na segunda metade do século XX. Portanto, parece haver uma identificação do italiano como “língua da família” e do português como “língua de contextos formais” ou ainda “língua de instrução”.

Em outro plano, as funções internas relacionam-se aos usos não-comunicativos da língua, como na linguagem interna, aquela em que o bilíngüe concentra a fala em si próprio para contar, calcular, rezar, blasfemar, sonhar, tomar notas, etc., bem como nas aptidões intrínsecas de cada um, incluindo memória, inteligência, idade, motivação.

De modo geral, os entrevistados da pesquisa declararam usar o português para realizar essas funções. Apenas alguns falantes mais velhos dizem contar, calcular e sonhar em italiano. Um fato, porém, se sobressai nas entrevistas: apesar de afirmarem ser “pecado”, todos os bilíngües da comunidade usam o italiano para blasfemar. Essa relação é de tal modo forte, que constitui um traço da identidade do elemento italiano.

3.1.5 A identidade e a visão da própria língua

O registro dos valores e atitudes dos falantes em relação à própria língua e à dos outros envolve grande complexidade. Tanto mais difícil é quantificar categorias tão abstratas como a “identidade”, sujeitas às mais diversas influências. Por essa razão, optamos nesse particular por uma análise qualitativa, valendo-nos principalmente dos comentários metalingüísticos dos informantes, coletados na parte inicial da pesquisa.

Das observações feitas em um diário escrito por ocasião da pesquisa de campo, salta aos olhos uma certa contradição entre os julgamentos que os habitantes fazem da cidade e da própria língua. Isso ocorre tanto entre os jovens quanto entre os velhos.

Entre estes últimos, podemos notar um orgulho de ser “estrangeiro”, descendente de imigrantes. Gostam do rótulo de “italianos”, que encaram como um predicado que os distingue dos “brasileiros”. Assim, embora muitas vezes se sintam constrangidos e ridicularizados como “colonos” sem cultura (veja-se o estereótipo do “gringo” explorado por Iotti em seu personagem Radicci)⁴⁴ e, por isso, diante da comunidade luso-brasileira, preferam falar a língua portuguesa, predomina entre eles um sentimento de identidade que os une à língua e à cultura italianas. Ao responderem às perguntas 6 e 7 da Parte I do nosso Questionário (ver 2.2.4), os falantes da geração dos mais velhos hesitam antes de responder se se sentem mais italianos ou mais brasileiros. Apesar de todos afirmarem torcer para a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, alguns dos informantes afirmam: “somos italianos nascidos no Brasil”. Nesse caso, predomina o critério da etnicidade sobre o sentimento de nacionalidade. Desse modo, quando querem reforçar esses laços que os ligam às origens ou que os identificam aos “compatriotas” de seus antepassados, falam a língua italiana com fluência e entusiasmo. O uso do italiano também se verifica quando querem trocar informações entre si que não podem ser entendidas pelos mais jovens ou pelos “brasileiros”⁴⁵ de fora da comunidade. Portanto, o uso do dialeto italiano ainda é um elemento muito importante na mentalidade do ítalo-gaúcho para constituição de sua identidade.

O que envolve, contudo, o conceito de identidade? Segundo Constantino (1991), que estudou os calabreses em Porto Alegre, a identidade precisa ser vista, acima de tudo, como um conceito dinâmico. Nesse sentido, é possível entender a sua adequação às diferentes situações, ou seja, temos que ver a identidade como situacional. Por conta desse caráter, o falante bilíngüe varia sua identidade conforme o que lhe rende maior lucro em determinada situação, ou ainda apagando estigmas que poderiam acarretar prejuízos no mercado das línguas⁴⁶.

Assim, os falante bilíngües, quando estão diante dos “brasileiros”, freqüentemente depreciam sua própria maneira de falar, dizendo “*nóis falemo tudo erado*”. Certamente estão referindo-se ao português de contato, identificado com uma série de marcas de interferência do italiano. Essa visão estigmatizada do português de contato parece mais forte na geração dos mais velhos, para os quais o português que falam é alvo de muitos preconceitos. Conseqüentemente, sentem mais vergonha quando o fazem.

⁴⁴ Veja-se Santos (2001).

⁴⁵ Termo freqüente usado pelos informantes para designar os “luso-brasileiros não-descendentes de italianos”.

⁴⁶ Cf. Bourdieu (1998).

Em relação aos mais jovens, constata-se um discurso mais rebelde. Consideram a cidade retrógrada, conservadora. Afirmam ser difícil viver em um lugar onde todos são moralistas, onde há muito machismo, racismo, preconceito contra homossexuais, onde “a igreja manda em tudo”. Reclamam que não existe privacidade, pois todos falam da vida alheia. Percebemos, desse modo, que a restringibilidade das relações possíveis nessa pequena comunidade do interior tolhe muito a liberdade das pessoas.

Por outro lado, apesar de transparecer no discurso uma certa insatisfação com o lugar onde vivem, a expectativa desses jovens para a vida não é sair de casa para morar fora. Os que saem para estudar, por exemplo, querem voltar. Eles ressaltam principalmente a relação com a natureza (herdada do pai, do avô, do bisavô) como motivo para isso. Realmente, após conviver com eles durante algumas semanas, é de se duvidar que possam prescindir da natureza que os rodeia, de poder pescar nos rios, de fazer fogueiras nas noites sem lua, tomar banho de cachoeira, respirar ar puro, estar perto dos animais. Eles parecem ter consciência de que em termos de vida saudável, a qualidade de vida nessas cidades do interior é muito alta.

Por isso, quando o assunto é o próprio sotaque, demonstram sentir orgulho dele e deboçam dos que falam chiado, tentando imitar “os de Porto Alegre”. Tem-se, na verdade, uma situação do que Labov chama de *prestígio encoberto* (*couvert prestige*), isto é, localmente e internamente válido. A identidade local é reforçada por uma forte identificação entre as histórias de vida de cada um desses jovens e pela falta de um contato maior com jovens “da cidade grande”. Percebemos que, se por um lado os jovens raramente falam o dialeto italiano de seus pais e avós, por outro a sua fala em português é bastante marcada por traços que os distinguem como descendentes de italianos. Todos os jovens inquiridos respondem que se sentem mais brasileiros do que italianos, mas revelam muitas vezes um certo preconceito em relação aos “brasileiros puros”, ou seja, aos luso-brasileiros.

3.1.6 Sintetizando: o perfil dos falantes bilíngües da pesquisa

Tomando sempre como base para nossa análise o contínuo dialetal que existe entre um extremo, representado pelo dialeto vêneto, e outro, a língua portuguesa, e considerando os aspectos observados acima sobre as condições de aquisição das duas línguas, podemos traçar em linhas gerais um perfil mais ou menos fidedigno de nossos informantes.

Desse modo, os **parâmetros que favorecem o uso do vêneto** são: o ambiente rural, a geração dos mais velhos, o sexo masculino, a ascendência de imigrantes italianos, o ambiente familiar, as situações informais de comunicação. Por outro lado, entre os **parâmetros que inibem o uso do vêneto** e promovem o uso do português estão: o ambiente urbano, a geração dos mais jovens, o sexo feminino, a ascendência de luso-brasileiros, o ambiente social, as situações formais de comunicação.

O gráfico a seguir resume essa relação entre o contínuo de traços no uso do italiano e do português e os parâmetros que favorecem ou inibem esse uso:



Tal configuração de dominância das duas línguas em contato será confirmada ou não pelos dados obtidos nos inquéritos com os informantes, os quais descreveremos na seção a seguir.

3.2 Comportamento das variáveis lingüísticas no uso do português em São Marcos

A manutenção ou o desaparecimento dos traços [+ita] na comunidade bilíngüe de São Marcos estão condicionados a vários fatores, entre os quais se destacam o papel da mulher na sociedade, o comportamento dos jovens, o cuidado com o discurso, entre outros.

A seguir analisaremos em separado cada uma das dimensões em que se movem as variantes pesquisadas a fim de observar o que determina a opção pela forma [+ita] ou pela forma [+ptg] nessas dimensões e, além disso, insinuar algumas hipóteses sobre os caminhos que pode seguir essa atual situação de variação.

3.2.1 A dimensão diafásica: a variação no estilo de fala do português

O estilo de fala configura-se como um importante parâmetro condicionante do discurso, principalmente quando se trata de mudança ou perda de formas. Vários estudos salientam a importância dessa dimensão da variação⁴⁷, apesar da escassez de estudos que a enfoquem de forma mais sistemática.

Contrastando a espontaneidade do vernáculo com a linguagem mais formal usada em entrevistas e o estilo mais rígido e controlado de leitura, podemos perceber se o que motiva a escolha de determinada variante pelo falante é uma marca de prestígio presente na comunidade ou não. Se, ao contrário, a variante for estigmatizada, o falante, prestando mais atenção à linguagem, em um estilo mais cuidadoso, evitará o uso de tal variante no discurso e esforçar-se-á por obter a variante de maior prestígio, mesmo que ela não faça parte do seu vernáculo. Assim, a oposição formalidade *versus* informalidade do discurso pode muitas vezes indicar tendências sobre o futuro das variáveis estudadas.

A dimensão diafásica assume, desse modo, um papel fundamental neste estudo, pois é a partir dela que coletamos e sistematizamos os dados para a análise. Após a coleta nos três estilos – fala espontânea, questionário e leitura -, e uma posterior quantificação e sistematização desses dados, sintetizamos os resultados em três quadros básicos (ver quadros 5, 6 e 7), um para cada estilo, nos quais são apresentados os números de ocorrências de cada variante ([+ita] ou [+ptg]) conforme a idade e o sexo dos informantes.

A análise das demais dimensões de uso do português decorre da interpretação dos resultados apresentados nesses quadros e necessariamente considerará variações de ordem diafásica.

⁴⁷ O ADDU (ver Thun, 1998) contrasta, por exemplo o estilo de leitura (mais formal) com o estilo de entrevista (com um grau de formalidade médio).

Quadro 5: Estilo de fala espontânea (número de cada variante lingüística em 30 min de discurso livre)

Informante	/l/,/w/		/r/		/d/, /t/		/s/, /z/		/ãõ/		/a/		/e/, /o/		TOTAL		%	
	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt
GI masc.	2	0	8	0	7	0	18	0	4	0	3	3	23	5	65	8	89,0	11,0
GI fem.	2	0	6	0	9	0	24	6	3	0	3	3	11	2	58	11	84,1	15,9
GII masc.	6	0	12	0	13	2	8	22	3	1	0	2	21	2	63	29	68,5	31,5
GII fem.	5	0	12	1	15	2	6	21	4	1	0	3	10	3	52	31	63,7	37,3
GIII masc.	5	3	18	0	16	10	0	8	0	3	0	3	9	5	48	32	60,0	40,0
GIII fem.	1	4	8	2	8	4	0	6	0	2	0	4	7	5	24	27	47,1	52,9
TOTAL	21	7	68	3	68	18	56	48	14	7	6	18	81	22	310	138	310	138
%	75,0	25,0	95,8	4,2	79,1	20,9	53,8	46,2	66,7	33,3	25,0	75,0	78,6	21,4	69,2	30,8		

Quadro 6: Estilo de fala em situação de entrevista com questionário: número de ocorrências

(pergunta e resposta – em dez ocorrências por variável lingüística)

	/l/,/w/		/r/		/d/, /t/		/s/, /z/		/ão/		/a/		/e/, /o/		TOTAL		%	
	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt
Informantes																		
GI masc.	50	0	50	0	50	0	18	32	49	1	9	41	50	0	276	74	78,9	21,1
GI fem.	49	1	50	0	36	14	26	24	48	2	9	41	50	0	268	82	76,6	23,4
GII masc.	50	0	50	0	41	9	0	50	37	13	3	47	50	0	231	119	66,0	34,0
GII fem.	37	13	46	4	26	24	0	50	15	35	4	46	44	6	172	178	49,2	50,8
GIII masc.	11	39	28	22	30	20	0	50	6	44	0	50	11	39	86	264	24,6	75,4
GIII fem.	4	46	12	38	33	17	0	50	1	49	0	50	7	43	57	293	16,3	83,7
TOTAL	201	99	236	64	216	84	44	256	156	144	25	275	212	88	1090	1010	1090	1010
%	67,0	33,0	78,7	21,3	72,0	28,0	14,7	85,3	52,0	48,0	8,3	91,7	70,7	29,3	51,9	48,1		

Quadro 7: Estilo de leitura: número de ocorrências de cada variante lingüística na leitura da parábola do semeador

	/l/,/w/ (5)*		/r/ (10)		/d/, /t/ (18)		/s/, /z/ (15)		/ão/ (13)		/a/ (5)		/e/, /o/ (13)		TOTAL (79)		% (79)	
	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt
Informante	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt	+it	+pt
GI masc.	25	0	50	0	90	0	27	48	52	13	4	21	62	3	310	85	78,5	21,5
GI fem.	25	0	50	0	81	9	33	42	44	21	5	20	59	6	297	98	75,2	24,8
GII masc.	25	0	50	0	76	14	0	75	39	26	4	21	64	1	258	137	65,3	34,7
GII fem.	14	11	42	8	49	41	0	75	23	42	1	24	52	13	181	214	45,8	54,2
GIII masc.	4	21	29	21	67	23	0	75	3	62	0	25	19	46	122	273	30,9	69,1
GIII fem.	1	24	14	36	43	47	0	75	0	65	0	25	12	53	70	325	17,7	82,3
TOTAL	94	56	235	65	406	134	60	390	161	229	14	136	268	122	1238	1132	1238	1132
%	62,7	37,3	78,3	21,7	75,2	24,8	13,3	86,7	41,3	58,7	9,3	90,7	68,7	31,3	52,2	47,8		

* Número de ocorrências da variável no texto.

Os gráficos apresentados a seguir, elaborados sobre os dados dos quadros 5, 6 e 7, apresentam os resultados numéricos da pesquisa, na comparação dos três estilos analisados. A partir deles, podemos observar desde já três relações básicas possíveis, equivalentes à manutenção, perda ou variação no uso das variantes. Vale ressaltar que, no caso das variáveis /t, d/ e /s, z/, foi desconsiderada a distinção entre consoante surda e sonora, por considerá-la irrelevante para os objetivos da pesquisa.

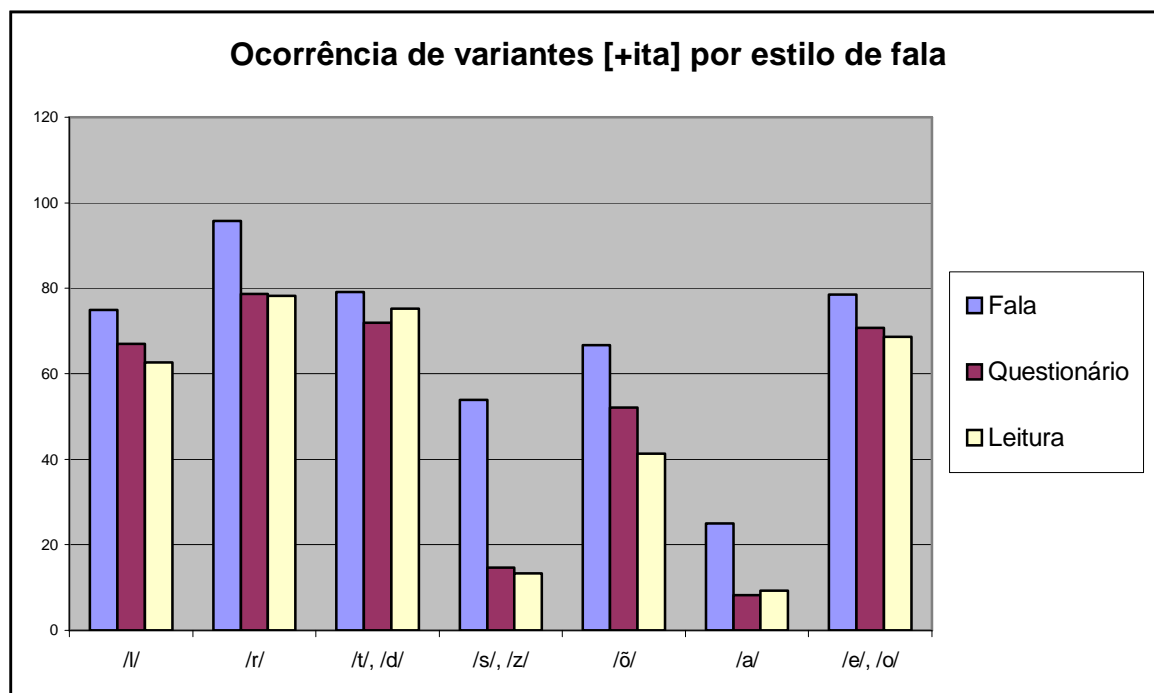


Gráfico 1: Índice de ocorrências de variantes [+ita] para cada uma das sete variáveis estudadas nos três estilos de fala

Este primeiro gráfico reúne o número de ocorrências totais de variantes [+ita] para cada uma das sete variáveis estudadas nos três estilos de fala. Dois fatos chamam a atenção à primeira vista: em primeiro lugar, no eixo das variáveis, a baixa quantidade de ocorrências das variáveis /s, z/ e /a/, justamente aquelas que envolvem fonemas que não pertencem ao sistema fonológico do português; em segundo lugar, no eixo dos estilos de fala, o predomínio geral de traços [+ita] no estilo de fala espontânea sobre os estilos de questionário e leitura, especialmente nessas duas variáveis.. O gráfico permite concluir, além disso, que o processo de *language shift* atinge diferentemente as variáveis lingüísticas em jogo: algumas são mais resistentes e se mantêm por mais tempo; outras sofrem uma substituição gradativa conforme fatores extralingüísticos diversos, como idade e sexo (gráficos a seguir).

Em termos genéricos, considerando a relação entre variantes [+ita] e variantes [+ptg], percebe-se a mesma constatação no tocante ao predomínio de traços [+ita] na fala espontânea. O que chama a atenção é o equilíbrio de resultados nos demais estilos, de leitura e de entrevista. Isso significa que, quando o falante policia a própria maneira de falar em virtude de sentir-se constrangido, ele inibe os traços que caracterizam a fala dialetal, os quais surgem espontaneamente, por outro lado, quando a fala não é monitorada.

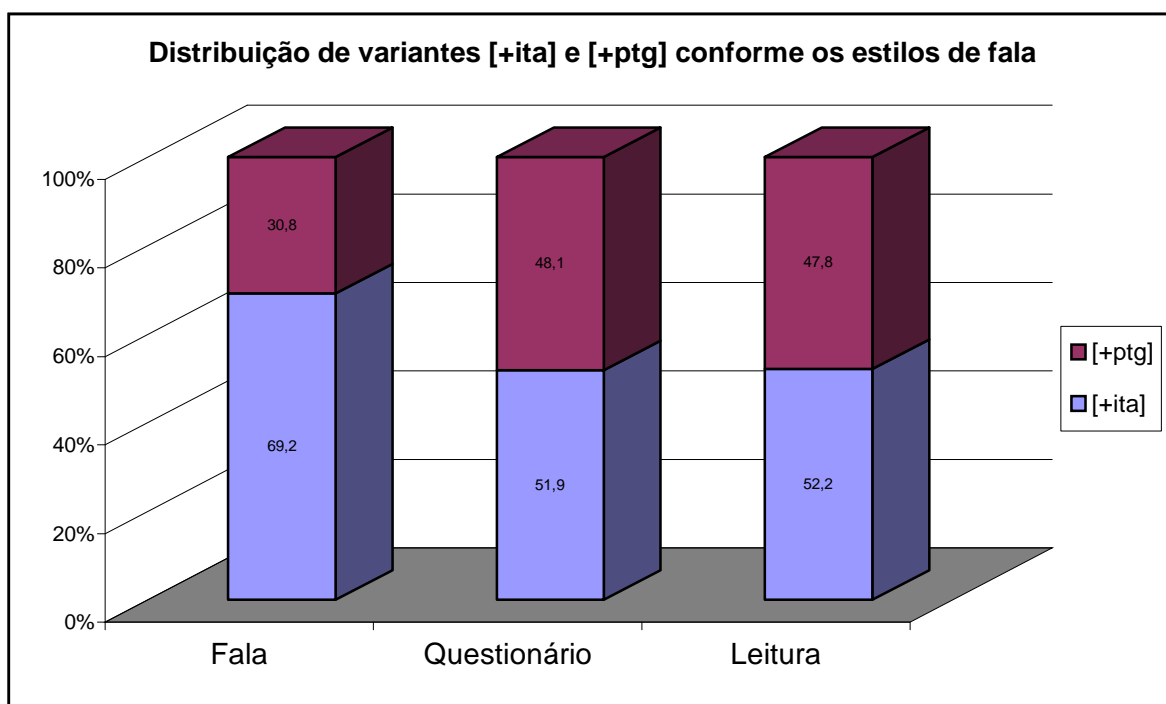


Gráfico 2: Distribuição das variantes [+ita] e [+ptg] conforme os estilos de fala

Embora tenha havido uma semelhança de resultados entre os estilos questionário e leitura, o fato de a ocorrência de variantes [+ita] aumentar em 17% no estilo de conversa livre demonstra que as atitudes dos falantes a respeito da própria língua coíbem os traços que eles mesmos julgavam estigmatizados. Talvez esses julgamentos não sejam percebidos em nível consciente, mas se os falantes usam as variantes [+ptg] à medida que prestam mais atenção à própria fala, isso significa que para eles tais variantes têm mais prestígio.

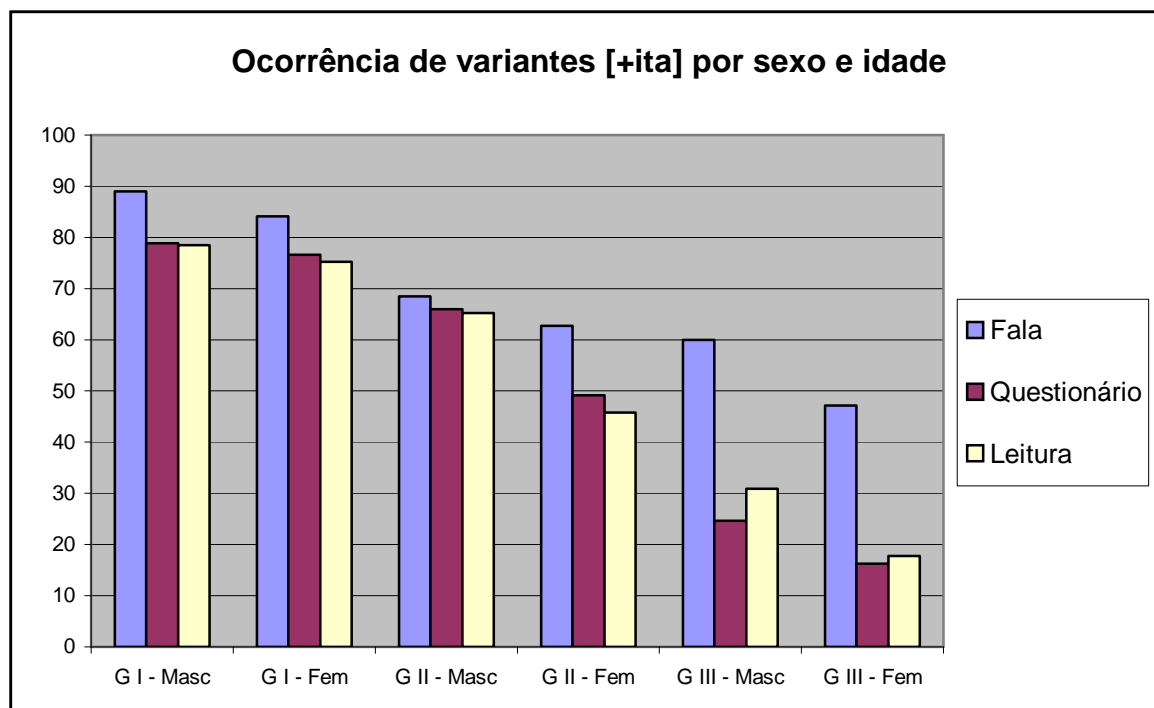


Gráfico 3: Índice de ocorrência de variantes [+ita] conforme sexo e idade dos informantes em cada estilo da fala

Fica evidente, através do gráfico acima, o decréscimo da ocorrência de variantes [+ita] da geração mais velha para as gerações mais novas, levando conseqüentemente à sua substituição gradativa por variantes [+ptg] entre os mais jovens. O estilo de fala mantém-se preponderante para a ocorrência de variantes [+ita] em todas as gerações de falantes. Porém, na geração dos mais jovens, esse predomínio do estilo menos cuidado em relação ao mais cuidado é mais acentuado do que nas outras gerações. Essa variação acentuada na fala da GIII reflete uma preocupação entre os jovens em usar variantes [+ptg] nos estilos mais monitorados.

3.2.2 A dimensão diageracional: como falam os *nonnos*, os pais e os filhos

A próxima pergunta que se coloca diz respeito à variação diageracional e diasssexual, ou seja, como se dá a manutenção, perda ou variação de variantes [+ita] entre homens e mulheres das gerações I, II e III.

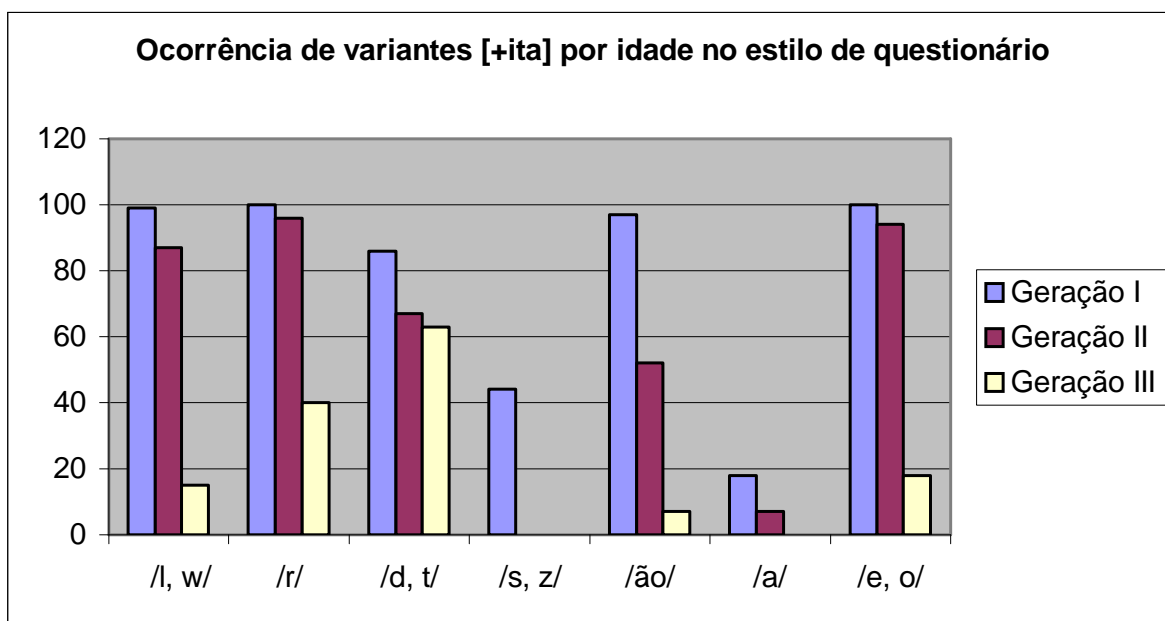


Gráfico 4: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por idade no estilo de entrevista com questionário

Observando nas três gerações o comportamento das variáveis fonéticas selecionadas, pôde-se constatar que há diferenças entre o comportamento das variantes [+ita] que são exclusivas do sistema fonológico do italiano e variantes [+ita] que existem também no sistema fonológico do português (Conferir gráfico 1).

Quando a variante [+ita] pertence também ao sistema fonológico do português, ela aparece na fala tanto dos velhos e adultos como na dos jovens. É o caso de exemplos como /alto/ *versus* /awto/, ou /mentira/ *versus* /mentSira/. Do contrário, quando o fonema existe apenas em italiano, mas não em português, não permanece na fala das gerações mais jovens, como no caso de [jãnta] *versus* [zãnta]. A fricativa /z/, ausente no português não ocorre na fala dos mais jovens, mas está muito presente na fala dos mais velhos, especialmente no estilo de fala espontânea, mostrando uma maior variação diageracional. O mesmo ocorre com o uso da vogal baixa /a/ diante da consoante nasal, como em /manhã/ *versus* /mãnhã/. Como há em português a regra fonológica da nasalização de /a/ diante de nasal, ausente em italiano, constatamos forte presença da variante [+ita] entre os velhos, mas nenhuma ocorrência entre os jovens. Porém, mesmo que tenhamos encontrado um número elevado dessas ocorrências entre os mais velhos, elas ainda são menos frequentes em sua própria fala do que as variantes [+ptg]. Coincidentemente, apenas nessas duas variáveis não há registro de nenhuma variantes [+ita] entre os falantes da terceira geração nos três estilos de fala:

espontânea, questionário e leitura. Esse fato confirma o abandono pelas gerações mais jovens de variantes [+ita] que envolvem fonemas inexistentes em português. O uso dessas variantes encontra-se em retrocesso igualmente na fala dos velhos, de modo que há a possibilidade de desaparecerem gradativamente do português de contato falado na comunidade.

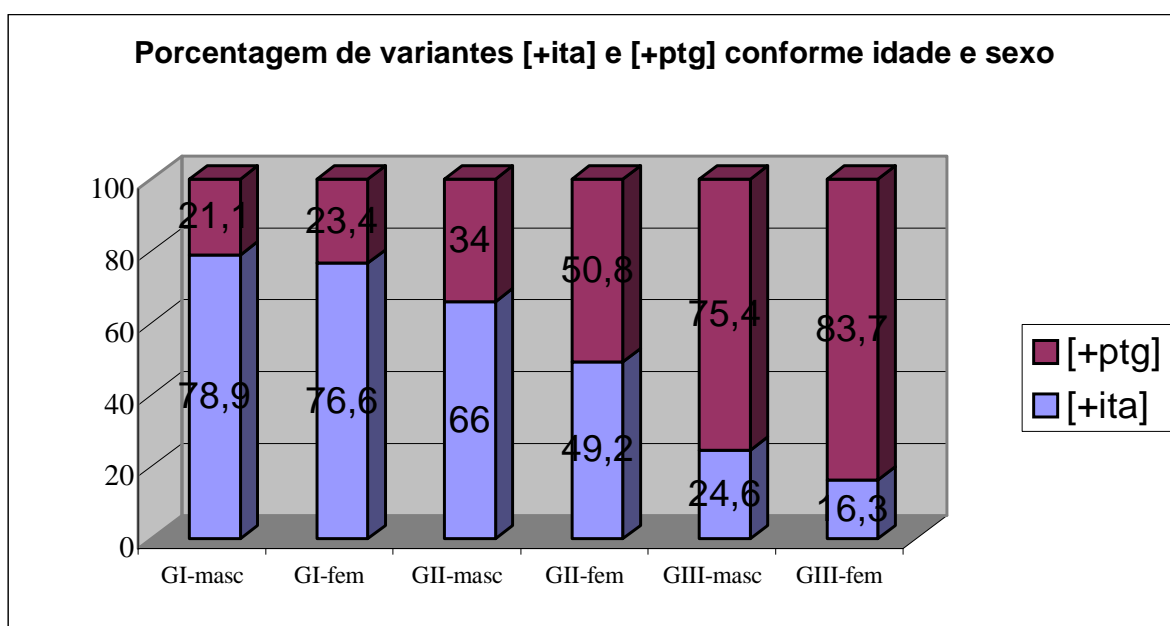


Gráfico 5: Distribuição das variantes [+ita] e [+ptg] conforme sexo e idade

Como não podemos fazer um acompanhamento longitudinal dos falantes desde sua infância até a velhice para estudar os dados em tempo real, a amostragem da comunidade em grupos etários diferentes nos dá um panorama da situação em tempo aparente. Isso significa fazer um recorte transversal na amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Se o uso das variantes inovadoras predomina nos jovens, decrescendo em relação aos informantes mais velhos, pode-se ter uma situação de mudança em progresso.

Ao verificar o comportamento lingüístico de famílias onde a variedade dialetal do italiano ainda subsiste como sistema ativo – mesmo sendo esse fato evidente entre os mais velhos - apresentando forte variação diafásica ou situacional, era de se esperar que os mais jovens, contudo, se aproximassem mais dos traços [+ptg]. Ao contrário, percebemos que suas atitudes em relação às origens, à ancestralidade, à cidade conferem prestígio ao dialeto,

o que se traduz, lingüisticamente, não na manutenção do italiano, mas no uso de traços de interferência [-ita] no português de contato para fins de marcação e reforço da identidade.

O gráfico abaixo, cruzando as dimensões diassexual e diageracional no estilo mais cuidadoso, que é a leitura, demonstra que nas duas gerações mais jovens acentua-se a distância entre o comportamento lingüístico de homens e mulheres, as quais permanecem mais atentas à variação estilística.

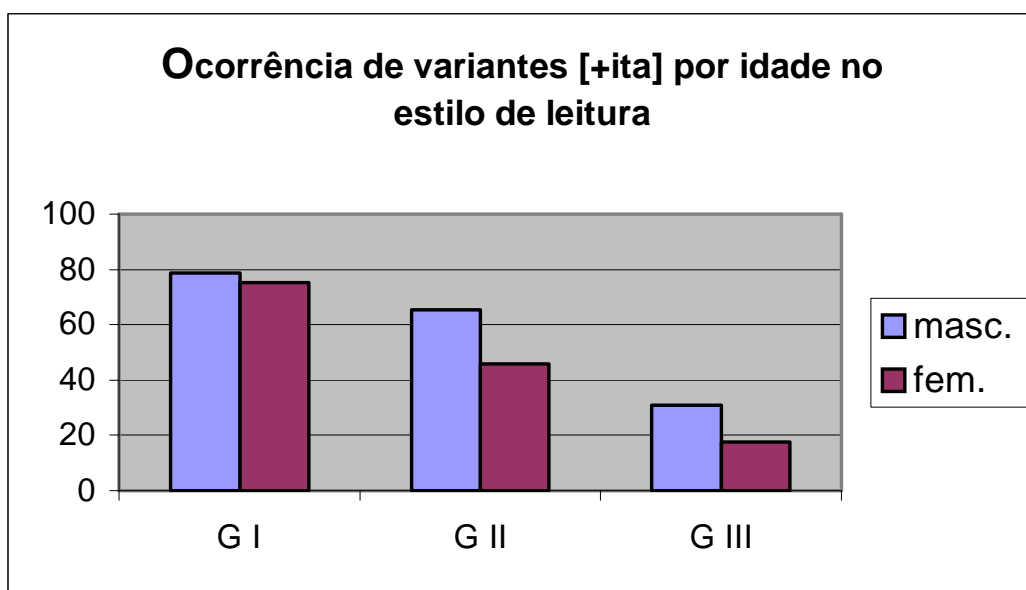


Gráfico 6: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por idade no estilo de leitura.

Em outras palavras, segundo havíamos observado nas atitudes dos jovens, se por um lado parece não haver uma manutenção da língua de imigrantes, os traços do dialeto italiano, ou seja, as interferências fonéticas que se mantêm na sua fala apontam para um reforço da identidade de sua origem.

3.2.3 A dimensão diassexual: diferenças no português dos homens e das mulheres

O parâmetro homem/mulher é um dos que mais gera discussão na literatura sobre estudos variacionistas. Alguns autores já tentaram fazer generalizações a respeito do comportamento lingüístico de homens e mulheres, como por exemplo afirmar que as mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio ou, em caso de mudança, que elas tendem a liderar a inovação. No entanto, sabe-se que o fato de homens e mulheres

apresentarem comportamentos lingüísticos distintos não depende de diferenças biológicas entre os dois sexos, mas de como se comportam na estrutura social da comunidade em estudo⁴⁸. Em certas sociedades, por exemplo, mulheres podem ter uma maior mobilidade social do que homens, enquanto em outras pode ocorrer justamente o contrário. Então, é muito importante considerar que o que determina se homens ou mulheres lideram certo processo de mudança é o papel que eles exercem em cada comunidade específica.

Na análise da comunidade bilíngüe de São Marcos, levantaram-se inicialmente duas hipóteses em relação à variação diasssexual. Uma delas seria de que as mulheres dão preferência ao uso de variantes de mais prestígio, representadas pelas variantes [+ptg], e, em caso de perda de formas [+ita], elas liderariam o processo de mudança. Essa hipótese baseia-se em estudos realizados por uma equipe de bolsistas do projeto VARSUL sobre fenômenos de variação observados na fala de Flores da Cunha, cidade vizinha de São Marcos na região de colonização italiana. Tais trabalhos¹, desenvolvidos durante os anos de 1994, 1995 e 1996 e apresentados nos salões de Iniciação Científica dos respectivos anos, apontaram a grande relevância do parâmetro sexo no estudo da variação lingüística, bem como, no caso, a tendência maior entre as mulheres de aderir às variantes mais inovadoras.

Por outro lado, observando a dinâmica das relações sociais da comunidade, não pudemos deixar de considerar uma segunda hipótese: se São Marcos é a cidade dos caminhoneiros, como já havíamos comentado em 2.2.2, uma representativa parte da população masculina adulta vive muitos dias do mês fora do município, longe do dialeto local e em contato com outras variedades do português. Isso pode levar a supor que são os homens que introduzem na comunidade as variantes inovadoras, já que a maioria das mulheres trabalha como dona de casa, raramente viajando para fora da cidade.

⁴⁸ Daí a opção de muitos teóricos pela noção de gênero para designar essas diferenças em termos de papéis sociais.

1. Os trabalhos mencionados foram apresentados no VI, VII e VIII Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos de 1994, 1995 e 1996 por bolsistas do Projeto VARSUL e foram coordenados pela Professora Clarice Bohn Knies. Seguem-se os títulos dos trabalhos e seus respectivos autores.

- "*Palatalização das oclusivas dentais – um fenômeno de variação lingüística*" (Hilaine Gregis, Maria Rosane Medeiros, Denise Menezes, Clarice Bohn Knies)

- "*O papel do sexo na retenção da oclusiva dental diante de [i] em Flores da Cunha*" (Hilaine Gregis, Carla Elsuuffi Borges, Clarice Bohn Knies)

- "*Alternância entre os ditongos nasais [ãw] e [õw] na zona de colonização italiana do Rio Grande do Sul*" (Hilaine Gregis, Carla Elsuuffi Borges, Clarice Bohn Knies).

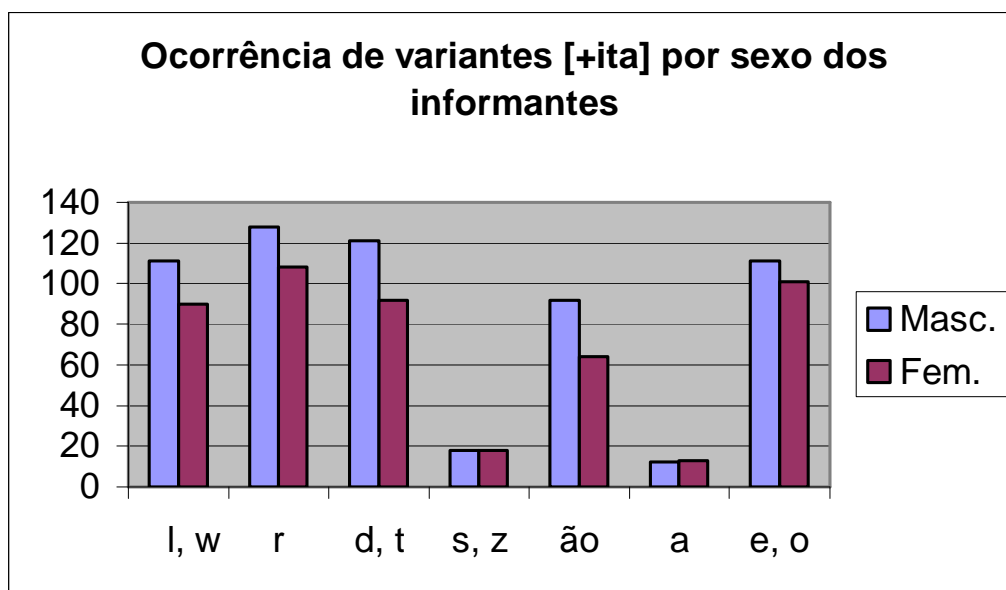


Gráfico 7: Índice de ocorrência de variantes [+ita] por sexo dos informantes

Os dados representados no gráfico acima apontam para a primeira hipótese: as mulheres usam menos do que os homens as variantes [+ita], ou seja, as variantes de menor prestígio. O equilíbrio entre homens e mulheres ocorre apenas com as variáveis /s, z/ e /a/, cujo uso restringe-se à geração mais velha.

Ao efetuar-se o cruzamento dos dados da dimensão diasssexual com a dimensão diafásica (Conferir Gráfico 3), pode-se constatar que essa tendência de escolha pelas formas com mais status é especialmente acentuada entre as mulheres quando se trata de um estilo de fala mais cuidado.

Se, ainda, cruzarmos a dimensão diasssexual com a dimensão diageracional, verificaremos que as mulheres mais jovens lideram com os índices mais elevados o uso das formas de maior prestígio, representadas pelas variantes [+ptg].

3.2.4 A dimensão diatópica: o espaço geográfico ocupado por variantes do português

Em nosso estudo, a variação no espaço é tratada em termos das diferenças entre a fala do meio urbano e do meio rural. Em princípio, achávamos que as variáveis [+ita] seriam mais permanentes no segundo. No entanto, por questões de ordem prática, não

fizemos levantamentos suficientes para abordar essa questão quantitativamente. Das cinco famílias entrevistadas, uma vivia em ambiente rural.

Ao serem indagados sobre como falavam os demais habitantes das comunidades-capelas distribuídas em várias linhas em torno de São Marcos, os membros dessa família de informantes responderam “aqueles de lá falam mais cantado ou mais ligeiro, mas quem fala mesmo esquisito são os que moram no Riachuelo”, referindo-se a um sotaque que se diferenciaria do seu por ser de outra origem que não a do vêneto. Isso revela uma percepção, por parte dos próprios colonos, das diferenças lingüísticas entre as variedades dialetais faladas em cada um das capelas, de base dialetal diversa, como o mantovês por exemplo. Alguns desses dialetos são remanescentes e sobrevivem apenas nas colônias mais isoladas, cujos habitantes têm pouca mobilidade e ainda não sucumbiram ao êxodo rural.

Foi evidente, nas poucas vezes que estivemos entre eles durante a pesquisa de campo, o vigor dos dialetos italianos, que são falados constantemente não apenas entre os mais velhos, como também pelos mais jovens. Essa foi talvez a principal diferença constatada entre o meio rural e o meio urbano: que nas nas colônias as gerações jovens também dominam a fala dialetal italiana, ficando na cidade o uso do italiano restrito às gerações mais velhas. Ou seja, a variação diageracional não é tão grande no campo como o é no meio urbano.

3.2.5 A dimensão dialingual: o comportamento dos falantes monolíngües

A industrialização, além de provocar o êxodo rural, trouxe para São Marcos migrantes de outros municípios. Em 1970, havia 1.541 pessoas não-naturais do município. Em 1980, segundo Rizzon & Possamai (1987), 3.921. Essas pessoas, em sua grande maioria luso-brasileiros, migraram principalmente dos Campos de Cima da Serra e da área da Campanha gaúcha, zonas que atualmente vivem um momento de estagnação e decadência econômica.

Nossa hipótese inicial era de que, com o objetivo de integrar-se à sociedade de descendentes de italianos, esses migrantes adotassem as variantes [+ita]. Observamos, antes mesmo de começar as entrevistas com os questionários, que o grau de ocorrência das variantes [+ita] coincidia não apenas com o grau de bilingüismo dos falantes bilíngües descendentes de italianos, mas também se estendia aos falantes monolíngües de

ascendência luso-brasileira. Portanto, a apropriação de variantes [+ita] por falantes monolíngües em português mostra o grau de integração dos traços de interferências em São Marcos. Estamos, desse modo, diante de um indicativo claro da força social dos traços [+ita] na expressão da identidade local dos descendentes. Mas como explicar que as variantes [+ita] representam mais *status* e menos *status* ao mesmo tempo?

Essa resposta depende da posição social dos falantes de português em relação aos falantes bilíngües. O português como língua das telecomunicações, da imprensa, da escola, da política, enfim como língua oficial do Brasil, representa para os ítalo-descendentes uma língua de prestígio, em oposição ao seu “sotaque” estereotipado e discriminado como “fala de colono”. Por outro lado, esses mesmos italianos, em relação aos migrantes oriundos de outras partes do Estado, estão “melhor de vida”, têm emprego, terrenos, casa própria, carro, caminhão, animais, lavoura. Por isso, o português falado pelo elemento luso em situação econômica desfavorável, desempregado e sem posses, que deseja integrar-se no fechado sistema social do italiano, incorpora características da fala dialetal italiana, com vistas a uma melhor aceitação dentro do grupo. Enfim o temos evidenciado nessa situação remete pelo menos em parte ao que já havíamos exposto acerca do comportamento em relação à identidade, no seu caráter situacional, e os prestígio encoberto da variedade italiana (ver 3.1.5).

3.2.6 A dimensão diarreferencial: como os falantes vêm sua maneira de falar

A dimensão diarreferencial diz respeito à avaliação que os falantes fazem da linguagem relacionada ao seu meio social. Positiva, neutra ou negativa? Infelizmente, por tratar-se de uma postura subjetiva de cada falante sobre sua língua, envolve dados difíceis de registrar e sistematizar. Por essa razão, limitamo-nos à análise de comentários metalingüísticos, ou seja, daqueles depoimentos emitidos expressamente pelos informantes. Com isso, está-se recolhendo indicativos que subsidiam a definição do *status* social de maior ou menor prestígio, maior ou menor estigmatização de determinada fala, grupo ou variante.

Já vimos que a língua falada reflete a cultura de uma comunidade bem como as relações sociais entre os seus membros e suas atitudes quanto ao comportamentos dos membros da comunidade. Assim, é inevitável que, ao ouvir ou ao falar determinada variante, os indivíduos reajam de forma a lhe atribuir valores, avaliando subjetivamente o falante.

Em São Marcos, como já havíamos mencionado anteriormente, as atitudes variam no que diz respeito à variação dialingual – como se dá a relação de prestígio ou estigma entre aqueles que dominam a variedade dialetal do vêneto e os que não a dominam – e serão orientadas conforme os efeitos sociais que produzem junto à comunidade de fala. Não há dúvida de que dominar ambas as línguas é um diferencial e conta como um elemento delimitador de uma fronteira não apenas regional e étnica, mas também identitária, embora às vezes essa marca definidora que é o sotaque seja negado num movimento de auto-depreciação. Isso nos leva a crer que trata-se de uma situação de prestígio encoberto (*couvert prestige*), o que se confirma através dos comentários metalingüísticos que os falantes tecem a respeito da própria fala.

Por exemplo: em algumas ocasiões percebemos que, quando os jovens imitam a fala dos *nonnos*, geralmente com um conotação jocosa, ressaltam, coincidentemente, as duas variantes [+ita] que são exclusivas do sistema fonético do italiano, cujo uso restringe-se à fala dos mais velhos (Conferir gráfico 1). Ao fazerem essas brincadeiras, exagerando as variantes /a/ diante de nasal e as sibilantes aproximadas /s/ e /z/, os jovens demonstram que têm uma consciência dos traços que diferenciam a maneira de falar dos seus avós da sua própria. Portanto, a variação diarreferencial confirma os dados que já havíamos obtido por meio da observação do discurso livre e do questionário para a variação diageracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se la previsione é che restano pochi anni di vita alla *koinè* vêneta, molto meno tempo è riservato agli altri dialetti specifici. Tutti i dialetti italiani della RCI tendono a sparire, però quelli che sono parlati da un minor numero di individui, si estingono piú rapidamente. Studi scientifici dei dialetti italiani sarebbero un supporto prezioso tanto per studi della lingua portoghese da RCI quanto per l'applicabilità di questi nel campo dell'insegnamento. (...) Il progresso e lo sviluppo economico della RCI stanno facendo scomparire senza pietà l'identità del gruppo e l'universo culturale che gli è peculiare. Ancora si è in tempo di fare qualcosa, ma è urgente che si faccia. È necessario che per lo meno i libri parlino alle generazioni venturose della storia umana, allo stesso tempo bella e triste, di questo gruppo etnico che, nell'anonimato, soffre, lavora e costruisce. È necessario che si vada fino in fondo nel suo linguaggio, che pur nella sua connotazione sociale all'interno della comunità maggiore in cui è inserito, rappresenta la marca, il carattere culturale della nazione di origine di cui ancora egli conserva le radici. (FROSI, 1987b: 230)⁴⁹

O estudo que apresentamos pretendeu contribuir para o âmbito mais abrangente dos estudos variacionistas do português falado no Brasil, em especial considerando o escopo teórico da Dialetologia Pluridimensional, dada a intenção futura de abarcar áreas mais amplas. O objeto de estudo escolhido enfocou um aspecto da *language shift*, analisando a transferência de traços do italiano para o português de contato falado na comunidade bilíngüe de São Marcos, na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, a conclusão maior a que chegamos foi demonstrar que se dá de forma gradual e variável a mudança do estágio [+ita] e, diacronicamente, mais monolíngüe em italiano, passando pela co-ocorrência de variantes [+ita] e [+ptg] e de bilingüismo estável, até a ausência de traços [+ita] e sua substituição por traços [+ptg], com possível estágio de monolingüismo em português, isto é, essa mudança atinge não o todo de forma homogênea e simultânea, mas apenas partes do sistema conforme as variáveis lingüísticas

⁴⁹ Tradução: “Se a previsão é de que restam poucos anos de vida á *koiné* vêneta, muito menos tempo é reservado aos outros dialetos específicos. Todos os dialetos italianos da RCI tendem a desaparecer, mas aqueles que são falados por um menor número de indivíduos se extinguem mais rapidamente. Estudos científicos dos dialetos italianos serão um suporte precioso tanto para os estudos da língua portuguesa da RCI quanto para a aplicabilidade destes no campo do ensino. O progresso e o desenvolvimento econômico da RCI estão fazendo desaparecer sem piedade a identidade de grupo e o universo cultural que lhe é peculiar. Ainda assim está em tempo de fazer alguma coisa, mas é urgente que se faça. É necessário que ao menos os livros falem ás gerações vindouras da história humana, ao mesmo tempo bela e triste, desse grupo étnico que, no anonimato, sofreu, trabalhou e construiu. É necessário que se vá a fundo na sua linguagem, que mesmo na sua conotação social dentro da comunidade maior em que está inserida, representa a marca o caráter cultural da nação de origem da qual ainda conserva as raízes.”

e os parâmetros de uso dessas variáveis (sexo, idade, estilo, etc.). O que ficou evidente nos resultados é que, mesmo ocorrendo a substituição de uma língua pela outra, subsistem no repertório da comunidade, por muito tempo ainda, traços da língua substituída, os quais assumem papéis sociais relevantes na interação entre os falantes, por exemplo como marcas de identidade e de valores sócio-culturais.

Pode-se conceber essa transferência de traços da língua minoritária para a majoritária, no caso da variedade do italiano para o português de contato, usando a imagem de um filtro, formado por diferentes dimensões de uso da língua, que esses traços atravessariam, com um maior ou menor grau de retenção, dependendo da densidade do mesmo filtro. As duas perguntas principais que se colocam, então, são “o que retém/conserva ou muda/inova mais?” e “o que tende a ser mais retido/conservado ou mudado/substituído?” Assim, a variação no comportamento de cada variável deve-se a uma série de fatores que investigamos ao longo do estudo e que podemos resumir nos seguintes tópicos:

(1) Há uma clara diferença entre o uso do português nas três gerações de informantes de nossa pesquisa. Conforme demonstrado no gráfico 3, há um decréscimo do uso de variantes [+ita] da GI para a GIII. Em outras palavras, o português de contato falado pelos mais jovens apresenta menor número de traços de interferência fonética do italiano no português da comunidade. Isso deve-se primeiramente ao fato de que a geração dos pais limita-se a falar o dialeto vênето com os *nonnos*, mas não é seu hábito falá-lo com os filhos. Em segundo lugar, o português constitui a língua que as crianças estudam formalmente na escola, é a língua dos veículos de comunicação, enfim, é a língua do meio social.

(2) Contrariando nossa hipótese inicial, as mulheres mostraram-se mais inovadoras em sua fala do que os homens, preferindo o uso das variantes [+ptg] nas três gerações e especialmente quando o estilo de fala é mais monitorado. Tal resultado indica que elas estariam mais preocupadas em se adequar aos novos paradigmas, evitando o preconceito que as variantes [+ita] poderiam causar. No entanto, para afirmar que as mulheres têm um papel de liderança na mudança lingüística, teríamos que realizar um estudo mais aprofundado, relacionando esse uso da linguagem às motivações e papéis sociais assumidos por elas na comunidade.

(3) Na comparação entre as famílias pesquisadas, quatro constituídas por descendentes de italianos e uma por luso-brasileiros, constatamos que, mesmo sem ascendência italiana, a fala dos luso-brasileiros monolíngües apresenta uma série de interferências fonéticas do dialeto vêneto, ou seja, houve uma acomodação à situação lingüística local, devida ao reconhecimento, por parte desses falantes das vantagens de adequar-se ao português de contato dominante na comunidade, já que ele constitui um mecanismo de inserção nessa sociedade. Por outro lado, percebemos também que a principal motivação dos jovens para a manutenção de traços [+ita] em sua fala diz respeito justamente a uma certa segregação desse elemento luso.

(4) Enfim, o português falado atualmente na comunidade bilíngüe de São Marcos configura-se como uma variedade de contato caracterizada pela presença de traços que o vinculem ao italiano, principalmente no que tange a interferências fonéticas⁵⁰. No entanto, como vimos, essa variedade não é homogênea para todos os falantes da comunidade, e seu uso apresenta uma variação significativa nas diversas dimensões, de acordo com a faixa etária, o sexo, o estilo de fala, o grau de bilingüismo, etc. Dentre as variáveis pesquisadas, as mais resistentes à mudança envolvem as variantes [+ita] que pertencem também ao sistema fonológico do português. Por outro lado, as variáveis em processo avançado de substituição por variantes [+ptg] equivalem a fonemas existentes apenas no italiano, e não no português. Em síntese, os parâmetros que mais favorecem a escolha pelas variantes [+ptg] parecem ser: geração dos mais jovens, sexo feminino, estilo de fala espontânea, ambiente urbano.

Portanto, embora ainda ocorra a manutenção de traços da língua italiana no português falado na comunidade, parece haver indícios de um progressivo abandono dos dialetos italianos enquanto sistemas lingüísticos independentes, uma vez que o vínculo dos membros da comunidade com a cultura que veiculava esses dialetos torna-se cada vez mais raro. No entanto, há um comportamento ambíguo por parte dos jovens locais, pois apesar de negarem muitas vezes a sua origem e não fazerem questão de manter elementos que os identifiquem aos antepassados, eles desenvolveram outras estratégias para manter sua identidade. Ou seja, ao se manter traços do italiano no português local, criam-se outras características de identificação, e por outros motivos que não a manutenção de uma cultura

⁵⁰ Os outros fenômenos observados na pesquisa de campo, como empréstimos lingüísticos, variação morfossintática, code-switching, etc. não são abordados neste trabalho.

ancestral, mas a valorização do que se tem aqui e agora, a solidificação de um sentimento de grupo.

Nessa mesma linha de pensamento, Frosi & Mioranza (1983) afirmam que “em breve espaço de tempo, os dialetos no Brasil deixarão de existir como sistema lingüístico de comunicação.” No entanto, os autores apresentam algumas possibilidades de sobrevivência dos dialetos italianos no Brasil, como o seu uso como língua de mercado, ou como um veículo de transmissão de valores culturais, ou ainda como sistema de comunicação nos núcleos familiares. Sugerem, então, “formas de favorecer a preservação, a continuidade e o incentivo do uso do dialeto italiano”: incentivar as canções dialetais, pesquisar e registrar a tradição oral, como provérbios e histórias, divulgar e incentivar a literatura escrita em dialeto.

Na nossa opinião, esse retorno às origens, motivado por um saudosismo e por pretensões muitas vezes utópicas, pode tocar as gerações mais antigas, mas não encontra *a priori* a mesma motivação nas gerações mais jovens. Além disso, se por um lado temos a possibilidade de tentar proteger um patrimônio cultural, por outro lado não é igualmente fácil preservar um sistema lingüístico⁵¹.

Inevitável e lentamente, como qualquer língua, o português de contato da RCI está em transformação. E não se pode pretender que os dialetos italianos sejam conservados apenas como veículo de transmissão de valores e de costumes às gerações mais jovens.

Observando de perto essa lenta e gradual transformação, ao longo de três gerações de falantes, podemos apontar o provável destino desses dialetos italianos trazidos pelos imigrantes há mais de um século. No entanto, não podemos desejar ou defender que eles sejam preservados como se fossem uma espécie animal em extinção. O próprio comportamento lingüístico das gerações mais jovens é que há de provar se há motivação para que isso ocorra ou não.

Finalmente, é importante ressaltar que a principal contribuição deste estudo para nossa formação teórico-metodológica foi a percepção de que a variação lingüística - independentemente do emaranhado de modelos teóricos que tentam explicá-la, cada qual com sua terminologia - é multidimensional, e por isso deve ser considerada e explicada em todas as dimensões para onde se estende essa variação. A análise de uma mudança em

⁵¹ Veja-se Kaufman (2001, no prelo).

curso será tanto mais completa quanto forem consideradas simultaneamente as diversas dimensões que interferem nesse processo, sejam elas de ordem diageracional, diafásica, diassexual, diarreferencial, etc. Neste sentido, esta pesquisa propiciou-nos o ensinamento de que é preciso buscar uma ciência ampla da variação, que contemple as múltiplas facetas do espectro variacional.

BIBLIOGRAFIA

- ALERS - *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. v. 1: Introdução*. Org. ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo & KOCH, Walter. Porto Alegre : Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002. 116 p.
- ALERS - *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. v. 2: Cartas fonéticas e morfos-sintáticas*. Org. ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo & KOCH, Walter. Porto Alegre : Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Editora da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2002. 430 p.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996. 444 p. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.)
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do "Hunsrückisch" no Rio Grande do Sul*. In: Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a. M. : TFM, 2000. p. 79-93.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Áreas lingüísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS*. In: VANDRESEN, Paulino (ed.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas : Ed. da UCPEL, 2002a. p. 115-145
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson: *O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português)*. In: Martius-Staden-Jahrbuch 49/50, São Paulo, 2002b. p. 141-161
- APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London: Arnold, 1992. 213 p.
- Atlas Socioeconômico: Estado do Rio Grande do Sul / Rio Grande do Sul*. Secretaria da Coordenação e Planejamento. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre : SCP, 2002. 112 p.
- AZEVEDO, Thales de. *Os italianos no Rio Grande do Sul. Cadernos de Pesquisa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994. 507 p.
- BATTISTEL, Arlindo & COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografia*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Editora da UCS, 1983.
- BELLMANN, Günter. *Zweidimensionale Dialektologie*. In: BELLMANN, Günter (Hrsg.). *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart: Steiner, 1986. p. 1-55. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 10.)

- BELLMANN, Günter. *Arealität und Sozialität? Avec un résumé en français*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 50-77.
- BISOL, Leda. *A palatalização e sua restrição variável*. In: Encontro de Variação Lingüística e Bilingüismo na Região Sul. (4. : 1986 : Porto Alegre). *Anais...* Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras, 1986. p. 31-37.
- BLOM, Jan-Petter & GUMPERZ, John J. *O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega*. [1972] In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre : AGE, 1998. p. 31-56.
- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2. ed. Prefácio Sérgio Miceli. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1998. 191 p. (Clássicos; 4.) [CVA]
- BORN, Joachim. *Minderheiten, Sprachkontakt und Spracherhalt in Brasilien*. In: KATTENBUSCH, Dieter [org.]: *Minderheiten in der Romania*. Wilhemsfeld: Egert, 1995. p. 129-158.
- BRANDÃO, Sílvia F. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991. 88 p. (Série Princípios)
- BUNSE, Heinrich A. W. *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 1975. 68 p. (Monografias; 01.)
- BUNSE, Heinrich A. W. *O vinhateiro: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; IEL, 1978. 116 p.
- BUNSE, Heinrich & KLASSMANN, Mário S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul (problemas, métodos, resultados)*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969. 60 p.
- CARBONI, Florence. *A origem italiana dos falares da Serra gaúcha*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Org. Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, Maria Beatriz Pinheiro Machado. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 281-294
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA: conferências e mesas-redondas. (1. : Salvador : 1994). *Atas...* Salvador: ABRALIN; FINEP; UFBA, 1996. vol. 1, p. 181-186
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. *Situação do dialeto vênето no Rio Grande do Sul*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 251-254

- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina. Imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991. 180 p.
- COSERIU, Eugenio. *La Geografía Lingüística*. Montevideo: S.e., 1955.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido e tareas de la dialectología*. In: Cuadernos de Linguística 8 (Asociación de linguística y filología de la América Latina - ALFAL). México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.
- COSTA, Rovílio et al. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. 2. impr. rev. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 1986. 104 p.
- COSTA, Rovílio. In: DE BONI, Luís Alberto. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. Volume III. Porto Alegre: EST/ Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 531-543.
- COSTA, Rovílio. & DE BONI, Luís Alberto. “Nós, os gringos.” In: MAESTRI, Mário et al. (orgs.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996. 18-23.
- COSTA, Rovílio & MARCON, Itálico. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Caxias do Sul: EDUCS; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1988. 226 p. (Coleção Imigração Italiana; 87.)
- DAL’CORNO, Giselle Olívia Mantovani & SANTINI, Mara Suzana. *Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul*. In: Coletânea CCHA: Cultura e Saber. Caxias do Sul: UCS, 1998. 140 p.
- DALL’ALBA, Eduardo. “Uma história que se conta”. In: MAESTRI, Mário. (Coord.) *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996. 24-28.
- DE HEREDIA, Christine. *Do bilingüismo ao falar bilíngüe*. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP) : Ed. da UNICAMP, 1989. p. 177-220
- DIEBOLD Jr., A. Richard. *Incipient bilingualism*. In: Language, Baltimore, v. 37, n. 1, p. 97-112, 1961.
- EDWARDS, John. *Multilingualism*. London; New York : Routledge, 1994. 256 p.
- ERTHAL, Cecília Inês. *A sociolinguistic analysis of bilingualism at Antônio Rebouças*. Curitiba: Pós-Graduação em Letras da UFPR, 1977. 94 p.
- FAÉ, Walter José. *Italianos no Rio Grande do Sul: 1875-1975*. Americana (SP): FOCAM, 1975. 229 p.
- FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo : Ática, 1998. 136 p. (Série Fundamentos; 78.)
- FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. In: Word, New York, n. 15(2), p. 325-340, 1959.
- FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. In: FERGUSON, Charles A. *Language Structure and Language Use*. Essays. Selected and introduced by Anwar S. DIL. Standford: Standford University Press, 1971. [1959]. p. 126.

- FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. Trad. Maria da Glória Ribeiro da Silva. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. [org.]. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro : Eldorado Tijuca, 1974. p. 99-118.
- FERNANDEZ, Francisco Moreno. *Método geolingüístico y método sociolingüístico. El factor "sexo" en los atlas*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald. (ed.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. 648 p.
- FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. In: *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, 1967. p. 29-38
- FISHMAN, Joshua A. *The relationship between micro- and macrosociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when*. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, J. [eds.]. *Sociolinguistics*. Harmondsworth : Penguin Books, 1972. p. 15-32.
- FRANZINA, Emilio. *Pátria, região e nação: o problema da identidade na Imigração Italiana na América Latina*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Org. Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, Maria Beatriz Pinheiro Machado. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 13-43
- FROSI, Vitalina. *I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socio-culturale ed economico: prevalenza del dialetto veneto*. In: LO CASCIO, Vincenzo (a cura di). *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice Le Monnier, 1987a. p. 136-163.
- FROSI, Vitalina Maria. *Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana*. In: MEO, Zilio Giovanni (org.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I: America Latina, prime inchieste e documenti. Venezia: Junta Regionale Regione Veneto, 1987b. 215-236.
- FROSI, Vitalina Maria. *A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil*. In: NÓS, OS ÍTALO-GAÚCHOS. 2. ed. Org. Mário Maestri et al. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 158-167
- FROSI, Vitalina Maria & MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: EDUCS, 1975. 84 p.
- FROSI, Vitalina Maria. & MIORANZA, Ciro. *Dialetos Italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983. 525 p.
- GAL, Susan. *Language shift. Social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. New York; San Francisco; London : Academic Press, 1979. 201 p.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. United States of America, 1982.
- GUMPERZ, J. J. *Social network and language shift*. Working Paper, n. 46, Berkeley: Language Behavior Laboratory, 1976.
- GUY, Gregory. *Language and social class*. In: NEWMAYER, F. J. (ed.). *Linguistics: The Cambridge Survey vol. IV. Language: The socio-cultural context*. Cambridge: CUP, 1988.

- GUY, Gregory. *The sociolinguistic types of language change*. In: *Diachronica*, Philadelphia, v. 7, n. 1, 1990.
- HAUGEN, Einar. *Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide*. Alabama: American Dialect Society, 1956. Fourth Printing 1974. 159 p. (Publication of the American Dialect Society; 26)
- KAUFMANN, Göz. *Language maintenance and reversing language shift*. In: *Sociolinguistics: an International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. [no prelo]
- KLOSS, Heinz. *German-american language maintenance efforts*. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague : Mouton, 1966. p. 206-252.
- KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 1974. 90 p.
- KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 307-322.
- KOCH, Walter. *O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69
- KOCH, Walter & ALTENHOFEN, Cléo V. *Projeto de mapeamento do bilingüismo no Rio Grande do Sul*. In: Encontro de Estudos do Bilingüismo e Variação Lingüística da Região Sul (5. : 1986 : Florianópolis). *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1986. p. 211-221
- LABOV, William F. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LORENZATTO, Pe. Antônio Domingos. *Os Vênetos, nossos antepassados*. Porto Alegre: EST, 1998. 201 p.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *El nostro parlar (e outras crônicas)*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1993. 133 p. (edição bilíngüe talian-português)
- LUZZATTO, Darcy Loss. *Talian (vêneto brasileiro), sem mestre*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1997. 262 p.
- MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMANN, Joshua A. (ed.). *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.
- MAESTRI, Mário. *A travessia e a mata: memória, mito e história na imigração italiana para o RS*. In: SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 1168 p. 761-781
- MOLON, Floriano. "O significado dos carreteiros na economia da imigração italiana no Rio Grande do Sul" In: DE BONI, Luís Alberto. (Org.) *A Presença Italiana no Brasil*. Volume ?. Porto Alegre: EST/ Torino: Fondazione Giovanni Agnelli (1987, 1990, 1996). 503-529.

- NAJAB, Faycal. *O sujeito bilíngüe; abordagem cognitiva*. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP) : Ed. da UNICAMP, 1989. p. 221-245
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico*. In: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis : Insular, 2000. p. 83-92
- PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. *O pronome ético: uma característica dialetal*. [Diss. de Mestrado] Porto Alegre: UFRGS, 1992. 146 p.
- PESAVENTO, Sandra J. *O Imigrante na política rio-grandense*. In: BARROS, ELIANE Cruxen et alii (orgs.). *RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 156-194.
- POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983. 600 p. (Assim vivem os italianos; 4.)
- POSENATO, Júlio. *Talian: língua e identidade cultural*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 255-280
- RADTKE, Edgar & THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. 648 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)
- RADTKE, Edgar. *Spostamenti di isoglosse dovuti a differenziazioni generazionali*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald. (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 149-163.
- RIBEIRO, In: DE BONI, Luís Alberto. (Org.) *A presença italiana no Brasil*. Volume III. Porto Alegre: EST/ Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 555-576.
- RIZZON, Luiz Antônio & POSSAMAI, Pe. Osmar João. *História de São Marcos*. São Marcos: Ed. dos Autores, 1987. 472 p.
- ROCHE, Jean. *As bases físicas da ocupação do solo no Rio Grande do Sul*. In: AB'SÁBER, Aziz Nacib & ROCHE, Jean (orgs.). *Três estudos rio-grandenses*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Filosofia, 1966. p. 29-64.
- SABATINI, Mario. *La Regione di Colonizzazione Italiana in Rio Grande do Sul: Gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Cultura, 1975.
- SABATINI, Mario & FRANZINA, Emilio. *I Veneti in Brasile nel Centenario dell'Emigrazione (1876 – 1976)*. Vicenza: Accademia Olimpica, 1977.
- SANTOS, Salette Rosa Pezzi. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. [Diss. de Mestrado]
- SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade, pluralismo e a imigração no Brasil*. In: REICHEL, Heloisa Jochims & GUTFREIND, Ieda [org.]. *América platina e historiografia*. São Leopoldo (RS) : UNISINOS/Programa de Pós-Graduação em História, 1996. p. 99-127.

- SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Org. Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, Maria Beatriz Pinheiro Machado. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. 500 p.
- STAWINSKI, [Frei] Alberto Vitor. *Dicionário vêneto sul-rio-grandense-português. Com breves noções gramaticais do idioma vêneto sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1987. 352 p.
- STAWINSKI, [Frei] Alberto Victor. *Gramática e vocabulário do dialeto italiano rio-grandense. [Suplemento de Nanetto Pipetta, 1988]*. 4. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1988. 124 p.
- STAWINSKI, [Frei] Alberto Vitor. *Dicionário / Dizionario Vêneto-Português-Italiano*. Versão italiana a cura di Ulderico Bernardi & Aldo Toffoli. S.l., UTRIM, 1995. LXXXIX, 771 p.
- SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 1168 p.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985. 96 p. (Série Princípios)
- TARALLO, Fernando. & ALKMIN, Tânia. *Falares Crioulos. Línguas em Contato*. São Paulo: Ática, 1987. 142 p.
- THUN, Harald. *Atlanti Linguistici dell'America Latina*. In: *Atlanti Linguistici Italiani e Romanzi: Esperienze a Confronto*. Palermo: Centro di Studi Filologici e linguistici Siciliani, 1992.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimension topodinámica. Los montevideanos en Rivera*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*: Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.
- THUN, Harald. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729; resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789
- THUN, Harald. *O português americano fora do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 185-227
- THUN, Harald. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL (1. : 1996 : Porto Alegre) *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, [2002, no prelo]
- TITONE, Renzo. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma: Armando, 1993. 455 p.
- TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford : Basil Blackwell, 1974a. [CVA: cap. 1, 2]
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction*. Harmondsworth : Penguin Books, 1974b. 189 p.

- VANDRESEN, Paulino. *Contatti linguistici in Brasile - tedesco, italiano e portoghese*. In: Parallela 3. Linguistica contrastiva/Linguaggi settoriali/Sintassi generativa. Atti del 4º incontro italo-austriaco dei linguisti a Vienna 15-18 settembre 1986. Org. por DRESSLER, Wolfgang U. et al. Tübingen: Narr, 1987. p. 94-102.
- VANDRESEN, Paulino. *O ensino de português em áreas bilíngues: uma perspectiva histórica*. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística: conferências e mesas-redondas. (1. : Salvador : 1994.) Salvador: ABRALIN; FINEP; UFBA, 1996. v. 1, p. 317-320.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact. Findings and problems*. 7. ed. The Hague; Paris: Mouton, 1970. 149 p.
- WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. 343 p.
- ZILIO, Giovanni Meo. *Um altro Veneto in Brasile: profilo per una storia dei veneti nel Rio Grande do Sul*. In: SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 493-497.